



CELIA BRYCE

UMA
canção
para
JACK





UMA
canção
para
JACK

CELIA BRYCE

UMA
canção
para
JACK





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Marcia Alves
Tradução: Lavínia Fávero
Preparação: Luciana Araujo
Revisão: Cássia Land
Capa e design: Pamella Destefi
Imagem de capa: Aleshyn_Andrei
EPUB: Pamella Destefi

Título original: *Anthem for Jackson Dawes*

© Celia Bryce, 2013
© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 04020-041 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-722-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bryce, Celia

Uma canção para Jack [livro eletrônico] / Celia Bryce; [tradução Lavínia Fávero]. – 1. ed.
– São Paulo: Veragara & Riba Editoras, 2014.

1 Mb; e-PUB

Título original: Anthem for Jackson Dawes.
ISBN 978-85-7683-722-0

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

14-05652 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Para
Deanna Hall
(1971-1979)
e
Vaila Mae Harvey
(1991-2008)

*Jackson Dawes,
Da altura das portas,
parado em pé
com aquele
chapéu velho e surrado,
cantando aquelas
velhas
canções,
dedilhando o suporte do soro
como se fosse um contrabaixo.
Badum, dum, dum, dum;
badum, dum, dum, dum.
Seus quadris gingham de leve,
a cabeça acompanha,
o sorriso é largo,
do tamanho
do sol,
como se aquele fosse
um dia qualquer, como se o mundo
não pudesse ficar melhor
como se o futuro
fosse mais brilhante
que
as estrelas.*

*Megan Bright, Megan Silver,
ele canta daquele seu jeito.
Megan Bright, Megan Silver...*

Um

– Agora que você já sabe o que eu penso sobre hospitais, pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite.

A voz do avô parecia muito distante – ele soava mais velho do que já era –, como se estivesse em outro planeta, e não do outro lado da linha.

Era o primeiro dia de Megan no hospital.

– Eu sei – disse, tentando parecer corajosa, querendo que tudo melhorasse sem precisar ficar internada.

A menina seguiu sua mãe através da porta dupla que dava acesso à ala onde iria ficar e congelou.

Ala pediátrica?

Alguma coisa devia estar errada.

Mas não estava.

Havia bebês e vestígios deles por todos os lados. Brinquedos sendo batidos. Alguma coisa chocalhando. Outra apitando. Roncando. Buzinando. Em algum lugar mais à direita, um bebê chorava.

Logo adiante, uma criança pequena virava à esquerda em um carro de plástico. A buzina tocou. Um adulto a seguia enquanto conversava seriamente com uma enfermeira.

O avô ainda estava falando, dizendo para ela não se preocupar, mas Megan não conseguia responder.

Onde estavam os outros pacientes? As pessoas como ela? As pessoas da idade dela?

Ela não era bebê nem criança. Tinha quase catorze anos!

Por que tinham que colocá-la aqui? Como puderam fazer isso?

Megan tinha que mandar um SMS para Gemma. Assim que desse. Ela, sim, teria respostas. É para isso que servem os grandes amigos, não é? Para acalmar o outro, conversar. Embora, no caso de Gemma, um abraço valesse mais que mil palavras!

O pai de Megan gostava de Gemma. Ela não falava demais. Ao contrário de outras amigas da filha. As Gêmeas, por exemplo, usavam centenas de palavras quando uma só bastaria.

Com Gemma, era ☺ ou ☺ e pronto.

Isso.

Mandar um SMS para Gemma. Até ela teria algo a dizer a respeito de Megan ter sido colocada numa ala pediátrica.

O avô ainda tentava parecer animado.

– Eles não vão me deixar andar sozinho de ônibus, por isso não posso ir te visitar. Mas se tiver alguma coisa te incomodando, mocinha, diga apenas que você precisa ligar pra mim. Diga que eu sou o homem mais velho da cidade, e isso significa que eu sei mais do que eles.

Megan riu porque era isso que ele queria que ela fizesse, mas o avô ainda não tinha terminado.

– Na verdade, se aí precisarem de uma mão com qualquer coisa, vedantes de pia, chave inglesa, chave de grifo, qualquer coisa que tiver a ver com encanamento...

– Deve ter quem faça isso aqui – interrompeu Megan, determinada a não deixar sua voz estremecer. Não era nada fácil. Ela ouvia bebês chorando. Ouvia crianças pequenas resmungando. Ocorreu-lhe que, provavelmente, não deveria estar usando o celular. Podia dar interferência nas coisas. Como nos aviões. Se alguém notasse, tiraria o aparelho dela. A menina o apertou mais perto do

ouvido. Nem pensar. Não antes de conseguir falar com Gemma. Ah, vai logo, vovô. Desliga. Cala a boca.

Mas não. Ele ainda estava tentando dar um jeito de tudo acabar bem, tentando consertar as coisas, como sempre fazia quando cuidava de sua loja de ferragens.

O avô podia consertar qualquer coisa.

– Bom, então, você *sabe* onde eu estou – sua voz parecia ainda mais distante. – Mas vai dar tudo certo, você vai ver. Certo como dois e dois são quatro. Até mais, minha ovelhinha.

Dois e dois são quatro. Aham. Tá.

Era horrível. A coisa toda. Ter câncer já era bem ruim – a coisa não vai embora sozinha –, mas ala pediátrica? Sério?

E o hospital ficava a quilômetros de distância de sua casa. A mãe teria que dirigir muito. Ela odeia o trânsito da cidade, e nunca tem lugar para estacionar no hospital.

A coisa toda ia ser difícil mesmo.

– Bom – disse a mãe –, até que não é mau, né?

Megan torceu o nariz.

– Bom é que não é.

– Claro, é óbvio que estar aqui *não pode* ser bom, mas já que você está doente...

– É, eu sei, mas é que... – Megan parou. Mas é que o quê? Exatamente o quê? Que importava se o lugar estava cheio de bebês e criancinhas? Ela estava com câncer, e isso precisava ser resolvido.

Mas, mesmo assim, importava.

De alguma maneira *importava*.

– Não liga pra isso – disse a mãe, tentando manter viva a esperança, viva como as cores que as cercavam, nas paredes, no teto, para onde quer que olhassem. Uma situação ruim não dura para sempre, a mãe de Megan costumava dizer. – Você vai ter um monte de coisas pra contar pro seu pai quando ele ligar. Ele vai

querer saber de tudo – e então a voz dela mudou, o tom animado foi desaparecendo, como se fosse difícil mantê-lo assim por muito tempo. Igual aos balões de festa, que sempre murcham no final. – Eu queria...

Megan sabia o que estava por vir. Seu estômago pesou como se ela tivesse engolido um balde de cimento. Não queria ouvir.

– O papai não precisa estar aqui. Eu tenho você – tentou parecer animada. – E tenho o vovô. Vai ficar tudo bem.

A mãe de Megan suspirou.

– Sim, você tem a mim e ao vovô – conseguiu dar uma risadinha.

– E ele ameaçou ligar todos os dias. Duas vezes por dia se for preciso. Tenho pena das enfermeiras. Ele não vai tirar o olho delas, pode anotar. – Ela sacudiu a cabeça. – Até parece que entende alguma coisa de hospitais. Sobre esse tipo de lugar, quero dizer.

Um menininho de cabelo cacheado veio engatinhando até elas. Estava sendo perseguido pelo irmão de cabelo cacheado, que o pegou no colo com dificuldade. Aí a mãe de cabelo cacheado apareceu, com as bochechas cor-de-rosa, o cenho completamente franzido.

– Toma cuidado com ele, Dylan, *por favor!*

O menino riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. A mãe deu um sorriso amarelo.

– Bem-vinda ao hospício – disse, pegando o filho, que soltou um *iupiiii* de satisfação. Ela lançou um olhar solidário para Megan. – Não se preocupe, querida. A gente não vai ficar aqui por muito tempo. De vez em quando as coisas se acalmam.

– Uou! – alguma coisa atrás de Megan havia batido nela. Umas mãos grandes seguraram seus ombros. – Desculpe! – a *coisa* era um menino, muito, muito alto, de camiseta larga e jeans folgado. –

Estou tentando ver a que velocidade dá pra empurrar um desses. Uma importante pesquisa científica. Até mais!

Desviando de Megan e sua mãe, ele avançava rápido, conduzindo o suporte do soro. Quatro bolsas de fluido estavam penduradas nele, e fios que pareciam espaguete caíam sobre duas caixas azuis presas no suporte.

– Ah... certo... – a mãe de Megan estava com o olhar vago. – Pesquisa...

– Acho que não. E não preciso que me deixem mais zozza ainda... Ele é idiota ou o quê? – a menina segurou no braço da mãe, sentindo tontura. – Ah, não. Ele voltou.

Era isso mesmo, o menino estava vindo de novo na direção delas.

– Ei, você *não* é um bebê!

O suporte do soro guinchava ao ser empurrado. O garoto abriu um grande sorriso para ela.

– Você é normal!

O que ele esperava, um marciano?

– Diz oi, meu amor. Cadê a sua educação? – a mãe sussurrou, cutucando a filha.

– Mas ele me atropelou – resmungou Megan. – Cadê a educação dele?

O menino a olhava de cima a baixo, como se nunca tivesse visto uma garota na vida. Ou como se já tivesse visto muitas e soubesse exatamente para onde olhar. Megan fez uma careta e cruzou os braços, desejando que a mãe a tivesse obrigado a usar uma blusa mais grossa.

– Acabamos de chegar – disse a mãe, rápida como um raio. – Não sabemos para onde ir ainda, só pediram para a gente... aparecer, sabe? – Ela pôs o braço em volta do ombro de Megan e a apertou como se estivessem na praia em dia de feriado, e ela tivesse medo de perder a filha no meio da multidão.

Megan se soltou da mãe e olhou para o menino, muito, muito alto, da altura das portas, o chapéu enfiado na cara, parecendo gângster de filme. Os olhos dele dançavam. Estava rindo dela. Provavelmente aquela nem era a sua ala, devia estar lá só para tirar um sarro. Bom, deixa ele.

O garoto ia dizer alguma coisa quando duas meninas apareceram no corredor, de braços dados, cabeças coladas, rindo e trocando segredinhos. Elas pararam e olharam, com olhos faiscantes, primeiro para o menino, depois para Megan.

– Jack – disse uma delas, com voz estridente, toda entusiasmada –, arrumou uma namorada nova?

Ele balançou a cabeça, desaprovando.

– Becky, Becky, Becky. Toca aqui. Quem é a sua amiga?

– É a Laura.

– Bom, toca aqui também, Laura – ele bateu na mão da outra menina para cumprimentá-la. Mais risadinhas soaram pelo corredor.

Será que ele estava brincando com meninas *de nove anos*? Ele tinha dezesseis, talvez dezessete, e andava com meninas de nove? Megan ficou puxando um fiozinho na manga da blusa, mas ele não queria sair. A mãe sorria tanto que suas bochechas viraram duas bolas vermelhas.

Elas deveriam estar desfazendo as malas. As enfermeiras ou o médico deveriam estar esperando. Alguém deveria ser avisado que Megan tinha chegado. Mas ainda estavam ali paradas no meio daquele corredor cheio de desenhos, com ele, a estrela do show.

Megan se encostou na parede, como se fosse uma sombra.

Ouviu mais risadinhas abafadas. O garoto olhava para as meninas com ar superior, como se fosse um monitor de escola, e elas correspondiam ao olhar cheias de expectativa, como se soubessem o que aconteceria em seguida, como se tudo fosse apenas uma grande brincadeira.

– Você conta uma história de terror pra gente, Jack? A Laura quer ouvir. Conta?

Megan revirou os olhos.

– Agora não. Vai, Becky. Você não deveria estar visitando o seu irmão? Não é pra isso que você veio aqui?

As duas se olharam como se só tivessem se lembrado desse fato naquele momento.

– Ops! Tá bom. Depois a gente se vê.

As meninas foram gargalhando e batendo pelas paredes em direção à ala principal. Jack balançou a cabeça e se virou para Megan, olhando-a de cima a baixo de novo. Ela virou o rosto para o outro lado.

– Que belo fã-clubes você tem! – disse a mãe, rindo como uma menininha, como se quisesse fazer parte dele também.

O garoto riu.

– É, tipo isso.

Megan enfiou as mãos nos bolsos e prestou atenção em um desenho na parede. Um elefante gordo. Voando. Com três unhas cor-de-rosa em cada pata.

Sentiu o ombro ser cutucado. Era Jackson, ou melhor, Jack.

– E aí, qual é o *seu* nome? – perguntou.

Megan olhou para ele, mas não respondeu.

– Ai, acho que ela perdeu a língua. Esta é a Megan, e eu sou a mãe dela. Toca aqui, Jack.

– Mãe! A gente não tem que *ir*? Eu tipo preciso preencher a papelada.

– Sim – a mãe de Megan ainda estava sorrindo, olhando para Jack.

– Preciso avisar que eu estou aqui, né? Qual é a desse garoto? Por que todo mundo fica babando por ele?

Um movimento no corredor fez as duas virarem.

– Oh-oh. A enfermeira Brewster...

Uma mulher alta vinha na direção delas. O cabelo parecia um arame, curto e grisalho, dava a ela uma cara de diretora de escola. Carregava um monte de pastas embaixo do braço. Quando parou, voltou seus olhos azuis para Jack de um jeito tão assustador que o garoto ficou em silêncio imediatamente. Megan olhou de novo para as unhas cor-de-rosa do elefante e tentou conter o riso. Cadê a grande estrela do show?

– Jack! Deixe a menina chegar direito, pelo menos. Ela mal pôs os pés aqui!

Megan pressentiu que a enfermeira Brewster não era de brincadeira. Óbvio que Jack também sabia disso. Ele encolheu os ombros, encabulado, tirou o chapéu e fez uma reverência discreta. Era completamente careca. A mãe de Megan ficou de queixo caído.

– Dei uma polida nela hoje de manhã só para te receber – disse ele, sorrindo. E pôs o chapéu de volta.

– Sim. Obrigada, Jack. O show acabou – a enfermeira Brewster deu um passo de lado para deixá-lo passar. – Você tem visita.

Jack deu um sorriso de orelha a orelha.

– Até mais – disse, andando a passos largos pelo corredor, requebrando os quadris. As pernas longas quase o faziam quicar, e o suporte de soro ia girando ao seu lado.

A enfermeira balançou a cabeça e suspirou.

– Ele morre de solidão desde que chegou aqui.

Enquanto o menino se afastava, uma porta se escancarou, e dela saiu uma senhorinha usando um chapéu preto de pena e um casaco amarelo grosso. Estava de cara amarrada. Ficou parada com as mãos na cintura – era redonda como uma bola.

– Jack! Venha já aqui, menino! Perturbando a paz como um *hooligan*...

Sua voz era alta e rouca, não podia ser ignorada.

Jack parou e virou de frente para Megan.

– Essa é a minha mãe. Eu não sei como ela consegue aparecer sempre na hora errada. Como é que ela faz isso?

A menina encolheu os ombros, dando a entender que não fazia a menor ideia. “Bem feito, convencido.”

– Não deixa nem a coitada da menina encontrar o quarto dela sem atrapalhar. Vem já aqui, menino.

– Tá bom, tá bom.

A mãe de Jack ficou parada perto da porta, esperando ele voltar para o quarto. Então, pisou firme atrás dele.

– Esse garoto é simplesmente lindo – disse a mãe de Megan. – Parece uma estátua de ébano. E aquele sorriso... que não se desfaz nunca. Ele não é encantador?

– Esse garoto – disse a enfermeira Brewster – precisa de uma distração, e acho que ele acabou de encontrar uma. – E apontou a cabeça na direção de Megan.

“Nem pensar. Nem pen-sar.”

Megan não gostou da sala do oncologista. Ficava na ala dos pacientes externos, e era lá que davam a notícia de que a pessoa tinha câncer. Não era um consultório de verdade. O médico *dela* tinha fotos dos filhos na parede. Três meninos, todos da mesma idade. “Um pesadelo triplicado”, ele dizia.

Tinha brinquedinhos engraçados na mesa para distrair os pacientes pequenos. Ela lembrou de ir lá quando era menor, do macaquinho que escalava o estetoscópio – ou escalaria, se fosse de verdade. Lembrou de ter pensado que ele era o médico mais legal do mundo. Na parede acima da maca de exames, havia uma fotografia enorme de montanhas, todas cobertas de neve, tipo uma estação de esqui. O médico *dela* sempre parecia estar prestes a sair de férias. Alegre e divertido.

O oncologista era tão divertido quanto uma caixinha de leite morno. Usava óculos meia-lua e, quando sorria – o que não era muito frequente –, parecia um sapo. Não havia nada nas paredes de sua sala, que era cheia de portas. Sua enfermeira tinha a boca muito pequena para o rosto. Ela entrou por uma das portas com uma pilha de pastas e as colocou na mesa dele, depois desapareceu por outra porta. Megan não fazia a menor ideia de onde aquelas portas iam dar. *Ela* entrara pela sala de espera da Área Vermelha, atravessando a entrada *das crianças doentes*. Todo mundo que vinha por aquela entrada devia estar doente, mesmo que não se sentisse assim.

Talvez tenha sido por isso tudo que Megan quase molhou as calças de tanto rir quando o oncologista disse que ela tinha um tumor – e que o tumor era maligno. Aquilo era um erro, óbvio. Para começar, ela nem se sentia doente.

Olhou para os pais, tentando ver se eles também tinham se dado conta do erro, mas os dois só ficaram sentados em silêncio, um do lado do outro, como aquelas coisas que o avô tinha para evitar que os livros caíssem da prateleira. “Bibliocantos”, era assim que ele as chamava.

Ela não tinha se sentido doente, só ficava tonta de vez em quando. Meio zozna. Como é que isso podia ser câncer? Era ridículo. Iria para casa e esqueceria de tudo. Simples assim.

Aliás, o que *e/le* podia saber?

O oncologista ficou rodopiando a caneta até Megan parar de rir. Mas, bem quando ele ia dizer alguma coisa, a menina disparou uma pergunta atrás da outra, como se estivesse guardando aquilo há semanas e precisasse colocar tudo para fora. Não deixou nenhum espaço para as respostas. Ela ainda ia conseguir jogar futebol? E ir para o rink de patinação no gelo? Ainda ia poder ir ao cinema com as amigas? Ia poder fazer compras? E a escola? O tumor ia sumir sozinho? O que tinha acontecido?

Por fim, as perguntas cessaram. Toda aquela agitação a tinha deixado cansada. Megan se jogou de novo na cadeira e não conseguiu pensar em mais nada para dizer ou fazer.

Percebeu que o oncologista estava examinando o mata-borrão que tinha na mesa.

Percebeu que o pai e a mãe ainda estavam parados como estátuas – e de mãos dadas.

– Eu compreendo que essa notícia é um choque – disse o médico, finalmente. – Lamento que os exames não tenham trazido boas notícias.

Ele abriu uma pasta, que devia ser a de Megan. Parecia conter muitas páginas. Muitos exames.

– Mas agora que sabemos, e temos certeza disso, podemos pensar em como fazer o melhor por você.

Fazer o melhor por mim? Tipo o quê? Me dar roupas novas? Chocolate? Sorvete? Não sei por quê, mas acho que não é nada disso.

– Acho que vamos tentar fazer quimioterapia, para facilitar a remoção do tumor.

– Como é que se faz isso? – perguntou Megan. A mente dela tinha se esvaziado completamente. – Como é que se remove um tumor?

O oncologista pareceu perplexo.

– Nós fazemos uma cirurgia.

– Abrem a minha cabeça, é isso?

– Sim, Megan. É exatamente isso.

Mas por quê, se ela não se sentia doente? Por que não abriam a cabeça do Homem-Sapo? Para ver se tinha um cérebro, já que ele tinha entendido tudo errado. Devia estar pensando em outro paciente. Provavelmente, aquela enfermeira idiota da boca pequena tinha lhe dado a pasta errada. Devia haver outra Megan Bright. Era isso que devia ter acontecido.

Fácil. Facinho. E, mesmo assim, a menina começou a tremer. Não estava frio na sala, mas ela tremia como vara verde. Alguém pegou na sua mão. O pai. Megan teve que se certificar, porque agora tudo parecia muito estranho. Sentia-se uma estrangeira, alguém que não entendia a língua, alguém que faria qualquer coisa para ouvir uma palavra conhecida.

O oncologista deu aquele seu sorriso de sapo.

– Acho que podemos ser otimistas quanto ao seu tratamento. Quero que você saiba disso, Megan.

Como num passe de mágica. É. Aham.

– Uma cirurgia, então? – disse a mãe da garota, torcendo um lenço entre os dedos, uma coisinha com borda de renda e um trevo aplicado no canto. Ela parecia ter caído de paraquedas na sala, sem ter muita certeza de coisa nenhuma.

– Quando? – perguntou Megan.

– Com as coisas nesse estágio, não posso dizer ainda – respondeu o médico. – Mas você tem que vir para cá assim que conseguirmos um leito.

Então fechou a pasta. Seria um sinal para eles irem embora?

Ninguém se mexeu. Todo mundo ficou esperando para ver o que ia acontecer.

Por fim, o pai deu uma tossidinha. E apertou a mão de Megan.

– O que te parece? – perguntou.

Parecia uma droga.

A mala *pink* lembrava uma daquelas flores que crescem no deserto depois da chuva. A mãe estava tirando as coisas de Megan, arrumando-as como arrumava tudo o mais. Dobrava as roupas, fazia pilhas perfeitas e as colocava meticulosamente dentro do armário, como se o que acontecesse com as roupas tivesse alguma importância.

De pé ao lado da cama, a menina queria que a mãe parasse com aquilo. “Não faz isso, ainda não”, queria dizer. “Eu preciso fazer isso, do meu jeito, quando eu quiser. São as minhas coisas.” As palavras estavam lá, atravessadas na sua garganta, se avolumando dentro dela.

Por fim, tudo ficou em seu devido lugar, o armário cheio de pedaços da vida de Megan, todos bem arrumados e escondidos atrás das portas. A mãe estava ruborizada. Olhava em volta do quarto como se quisesse digerir aquilo tudo. Talvez estivesse apenas pensando no que fazer ou dizer e odiando ficar parada.

– Se pelo menos seu pai estivesse em casa – disse, do nada. – Ele queria vir, para estar aqui com você.

Foi o suficiente para desatracar tudo.

– Não! O trabalho dele fica muito longe. Ele vai ligar, vai mandar e-mail. Você pode imprimir todos eles. Eu *não quero* que ele venha – Megan parou quando percebeu que estava gritando, mas lançou um olhar de revolta para o quarto. – Até parece que não tem computador *aqui*.

Inspira. Expira. Profundamente. Mantenha a calma. Não perca o controle agora.

Mas, com a inspiração e a expiração, toda a sua força parecia ter ido embora, como se tivesse sido filtrada. Não conseguia nem ficar de olhos abertos: estavam muito cheios, muito pesados. Megan *queria* que o pai viesse, queria tanto que chegava a doer, mas ele não devia vir. Ela o tinha feito prometer. Jurar que não faria nada diferente. O pai trabalhava longe, normal. Vinha para casa quando tinha licença, normal.

Tinha que fazer tudo do mesmo jeito de sempre.

Desse jeito, só desse jeito, Megan iria melhorar.

– Eu estou bem – disse, com a voz calma, controlada. – Ele não precisa estar aqui. E você também não.

Uma enfermeira irlandesa entrou no quarto. Seu nome era Siobhan, que se pronunciava *Shi-vo-an*. Tinha ido ver se elas estavam bem. Não, não estavam, não de verdade. Mas por fim, depois de uma xícara de chá e um pouco mais de discussão, a mãe de Megan disse que poderia pensar em ir para casa por algumas horas.

– Você pode ficar – disse Siobhan. – Tem uma cama de armar aqui – apontou para a outra cama, dobrada como uma asa quebrada e encostada na parede ao lado da cama de Megan. – Os pais podem.

Até parece que eu sou pequena. Sim, até parece que eu sou bebê.

– Amanhã, mãe. Volta amanhã. Vou ficar bem. Sério, vou mesmo.

Percebeu uma troca de olhares entre a mãe e a enfermeira, que sugeriu que ela podia ficar enquanto tirava sangue de Megan.

– Vão começar o seu tratamento – disse a mãe, trocando mais um olhar com a enfermeira. – Eu devia ficar.

A menina olhou séria para as duas e balançou a cabeça em negativa.

– Tudo bem. Deixo você sozinha até amanhã. Mas volto bem cedinho. E você me liga se quiser que eu volte antes. A qualquer hora, viu?

Finalmente a mãe estava de saída, ainda discutindo, ainda querendo ficar.

– Por que você não conversa com aquele garoto? Ele deve saber tudo sobre a ala pediátrica e todo resto.

Megan se recusou a ouvi-la.

– Vocês podiam ser amigos, meu amor.

– Eu tenho amigos. Estou bem.

Assim que a mãe foi pra casa, Megan arrancou cada um dos seus pertences do armário e espalhou-os ao seu redor. Sentou-se como um hamster no meio do ninho. Eram as coisas dela, *dela* e de

ninguém mais. Cartas do pai, maquiagem, roupas íntimas. Tudo. Ela as queria por perto por mais um tempo, ainda queria sentir aqueles pequenos fragmentos de sua casa. Faziam parte dela, contavam a sua história.

Olhou para a pia, para a prateleira acima dela, a cesta de lixo embaixo, a cama cheia de pedais e alavancas, a TV num suporte que crescia como uma planta na parede atrás dela, o quadro branco com um nome escrito em grandes letras azuis. O nome dela. Por algum motivo, aquilo era uma surpresa.

Dois

– E aí, Megan Bright – Jack tinha lido o nome dela na porta –, já está com saudade de casa?

– Não.

Megan fez uma pilha improvisada com suas coisas e atirou o robe por cima para escondê-las. O robe era verde e fazia parecer que havia crescido uma colina em sua cama. Por algum motivo, aquilo era reconfortante – e a fazia se sentir um pouco melhor. Era a colina *dela* e só ela podia escalá-la ou escavá-la, ninguém mais.

– Posso entrar? Acabei de ganhar mais uma dose. – Jack mostrou a bolsa de fluido mais cheia que pendia do suporte de soro.

Megan afastou os olhos do rosto sorridente dele e virou-os para a colina verde na cama. Alisou um pouco os vincos e deu umas batidinhas nela.

– E aí, posso? – Jack se encostou na soleira da porta.

– Achei que você fosse muito velho para a ala pediátrica, já que você faz uma pesquisa científica importante e tudo o mais.

Jack suspirou.

– Desculpa. Não quis te atropelar, mas aqui é tão chato que a cabeça fica zoada. A Bruxa acha...

– *Quem* acha?

– A enfermeira Brewster. Ela disse que, desde que eu não te incomode, tudo bem eu vir te dar um oi, já que nós dois somos os *únicos* adolescentes do mundo.

Ele abriu os braços, fazendo um gesto dramático.

Megan brincava com a faixa do robe.

– Sério. Esta ala é o mundo. E nós somos os mais velhos por aqui. Só que eles não tratam a gente assim. Precisa de *permissão dos pais* para sair. Mesmo pra ir até a lojinha do hospital! Não dá pra acreditar.

Jack se jogou na cadeira do lado da cama. Depois se ajeitou, acomodando as pernas longas, quase grandes demais para o lugar, e ficou parecendo um pássaro preso numa gaiola muito pequena. Seu olhar percorreu a colina verde dos pertences, depois se voltou para Megan.

– E fazem você ir pra aula. Não tem jeito – o garoto ficou quieto. – Falei demais, né?

Megan não respondeu, apenas deslizou as mãos até a pilha, querendo abraçá-la, protegê-la, não soltá-la nunca mais. Os olhos começaram a pinicar.

– O que você tem aí embaixo, hein? – Jack se inclinou para a frente.

– Não!

Megan puxou os pertences para si. O robe escorregou um pouco, deixando à mostra pedaços de coisas, cantos, roupas íntimas. Ela se sentiu nua, com aquele garoto ali olhando as coisas dela desse jeito, parecia um perverso.

– Não mexe. É meu.

Então cobriu as coisas de novo, alisando os vincos que se formaram.

Jack levantou as mãos, os dedos eram longos.

– Tudo bem! Não estou tocando em nada, tá vendo? – ele sacudiu a cabeça, o sorriso tinha se desfeito. – A Bruxa disse... Ela disse que não é pra eu aparecer como se fosse o dono daqui, nem atropelar ninguém no corredor, nem ficar xeretando as coisas dos outros.

O menino encolheu os ombros.

– Ficou falando pra gente ser amigo.

– Eu tenho amigos. Obrigada.

Fez-se um longo silêncio que Megan não iria quebrar.

– Você vai se decepcionar – disse Jack, finalmente. – Os amigos furam com a gente.

– Não as minhas amigas. Elas vão me trazer umas coisas.

Ele sacudiu a cabeça.

– Acham que *vão pegar* alguma coisa. Não dizem nada, mas te olham como se você estivesse apodrecendo e isso fosse acontecer com eles. Você vai ver.

Garoto típico. Os amigos *dele* até podiam ser assim, mas *as amigas dela* não eram.

– Você não sabe tudo.

Jack se espreguiçou na cadeira, como se realmente soubesse tudo. Como se, principalmente, conhecesse as amigas dela. Cruzou e descruzou as pernas. Duas faixas de pele sorriram pelos rasgos de seu jeans puído.

Megan pegou a ponta do robe e a soltou em seguida.

As amigas dela *viriam*.

– Muito dever de casa – Jack continuou. – Muita coisa pra fazer. Estão de castigo. Moram muito longe. Têm ensaio da banda. Conheço todas as desculpas.

Megan olhou para ele. “Ensaio da banda?”

O garoto entrelaçou os dedos, observou-os por alguns momentos.

– A gente tinha uma banda, eu e os meus amigos. Eles precisam continuar ensaiando, por isso não podem vir. É isso o que dizem, pelo menos.

– Ensaiam sem você?

– Bom, eu tô *aqui*, e eles estão *lá*. Fim de papo.

E começou a roer as unhas, as cutículas.

Mais silêncio.

A menina olhou para a cama, desejando não ter arrancado todas as suas coisas do armário. Ia demorar séculos para pôr tudo de volta.

– Estou te incomodando, né?

Jack levantou o chapéu com o dedo. Megan encolheu os ombros.

– Isso é um sim ou um não?

O garoto olhava para ela com seus enormes olhos castanhos, fazendo beicinho, parecia um bebê prestes a chorar.

Becky e Laura iam achar graça daquilo. O *fã-clube* dele. Meninas de nove anos.

– Meu avô vai me ligar. Depois da janta dele. Ele tem noventa e cinco anos.

O menino lançou para ela um olhar vazio.

– Ele leva isso muito a sério. E vai ligar mesmo – disse Megan, séria.

– Ok. Entendi o recado. Estou saindo fora.

Escorregou da cadeira e chegou à porta com um único e suave movimento. Olhou para fora e depois virou o rosto para Megan.

– Já dormiu de soro?

A menina piscou. Jack apontou com a cabeça para as bolsas de fluido. Megan fez sinal que não.

– Não se preocupe. Você vai se acostumar.

Algo na voz do garoto fez Megan se fixar nele. A aba do chapéu escondia seus olhos e a maior parte do rosto. Ela podia ver a curva dos seus lábios, o ângulo do maxilar, o pescoço longo, os dedos pousados na porta. Ele encostou a cabeça no batente. Megan percebeu o brilho de seus olhos.

– Você vai se acostumar com quase tudo. Até comigo.

Quando ficou sozinha, a garota passou a observar o quarto, as paredes, o seu frescor radiante, como se tivesse sido limpo e arrumado para receber alguém novo. Sentiu-se pequena,

insignificante, como se não fosse tão limpa e radiante quanto o ambiente que a cercava.

– Estou aqui – murmurou. – Já percebeu?

Nada se mexia, nada sequer balançava, nem mesmo as cortinas que emolduravam a janela aberta.

Olhou para a colina verde na cama e encostou a cabeça nela, sentindo o contorno de suas coisas, sua vida inteira aos pedaços, debaixo do robe.

• • •

– Precisamos começar isso logo – disse Siobhan, injetando a medicação na bolsa transparente.

Regulou o fluxo apertando um botão e checkou as gotas que tinham começado a cair. Muitos bipes soaram, e luzinhas piscaram. Mas finalmente pararam.

– Pronto. Agora a gente só precisa esperar fazer efeito.

Era como assistir a um daqueles programas de culinária da TV, nos quais o *chef* fala o tempo todo enquanto cozinha, até quando bate ovos ou tempera a comida com sal e pimenta.

E este aqui eu já tinha deixado pronto.

E então tudo havia sido feito.

Siobhan lavou as mãos. Puxou uma toalha de papel, secou-as com ela e a jogou na lixeira.

– Daqui a alguns dias, você vai pra casa, depois volta para a próxima sessão. Em umas três semanas, provavelmente.

Ir para casa daqui a alguns dias. Voltar em três semanas. E todo o resto?

– E a escola e tudo o mais, sabe? – perguntou Megan. – Vou poder voltar a fazer tudo normalmente quando eu sair?

Siobhan escreveu algo no prontuário.

– Se você quiser. Se estiver se sentindo bem. Tem gente que volta, tem gente que não. Depende.

Megan suspirou.

– Eu sei que essa é a resposta mais vaga da face da Terra. Mas, sabe, vocês são todos tão diferentes e fazem tratamentos tão diferentes, por períodos de tempo diferentes – a enfermeira sacudiu a cabeça como se aquilo fosse um grande problema. – É, suas pestes. Se pelo menos vocês tivessem os mesmos tumores nos mesmos lugares, ia facilitar muito pra comunidade médica. Todo mundo ia poder jantar em casa – girou a caneta no ar como se fosse jogar um feitiço. – Não seria mágico?

Megan sorriu. Não podia evitar.

– Mas o que acontece com esse caninho, o acesso, quando eu voltar?

– Olha, você e o acesso vão se entender tão bem que você não vai mais querer se separar dele. Vão se tornar melhores amigos e dar muita risada – Siobhan deu uma batidinha no braço da menina e retomou o tom sério. – Ele vai ficar no seu braço, Megan, pra gente não precisar ficar te picando o tempo todo.

– Mas eu não posso molhar essa coisa!

– Não pode nadar, se foi isso o que você quis dizer. Mas dá pra tomar banho.

– Não consigo me imaginar jogando futebol, fazendo aula de educação física com ele...

– Se estiver bem protegido com esparadrapo, por que não? É óbvio que precisa tomar cuidado para não arrancar. Mas não é pra sempre, sabia? Não mesmo.

Megan olhou para cima e viu o soro, o caninho e o suporte.

– É, eu sei.

Siobhan ia dizer alguma coisa, mas franziu a testa. Alguém estava do lado de fora.

– Oi – disse, se inclinando porta adentro. – Você está bem? Cadê a mamãe?

Murmúrios. Mais movimento.

– Agora não, Kipper. A Megan está ocupada...

Kipper? Que nome era esse? Megan só conhecia cachorros que se chamavam assim.

– Que tal você voltar mais tarde? Agora vai, já vou te ver, assim que eu terminar aqui. Não, tenho certeza de que a Megan não vai se importar se você vier dar um oi pra ela depois.

A enfermeira voltou sorrindo.

– Essa aí é uma bonequinha. Apaixonada pelo Jack. Acho que veio dar uma olhada na concorrência – e deu uma piscadinha. – Você, no caso.

– Tsc, tsc, tsc – fez Megan. – Pode ficar. Quantos anos ela tem?

– Quase sete, coisa fofa. Praticamente mora aqui.

Siobhan estava arrumando as coisas com movimentos rápidos e precisos, parecia conhecer o trabalho de trás para a frente. Em apenas alguns segundos, o lugar estava do mesmo jeito que antes, com exceção do soro, claro, e da máquina ligada a ele, cheia de números e cliques, com uma proteção azul.

Megan olhou para ela e observou as gotas transparentes que se formavam a cada clique, ficou vendo elas crescerem e caírem num ritmo constante, agradecida por isso não ter que durar para sempre, por não ter que praticamente morar no hospital.

– O que você diz para as crianças pequenas acharem que dá pra rir disso tudo? O que você diz pra... Kipper?

Siobhan sorriu.

– Ah, sim. Os pequenos. Eles recebem tratamento especial. A gente fala de células boas e más, mocinhos e bandidos, varinhas mágicas, magos e diz que é tudo uma aventura. E que eles são os personagens principais, como num desenho animado. Mas pra vocês não fazemos rodeios.

A menina brincou com a pulseira de identificação, girando-a ao redor do pulso. Tinha um número só dela, que a tornava única. Mas nem tão única assim.

– Então todo mundo aqui nesta ala tem a mesma coisa? Todo mundo tem câncer?

– Sim – respondeu Siobhan. – Todo mundo, sem exceção.

– Quantas pessoas tem aqui então?

– Dezoito, quando está lotado. Tem um bebê internado. De seis meses, pobrezinho. Mas ele se anima todo quando vê a irmã. A Becky, acho que você já deve ter visto...

A enfermeira foi indo em direção à porta.

– Eu e o Jack... somos os mais velhos?

– São sim. Vocês são gente grande.

– Lutando contra os bandidos.

– É, isso resume bem a questão. Mas você tem sorte, Megan. Pode ir pra casa, pode ir pra aula entre as sessões.

Ir pra aula. Só de pensar... Aquilo não era a mesma coisa que tirar o apêndice como a Frieda, que mostrou a cicatriz para todo mundo, ou quebrar a perna, como o Darren Longstaff, que voltou de gesso e muletas. Por algum motivo, não era a mesma coisa. Ter câncer não era razão para se exibir.

– Minha mãe diz que eu não preciso ir. Que eu posso estudar em casa.

– Ou ir meio período. Tudo vai depender... Sem pressão, você não precisa se preocupar com isso agora. Só precisa se concentrar em ficar boa, viu? – e deu um tchauzinho. – Até mais. Se quiser alguma coisa, é só apertar a campainha.

Então saiu.

Megan se atirou de novo nos travesseiros. Meio período... Como é que se mantém uma vaga no time de futebol indo pra aula só por meio período?

– Olha, tenho que passar as informações do que estão fazendo com a minha menina no hospital pra cidade inteira, então me conte todos os detalhes, mocinha. A senhora Lemon está ouvindo pra garantir que eu não vou contar nada errado quando me perguntarem.

A voz do avô era a mesma de sempre, velha e metálica, difícil de entender para quem não a conhecia ou não estava acostumado a ouvi-la. Megan podia imaginá-lo, com as duas mãos ao redor do fone, agarrando-o como se ele fosse sair voando. Conseguia imaginar a senhora Lemon, a cuidadora, evitando que isso acontecesse.

– A cama é pequena pra mim – contou.

– Você é uma moça alta, era de se esperar.

– Não, as camas é que são pequenas mesmo. São quase do tamanho de um berço.

Ele nunca entenderia se não visse com seus próprios olhos. Como poderia saber de que jeito era?

– *Berços* – disse o avô para a senhora Lemon.

– Mas pelo menos eu tenho um quarto só pra mim.

Continuou descrevendo a ala, a enfermeira Brewster, os médicos, Siobhan e Jack. Começando pelo fato de que ele era um saco.

– E ele conta histórias de terror para meninas de *nove anos*! Só pra você ter uma ideia do tipo de ala onde me internaram.

Esse pensamento ainda a deixava ultrajada.

– E quantos anos ele tem?

– Sei lá, mas não deve ter dezesseis ainda, senão estaria na ala adulta.

– Ele é simpático?

O avô parecia preocupado, como se ela não tivesse as próprias amigas. Por que todo mundo achava que ela *precisava* de Jack?

– Simpático demais pro meu gosto. E ele é careca.

Houve um instante de silêncio antes de o avô responder.

– Bom... *Jack é careca* – Megan ouviu ele dizer.

Novo silêncio. E então ela ouviu algo que poderia ser a senhora Lemon perguntando quem era Jack.

– Bom... – repetiu. – E ele fica bem assim?

– A mamãe acha ele maravilhoso.

Como se isso significasse alguma coisa.

– Ah, tá. Que bom.

Mais silêncio.

O avô devia estar esperando que Megan dissesse mais alguma coisa. Ou vai ver que seu estoque de perguntas – ou de respostas – tinha se esgotado. Logo ele, o homem que sempre tinha algo a dizer sobre toda e qualquer coisa. O silêncio foi crescendo até se tornar um abismo. Até a senhora Lemon esgotou seu estoque de ruídos.

– As cortinas têm elefantes – disse Megan, finalmente. – Elefantes!

– Ela tem elefantes.

O avô parecia aliviado. A senhora Lemon soltou um “Que chique!”.

Era tudo infantil demais, esse monte de coisas de criança, personagens da Disney por todo lado, até os aventais das enfermeiras eram decorados com desenhos animados.

– E as paredes são cheias de desenhos ridículos.

– Bom, você tem – aconselhou o avô – é que ignorar essa bobagem toda e ficar boa. O que é que você tem que fazer?

– Ignorar essa bobagem toda e ficar boa.

– Essa é a minha garota. Pense que, toda vez que você ficar cheia de ver elefantes, eu vou estar cheio também. Um já incomoda muita gente...

Megan riu, mas logo começou a chorar.

– Tá, tá, eu sei que sou ruim de piada.

– Pior que o papai.

– *Pior que o pai dela.*

Outro abismo.

Talvez o avô estivesse se dando conta de que falar com ele era bom, mas falar com o pai também seria. Seria melhor.

– Você já falou com ele? Ele conseguiu te achar?

Megan não conseguia dizer nada. O avô se apressou. De repente, tinha muito a dizer.

– Não deve ser fácil trabalhar num campo de petróleo russo. Acho que não deve ter muitos telefones por lá. Muita gente querendo falar. Não sei ao certo, mas acho que é por aí...

Mesmo que pudesse falar, Megan não conseguiria explicar nem para si mesma por que tinha feito o pai prometer que não telefonaria enquanto ela estivesse no hospital. Talvez porque ele fosse ficar falando o quanto estava sendo difícil estar tão longe. Pediu então que esperasse ela voltar para casa. Aguardaria com ansiedade por aquele momento, explicou, quando o pai tentou fazê-la mudar de ideia.

– É o fuso horário, é difícil de acertar – ela comentou, desejando nunca ter feito o pai prometer nada. Queria tanto ouvir a voz dele, queria *tanto* vê-lo.

– Fico pensando – disse o avô –, fico pensando que tipo de pássaro ele vê por lá. Devia ter dado um livro pro seu pai. Ele poderia fazer uma lista.

O avô e suas listas.

– Taí uma coisa que você pode perguntar quando ele ligar. Diz que o seu avô quer saber o que ele anda vendo. Seu pai precisa de algo interessante pra fazer, pra passar o tempo. *Eu acho que ele devia observar os pássaros.*

Houve um murmúrio do outro lado da linha. Megan conseguiu dar uma risadinha. “Ficar olhando tinta secar.” Era assim que o pai dela tinha definido o *hobby* do avô, observar pássaros. Talvez a senhora Lemon achasse a mesma coisa.

– Pode deixar que eu falo – prometeu.

De repente, Megan escutou um ruído alto, um gemido prolongado, como se algo horrível estivesse acontecendo com um bebê em outro quarto. Um telefone começou a tocar e não parou mais. Dava para ouvir, vindo de fora do quarto, um tumulto de passos, gente falando alto, uma risada súbita. Depois, o silêncio voltou a imperar.

– Eu não queria estar na ala pediátrica. Queria que tivessem me deixado ficar na ala adulta.

– Não queria, não. Um lugar cheio de velhos. Você não ia gostar nem um pouco. Só reclamam. Enfermeira isso, enfermeira aquilo. Eu sei. Já fui um deles. – O avô riu. – Enganei todo mundo direitinho, mesmo com os pulsos engessados.

Houve outra pausa longa, na qual ela talvez devesse rir, dando a deixa para o avô contar de novo a história de como tinha quebrado os pulsos dançando.

Ouviram-se mais murmúrios do outro lado da linha.

– *Sim, sim, vou perguntar.* A senhora Lemon quer saber se já fizeram alguma coisa com você.

Megan nem sabia por onde começar. Tinha acontecido tanta coisa, e ela não conseguia lembrar em que ordem, tudo tão confuso e às vezes um pouco assustador.

– Estou de soro – disse, olhando para a bolsa, para o suporte de metal com rodinhas, coisas que agora faziam parte dela, desse mundo onde fora obrigada a entrar.

– Deve ser refrigerante, acho eu – disse o avô, como se ela tivesse cinco anos e não quase catorze.

– É a *quimioterapia*, seu doido.

– Ah, é. Deve ser melhor assim do que ter que tomar esse negócio. Dizem que tem gosto de água tônica. Você ia odiar. Em que braço?

O soro não estava no braço. Terminava – ou começava, Megan não conseguia se decidir – no peito, atravessado embaixo da pele, perto da clavícula. Parava acima do coração. O resto do caninho se

enrolava como uma pequena cobra, debaixo de um curativo, depois saía para ficar pendurado entre ela e o suporte.

– O Jack também tem um – disse Megan. – É tipo *a linha central do metrô*.

O avô pareceu impressionado.

– A linha central do metrô – informou para a senhora Lemon. – Isso quer dizer que você pode ficar com as duas mãos livres para pentear o cabelo e fazer as unhas. Vocês, garotas! Sempre arrumando o cabelo.

O avô riu. Megan riu. Estava tentando animá-la, e ela queria que pensasse que havia conseguido. Ele começou a tossir, sinal de que aquele telefonema tinha sido longo. Sua voz estava cansada. Talvez agarrar o telefone, do jeito que sempre fazia, tivesse cansado seus dedos.

– Agora – disse, quando parou de tossir – é melhor eu ir, minha ovelhinha. Um beijinho de boa-noite – acrescentou, como se ela tivesse voltado a ser uma criança pequena.

– Beijinho de boa-noite – falou Megan, se sentido realmente pequena.

Esperou o avô desligar o telefone.

Não fazia sentido estragar tudo. Melhor não contar que o cabelo podia cair por causa da quimioterapia, que um dia ela podia ficar careca como Jack.

Três

Mocinhos lutando contra bandidos. Quimioterapia lutando contra o câncer. Tudo isso acontecendo em suas veias e artérias, correndo em direção àquele lugar na cabeça onde as coisas tinham dado errado. Megan se perguntou se o bem sempre vence o mal, como acontece nos filmes e nos contos de fadas.

Era tarde, estava escuro. Ela deveria estar dormindo. Mas ficou deitada ouvindo o hospital, os ruídos da ala, os sons que vinham do lado de fora, o bebê que chorava, parava e voltava a chorar por horas a fio, em um quarto mais para a frente no corredor.

À noite era tudo tão diferente.

A porta do quarto estava entreaberta. A menina não queria fechá-la e perder tudo o que estava acontecendo, preferia ter aquele restinho de luz pálida que entrava pela fresta e aplacava a escuridão.

As vozes das enfermeiras estavam desanimadas, mas, mesmo assim, elas pareciam bradar pelos corredores, sem nada que as mascarasse, sem o alvoroço do dia a dia. Não havia quase ninguém circulando, nada de carrinhos, cadeiras de rodas ou crianças pequenas tentando fugir.

Toques de telefone assombravam o lugar.

O som de uma bola de futebol sendo estranhamente chutada do lado de fora do quarto fez Megan se levantar com dificuldade para ver quem estava fazendo aquilo. Uma mãe de chinelos e robe se

arrastava com passos cansados. Meia hora depois, os passos voltaram, hesitando na frente da porta de Megan.

A mulher olhou para dentro do quarto.

– Tudo bem, meu amor? Está precisando de alguma coisa, da enfermeira?

A bondade daquele sotaque de quem vem de outro lugar fez Megan engolir em seco e se sentir mais sozinha do que nunca.

– Não, obrigada.

– Primeira noite aqui, né?

– Sim.

– Não se preocupe, você vai ficar bem. Quer que eu pegue um chocolate quente ou alguma outra coisa pra você, pra te ajudar a enfrentar essa noite? Acabei de tomar um. Esses lugares não foram feitos pra ajudar ninguém a dormir.

– Estou bem, mas obrigada mesmo assim.

– Sou a mãe da Kipper, aliás. – A mulher fez uma pausa, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas mudou de ideia.

– Tá bom, meu amor. Durma com os anjinhos.

– Desculpa – disse a menina.

– Sim, meu amor.

– Este é o nome verdadeiro dela? Kipper?

Mais uma pausa.

– Não, mas ela pede para ser chamada assim desde que ficou doente. Não me pergunte por quê. Não tenho permissão pra contar o nome verdadeiro dela a ninguém.

– Eu gosto – disse Megan, imaginando se trocar seu próprio nome a faria se sentir melhor.

– Ah, que bom. É assim que ela quer ser chamada enquanto estiver presa aqui. Faço qualquer coisa por ela, sabe? Bom, é melhor você tirar uma soneca. Se conseguir. Boa noite, meu amor.

Então tomou seu rumo, o som dos passos foi ficando mais fraco até virar apenas um murmúrio no corredor.

Quando ouviu o barulho, Megan não pôde acreditar. Um gato? Do lado de fora? O que estava fazendo por aquelas bandas? Um pensamento horripilante tomou conta dela. E se tivesse escalado as paredes e estivesse preso num parapeito, sem conseguir se mexer de medo? Poderia estar precisando de ajuda. Ela escorregou para fora da cama e foi em direção à janela, mas alguma coisa puxou sua pele com força.

– Ai! Droga!

Megan segurou o suporte do soro, deu umas batidinhas no curativo que mantinha tudo no lugar. Nada havia se mexido, o caninho ainda estava lá, mas o esparadrapo tinha descolado de leve.

– E eu que pensei que podia esquecer de você!

Afastou as cortinas com cuidado e olhou para fora, sem querer espantar o gato caso ele, por algum estranho motivo, estivesse sentado logo ali.

Mas não estava. Como podia ser? Subir doze andares sem parapeitos nas janelas? Onde é que poderia estar?

Olhou para o céu escuro e sem estrelas, com nuvens se insinuando de leve, de um preto mais nítido, espalhadas como se fossem lixo jogado no chão. Mais abaixo, havia uma porção de formas estranhas, que as lâmpadas tornavam quase sinistras, como saias esvoaçantes de luz que sumiam na escuridão.

Eram os telhados dos prédios antigos, com suas chaminés e seus cumes, suas calhas e seus encanamentos. A parte antiga do hospital. Um monte de gatos devia viver por ali.

Megan e os pais haviam passado por esses prédios no dia em que lhe contaram que tinha câncer. Os edifícios então lhe pareceram comuns. Paredes de tijolinho vermelho. Telhados de ardósia. Chaminés. Torres.

Árvores cresciam em pequenos canteiros, havia bancos de madeira para as pessoas ficarem sentadas ao sol. Pacientes de

robe faziam exatamente isso. E alguns fumavam, o que era um pouco idiota, fumar quando se está doente.

Ela não notou muita coisa quando voltou ao hospital, apenas se dirigiu ao Pavilhão São Peregrino, nomeado em homenagem ao padroeiro dos pacientes de câncer. Pelo menos, era isso que o folheto dizia.

O pavilhão era uma torre brilhante de vidro construída ao lado da ala dos pacientes externos. As janelas cintilavam ao sol. Não dava para ver nada do que acontecia do lado de dentro.

De pé, diante da janela do quarto, a menina agora pensava em Rapunzel. Tinha participado de uma peça na escola, uma versão alternativa *com atitude*, como dizia a professora de teatro. Ainda havia a torre, improvisada num andaime, da qual, Rapunzel, Rapunzel tinha que jogar suas tranças. Ainda havia o príncipe que precisava salvá-la. Megan trabalhou nos bastidores. O cabelo tinha que cair do alto da torre até o chão e fora feito de lã amarela. Centenas de fios, cada um do dobro do tamanho de uma pessoa, foram trançados em uma peruca para a menina que fazia o papel principal. Megan passou as mãos pelo próprio cabelo e se perguntou quanto tempo ele duraria e se algum dia ela conseguiria jogá-lo do alto de uma torre.

– O que você está fazendo?

Megan fechou as cortinas com força, se sentindo tola por pensar em contos de fadas e gatos escalando doze andares.

– Nada.

A silhueta de Jack aparecia na luz que vinha do corredor.

– Você não está fugindo pela janela, tá? O jeito mais fácil é sair pela porta, pegar o elevador. É assim que eu faço. Posso te dar a senha da porta.

A menina não gostou do tom da voz dele, de um certo desdém. Jack, aquele que sabia tudo sobre qualquer coisa. Mas não sabia nada sobre ela nem nunca iria saber.

– Eu não tava fugindo pela janela.

– Que bom. Posso entrar?

Ele já estava dentro do quarto.

– Se eu ficar parado aqui, me pegam.

Deveriam pegá-lo mesmo e trancá-lo no quarto para ele parar de incomodar os outros.

– Quer que eu feche a porta?

– Não.

– Você que sabe. Mas *o que* você estava fazendo, então?

– Você é sempre tão intrometido assim? – essa era uma daquelas perguntas que não precisavam de resposta. – Ouvi um gato. Pelo menos eu acho que era um gato.

Agora tudo aquilo parecia muito bobo. Megan achou que ele fosse dar risada.

– Deve ter sido o Mister Henry. É o felino das redondezas.

– Ha-ha.

– Ele ajuda a dar um jeito nos ratos – Jack sentou na cadeira sem esperar ser convidado. Houve um leve suspiro quando se afundou nela. – Por aqui aparecem uns ratos grandes que nem cachorros.

– Grandes que nem cachorros? Acho que não.

Mesmo assim, Megan deu uma olhada em direção à janela e voltou para a cama. Os dedos dos pés formigavam só de pensar.

– A gente está a poucos metros de um rato, sabia? Isso vale para cada pessoa que existe sobre a face da Terra.

No quarto escuro, Jack era apenas uma forma maciça e indefinida, mas era uma forma que se mexia constantemente. Arrastava os pés no chão, tamborilava os dedos nos braços da cadeira, parecia ser feito de molas tensionadas ou ter engolido uma banheira cheia de energéticos.

– Mas a gente está no décimo segundo andar – lembrou Megan.

– Bom, talvez não *exatamente* aqui – o garoto deu uma risadinha.

– Mas lá embaixo, eles estão debaixo de nós, roendo canos e paredes. Comem de tudo. Um dia, tudo vai desmoronar como uma mina desativada, e eles vão estar batendo palmas com suas mãozinhas minúsculas, prontos para mastigar nossos ossos. Não que tenham mãos, não é bem isso. Eles têm...

– Você é completamente doido, sabia?

Jack deu mais uma risada. Em seguida, apenas a vibração de seus dedos batendo na madeira da cadeira perturbava o silêncio.

– O Mister Henry está nesse hospital desde que ele foi construído.

– E daí?

– Desde que a *parte antiga* do hospital foi construída... E você sabe o que isso significa... – ele sussurrava as palavras, devagar e ameaçadoramente.

– Não sei, não. Mas você vai me contar de qualquer jeito.

Megan tentou desvendar sua expressão no escuro, mas tudo o que conseguia ver eram os olhos, brilhando. Deu um bocejo dramático, afundou na cama e puxou as cobertas até o pescoço.

– Bom, *aqueles* prédios devem ter centenas de anos...

– Não estou ouvindo – retrucou, com sono. – Não ligo. Se o Mister Henry anda por aí há esse tempo todo, consegue sobreviver mais um dia. Vai contar isso pra Becky e pra Laura, elas vão gostar dessa historinha de terror com gatos. Você pode chamar de *O fantaaaaaasma de Mister Henry*.

Jack se mexeu na cadeira.

– É a quimioterapia.

– A quimioterapia o quê?

– É ela que faz você ser grossa com todo mundo que tenta ser legal com você. E faz você rir do que não devia.

– Tipo um gato fantasma? Ah, tá.

O garoto não respondeu.

A-ha! Megan tinha finalmente conseguido pegar Jack. Teve vontade de ver a expressão no rosto dele, mas logo ficou feliz por estar escuro. Talvez ele acreditasse nesse tipo de coisa. Talvez tivesse ficado chateado. Não. Ele não. Era tudo brincadeira, não era? Só uma bobagem?

Mas o silêncio parecia uma parede entre os dois.

A porta se abriu. Uma enfermeira ficou parada por alguns segundos, depois acendeu a luz. O quarto foi inundado pela claridade. Megan espremeu os olhos por um segundo.

– Então é aqui que você está, Jack – disse a enfermeira.

Ela era pequena, de traços delicados e olhos arregalados, parecia assombrada por alguém ou alguma coisa. Pelo Mister Henry, talvez. Megan teve vontade de sorrir quando pensou nisso. Mordeu as bochechas para evitar.

– Te procurei por toda parte. Está muito tarde. Você deveria estar no seu quarto, não perambulando pelos corredores. É um mau exemplo pros pequenos.

– Eu só tava fazendo companhia pra ela. Ela é nova, sabia?

– Eu não convidei. Ele simplesmente apareceu. E fica fazendo isso.

– É, eu sei – respondeu a enfermeira, num tom afiado. – Mas chame a gente se ele te incomodar. É pra isso que serve esse negócio – e indicou o botão da campainha perto da cama. – Bem, da próxima vez, você já sabe. E você, Jack, se daqui a cinco minutos ainda estiver por aqui, vou anotar isso no seu prontuário, e aí você vai ver... Vamos dar um jeito de te colocar uma restrição, e você não vai mais poder dar as suas voltinhas. Talvez a gente até precise te amarrar na cama – e contorceu a boca numa espécie de sorriso.

Jack ficou de pé.

– Tá. Estou indo.

– É bom mesmo – a enfermeira desapareceu ao som do chocalhar das chaves e do ranger dos sapatos.

– Obrigada, Jack. Agora nós dois estamos encrencados.

O garoto estava perto da porta.

– Ignora. Ela está sempre no meu pé.

É, que surpresa.

– Quer que eu apague a luz? Ou te deixei com medo de gatos, ratos e assombrações?

Megan sacudiu a cabeça.

– “Não” para as duas perguntas.

– Até mais, então.

Jack saiu e foi engolido pelas sombras do corredor. Megan o observou, tentando respirar normalmente, mas arfava como se tivesse acabado de correr, como se o menino tivesse esgotado suas energias pelo simples fato de estar ali.

Certa de que ele havia ido embora e não voltaria mais, Megan se recostou na cama, mas não se sentiu confortável. Acabou socando o travesseiro de cima, que soltou um chiado. Acomodou-se de novo e ficou olhando para o teto: a luz brilhava friamente em sua direção. Em algum lugar da ala, o bebê começou a chorar de novo, balindo como um carneirinho perdido.

Quatro

O sono vinha flutuando aos poucos, parecia ser trazido por pequenas jangadas. De tempos em tempos, Megan subia a bordo de uma delas e começava a se acomodar. Mas, assim que seu corpo relaxava, a respiração acalmava e tudo ficava confortável, alguma coisa a perturbava. Um puxão no soro, um ruído vindo do lado de fora, uma sucessão de pensamentos... E a jangada simplesmente saía flutuando, abandonando seu corpo.

Quando o dia começou, com seus ruídos – o som das rodas do carrinho de medicamentos, o tilintar dos pratos do café da manhã, a correria que se anunciava no lugar –, trouxe quase um alívio: não ter mais que pensar em dormir.

Megan saiu da cama para escovar os dentes, mas essa simples tarefa a deixou tão cansada que era insuportável apenas pensar em tomar banho com aquela droga de soro grudada nela ou em tentar trocar de roupa. Olhou-se no espelho e ficou arrasada com a palidez de seu rosto e a intensidade de suas olheiras. Parecia que alguém tinha tentado apagar seus olhos com uma borracha velha e suja. E seus lábios estavam tão secos... Onde estava sua latinha de manteiga de cacau?

Quando Jack chegou, estava com a cara ótima. Parecia que nada o afetava.

– Então não te amarraram? Não te colocaram uma restrição, hein? – perguntou Megan, voltando para a cama, que parecia muito

mais convidativa do que na noite anterior.

– Nãããããã. Elas gostam de ter motivo pra reclamar – e deu um sorrisinho. – Algum sinal do gato?

– Não – respondeu Megan, bocejando, sem acreditar que pudesse existir algum gato, muito menos o Mister Henry, fosse do século XVIII ou de qualquer outro século. Ela tinha imaginado tudo aquilo, era isso que tinha acontecido. Talvez fosse a quimioterapia que a estivesse fazendo ouvir coisas.

O garoto ficou à vontade no quarto, como se fosse dele. Se estava pensando que podia aparecer sempre que quisesse, era melhor mudar de ideia. E como é que ele conseguia ficar tão... tão animado o tempo todo, tão cheio de energia?

Do lado de fora vinha um ruído que parecia o de um grande secador de cabelo abafado. Estava chegando cada vez mais perto.

– O que é isso?

– É a enceradeira. Passam isso no chão. Tem uma escova giratória, igual àquelas que usam para limpar a rua. Não me deixam brincar com ela, mas sei onde guardam. Só preciso da senha da porta.

Megan jamais deveria ter perguntado.

– Quer que eu vá embora? – Jack sorriu. – Não vou falar muito, nada de gatos ou ratos. Prometo. Quando seus amigos aparecerem, dou o fora daqui. Mas, enquanto você estiver esperando... Posso ficar?

A menina tentou falar, mas ele foi em frente.

– O que mais você tem pra fazer? Ficar olhando pras paredes?

– Desenhar. Eu gosto de desenhar... pessoas.

Megan olhou para as próprias mãos, com medo de que ele tivesse razão sobre suas amigas, que elas acabassem não vindo. Mas ainda era o segundo dia. Faltava muito. E Gemma estava mandando mensagens de texto, linhas e mais linhas de ☺ para que

ela se sentisse melhor, soubesse que não tinha sido esquecida. As Gêmeas queriam saber se tinha alguém bonitinho no hospital.

– Pra desenhar, é preciso sossego – disse, lançando um olhar severo. – Eu preciso, pelo menos.

O bloco de desenho, presente do avô, estava em branco. Os lápis novos ainda nem tinham sido usados, estavam no estojo. Mas ele *não precisava* saber disso.

– Eu não falei nada nos últimos cinco segundos, pelo menos – retrucou Jack. – Estou esperando você me contar tudo a seu respeito. Ou então eu posso te contar tudo a meu respeito. Você já conheceu a minha mãe – e fez uma careta. – E eu conheci a sua. Mas deve haver muito mais gente no lugar de onde elas saíram – outra careta. – Minha família tem centenas de pessoas.

Megan pensou na própria família. O que poderia dizer sobre ela? Era uma família tão pequena... A única coisa que sabia era que todos haviam se casado tarde. Como se tivessem perdido o ônibus e pegado o próximo – ou o seguinte. O avô tinha mais de cinquenta anos quando a mãe dela nasceu, mais de oitenta quando *e/a* veio ao mundo. O pai tem um irmão casado, que tem um filho. A família inteira cabia numa casa. E ainda sobrava espaço.

– A gente não precisa falar nada se você não quiser – disse o menino, girando os polegares com as mãos entrelaçadas e se mexendo na cadeira. Tinha um sorriso lunático. – Vou ficar sentado aqui e pensar em quando vou sair. Não ligue pra mim. Não precisa dizer nem uma palavra.

Puxou o chapéu e se espichou na cadeira como se fosse dormir, do jeito que os papagaios fazem quando alguém cobre a gaiola com um pano.

– Vou ficar esperando você dizer alguma coisa – ele observava Megan por baixo da aba do chapéu, com aquele sorriso no rosto, sacudindo as longas pernas, batendo os pés no chão como se estivesse ouvindo música.

– Jack! Será que você nunca fica parado?

– Eu? Não – o garoto sorriu. – É a música, sabe? Dizem que puxei ao meu bisavô – e levantou o chapéu um tantinho. – Quer que eu fale dele?

– Não.

– Esse chapéu era dele...

Megan deu um suspiro exagerado.

Jack baixou o chapéu de novo, mas o ritmo ainda pulsava por todo o seu corpo, como se circulasse pelo seu sangue, feito a quimioterapia.

– Tá bom! – Megan cruzou os braços, recusando-se a olhar para o garoto. Ele era tão... Revirou os olhos... Era o quê, afinal? – Onde você mora? Me conta *isso*...

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Nããão. Tarde demais. Você desperdiçou sua chance.

Pela porta aberta, ouviu-se um som familiar, risonho e estridente.

– Oi – disse Megan, sem emoção.

Apareceram duas cabeças.

– A gente tá procurando o Jack.

Laura foi a primeira a falar. Becky lhe deu um cutucão, como se fosse dona de Jack, como se fosse a única que tivesse direito a perguntar sobre ele, já que estavam visitando o irmão *dela*.

– É... – completou Becky. – A gente quer perguntar uma coisa importante pra ele.

– Ele tá aqui – respondeu Megan. Houve uma explosão de risadinhas.

– *Ele tá no quarto dela*... – guinchou uma voz espantada.

As meninas passaram aos poucos pela porta, as duas usavam jeans e camiseta, presilhas de *glitter* no cabelo, tênis de luzinha. Poderiam ser irmãs em vez de amigas, poderiam ter sido vestidas

pela mesma mãe, com peças saídas do mesmo guarda-roupa. Ambas tinham mochila, uma pink, a outra azul-clarinho. Megan não conseguia parar de sorrir. Será que ela já tinha sido assim? Lançou um olhar para Jack, como se dissesse “É problema seu”, e ficou procurando a latinha de manteiga de cacau, abrindo as portas pequenas do armário. Lá estava ela. Abriu-a e começou a passar o produto nos lábios.

Jack girou na cadeira do seu jeito preguiçoso.

– E aí, meninas? Veio visitar seu irmão, Becky?

– Sim.

– Que bom. Aliás, como é que ele está?

Algo mudou na expressão da menina: uma centelha de dúvida, indecisão. Talvez ela não soubesse ao certo.

– Deve ir pra casa logo. Talvez amanhã.

Laura revirou os olhos.

– Ela sempre diz “amanhã”, mas ele nunca sai daqui.

Becky fez uma careta.

– E ele tá te esperando? – perguntou Jack.

Becky fez que sim com a cabeça e trocou olhares com Laura, parecendo chegar a um entendimento silencioso. As duas se viraram para Jack. E perguntaram em uníssono:

– Você tá namorando ela? – e olharam firmemente para Megan, que sentiu as bochechas ficarem coradas.

– Oh, garotas! – respondeu Jack com o rosto sério. Elas fizeram uma careta. – O nome dela é Megan, não *e/a*. Cumprimentem...

– Oi, Megan – obedeceram as meninas. E voltaram o olhar para ele de novo. Apesar de tudo, Megan também olhava para Jack, absorvendo o alívio de seu rosto, dos longos cílios aos lábios carnudos. Todos os traços pareciam esculpidos. Uma estátua que andava, falava, sorria.

– E eu mal conheço a Megan – continuou o menino. – Ela mal me conhece. Só faz um dia que ela está aqui, e, bom, vocês não

querem que eu apresse as coisas, né? Ter pressa não é bom.

Com toda essa atenção que haviam recebido, as meninas ficaram radiantes, paradas perto da porta.

– A menos quando a pressa é para visitar o irmão, né, Becky? Ele está te *esperando*.

As meninas trocaram outro olhar, que parecia dizer *Sim, está na hora de ir embora*, e fizeram que iam se virar. Só que elas ainda tinham algo a dizer.

– Faz aquela cara assustadora, Jack – pediu Becky. – A Laura ainda não viu.

Jack sacudiu a cabeça.

– Por favooooooooor – implorou Laura.

– Faz, faz, faz – gritaram em coro.

Megan tentou não rir.

– Tá bom, mas depois vocês têm que ir – disse Jack. – Fechem os olhos – elas obedeceram. O garoto lançou um sorriso para Megan, depois fez uma careta que parecia uma máscara grotesca. – A...b...ram os olhossssss, meninas...

Becky e Laura seguiram a ordem e soltaram um berro, colocando as mãos no rosto e escondendo os olhos, deixando uma frestinha entre os dedos. A máscara havia sumido, e Jack estava de volta. Gargalhadas começaram a tomar o lugar dos gritos.

– Agora vão! – ordenou Jack, com um sorriso largo. – Vão, andem!

– Até mais, Jack. Até, *Megan* – e elas saíram em meio a uma tempestade de risadas.

Megan fechou a latinha de manteiga de cacau, colocou-a de volta no armário e foi arrumando suas coisas, determinada a não olhar para Jack. O menino adorava ser o centro das atenções, óbvio. E ela não ia bancar a idiota, como todo mundo.

– E... aí? – a voz dele tinha um tom alegre.

Por que sempre parecia que estava rindo dela?

– Elas são tipo o seu fã-clubes – Megan continuou a arrumar o quarto. – Você deveria dar uma carteirinha pra elas. Canecas com *Jack* escrito por todos os lados. Chapéus. Podia vender esse tipo de coisa.

Jack começou a mexer nos bolsos, mas logo parou.

– Eu achei que tinha umas carteirinhas aqui. Você podia ganhar uma de graça, agora que a gente está quase saindo junto e tal – os olhos dele eram imensos, brilhantes. Megan tentou não olhar mais para ele, as bochechas estavam esquentando. – Quer dizer, daqui a uns dias, vamos estar noivos se depender da Laura e da Becky.

Megan ficou boquiaberta, seu corpo inteiro corou.

– Muito engraçado, Jack. Tão engraçado que eu estou me contorcendo de rir – mas ela não podia rir, mesmo que quisesse. O cansaço estava tomando conta, como se estivesse sendo tragada por uma imensa onda. Fechou os olhos. Se Jack queria fazer parte de uma história inventada por duas menininhas, problema dele. Ela não ia entrar nessa de jeito nenhum. Quem sabe se ficasse de olhos fechados ele entenderia a deixa.

– Tá bom, dorminhoca. Estou indo.

– Tá – resmungou ela.

– Neste instante.

Megan manteve os olhos firmemente fechados.

– Você ainda tá aqui...

– Aliás...

Se pelo menos tivesse algo para jogar nele. Alguma coisa pontiaguda. Ou pesada. Resolveria a situação. Só que, naquele momento, não tinha energia pra isso, ainda que aparecesse um monte de coisas para atirar nele.

– Quê?

– Manteiga de cacau – Jack se inclinou para a frente e tocou os lábios de Megan de um jeito tão suave que parecia estar tocando em algo muito delicado, que pudesse quebrar. Passou o protetor no lábio inferior dela como se essa fosse a tarefa mais importante de sua vida. – Você esqueceu de um pedacinho – disse.

Megan não conseguia falar. O menino estava tão perto que ela não conseguia dizer uma palavra sequer, tão perto que mal conseguia respirar. Naquele breve instante, tudo pareceu ficar parado, como se o mundo inteiro, o mundo deles, a ala, o hospital, estivesse congelado e não ousasse se mexer, porque, se o fizesse, aquele instante poderia desaparecer.

Por fim, o olhar de Jack cruzou o dela. Não havia sinal de sorriso ou deboche. Apenas a janela, do lado oposto, se espelhava nos olhos dos dois: reflexos perfeitos na pálida luz do dia.

Cinco

Era um jogo bobo, do tipo que se faz quando se está no hospital, de cama. Gemma e as Gêmeas não gostariam. Era bem diferente do futebol, cheio de regras e limites de tempo, ou de ir olhar os meninos no shopping. Não havia vencedores nem perdedores. Era mais como jogar paciência, aquele jogo de cartas que o avô gostava de jogar sozinho.

Só era preciso observar e ouvir, tentar adivinhar de quem eram aqueles passos que cruzavam a porta, quem estava rindo ou falando. Não era permitido roubar abrindo os olhos. Não que alguém fosse ficar sabendo. Você podia tornar o jogo tão complicado ou tão simples quanto quisesse, dependendo do tempo que tivesse, do quão entediado ou mal estivesse se sentindo.

Havia tempo demais.

Na maior parte, ela se sentia entediada.

E agora estava se sentindo mal.

Os sapatos da enfermeira Brewster chiavam. Megan tinha percebido isso. Os sapatos de Siobhan faziam um som mais parecido com um clique. Parecia vir do calcanhar. O oncologista, o Homem-Sapo, arrastava os pés como se não conseguisse levantá-los direito ou gostasse do som que seus sapatos faziam ou quisesse que todos soubessem que era ele quem estava passando. Talvez o trabalho dele fosse difícil demais. Talvez tornasse os sapatos dele mais pesados.

Ele tinha uma gargalhada estrondosa, que devia reservar para quando estivesse na ala ou falando com as crianças pequenas. Sempre dava para ouvi-lo. Como se tudo fosse uma piada. Como se aquela não fosse uma ala cheia de pacientes com câncer, tentando escapar da *coisa mais séria ainda*.

A coisa mais séria ainda.

Quando lhe contaram que tinha câncer e precisaria ir para o hospital, Megan ficou sentada, esperando as palavras que tinha acabado de ouvir simplesmente sumirem para que ela não precisasse pensar nisso.

– E se eu disser que não? – perguntou, porque as palavras se recusaram a sumir. – E se eu não quiser ir para o hospital?

O pai e a mãe a olharam como se ela tivesse tirado a roupa na frente da fila do ônibus.

– Bom, Megan... – respondeu o Homem-Sapo. – A coisa é séria. Importante. O câncer, o tratamento. Se você não fizer o tratamento e deixar o câncer ficar por aí, pode morrer. E essa coisa é mais séria ainda – então entrelaçou os dedos e ficou girando os polegares. – Queremos ajudar você a escapar dessa coisa mais séria ainda.

A mãe chorou naquele momento. Obviamente, estava tentando não desmoronar na frente da filha e tornar as coisas ainda mais difíceis, mas, depois desse resumo que o Homem-Sapo fez da situação, deve ter pensando que as coisas não poderiam ficar piores.

O pai apenas ficou sentado, como uma folha de papel em branco pendurada em um quadro de avisos.

Megan sabia que tinha sido derrotada.

Era como ir à praia e colocar até a última moedinha naquela droga de máquina que nunca entrega o prêmio. Até a última moedinha. E ficar desejando ter mais moedas para enfiar na máquina até conseguir. Só que você para por ali, senão seria

loucura. É preciso saber reconhecer quando se é derrotado – seja num parque de diversões ou no consultório de um oncologista.

– Então tá – disse ela, encarando o Homem-Sapo, esforçando-se para não chorar nem tremer. “Matando no peito”, como diria o avô.

A enfermeira Brewster estava andando pelo corredor e falando com Jack de maneira ríspida: parecia uma professora repreendendo um menino levado. Isso acontecia o tempo todo. De um jeito ou de outro, ele sempre estava encrencado, sempre era pego fazendo algo que não devia. O que significava que não era muito bom nesse tipo de coisa. Algo nesse fato fez Megan sorrir, apesar de se sentir absolutamente péssima.

Não estavam enganados quando disseram que ela poderia se sentir mal por causa da quimioterapia.

– Então, recebi esse telefonema, Jack, dizendo que você estava lá perto da sala de raio X. Me corrija se eu estiver errada, mas você não tinha uma radiografia agendada para esta tarde, tinha?

– Não exatamente.

– *Não exatamente*. E até onde eu sei você não tem *nenhum* raio X agendado – houve uma pausa quando a enfermeira Brewster, com certeza, lançou um daqueles seus olhares. – Jack, você sabe o quanto é importante que a gente tenha pelo menos uma vaga ideia de onde você está. Kipper também tentou sair da ala. Você sabe que ela observa todos os seus passos.

Às vezes, Megan sentia vontade de sair daquela ala. Mesmo que fosse com Jack, mesmo que isso significasse ter que admitir que não sabia aonde ir e precisava andar atrás dele.

Mas parecia que o garoto preferia desaparecer sozinho. Megan nunca sabia ao certo se ele estava na ala, tinha ido pra casa ou estava só perambulando pelo hospital. Apesar de tagarelar tanto, ele nunca contava muita coisa.

– E daí que alguém te ligou para dizer onde eu estava? – Jack dizia para a enfermeira Brewster. – Não precisa ficar tão estressada. Até parece que eu tipo peguei um ônibus.

– Jack...

E ele ficava ali, enfrentando a enfermeira, como se gostasse de se meter em encrenca. Os dois já haviam passado do quarto de Megan, não dava para ouvir as vozes com clareza. Não era para menos que Jack queria fugir, ir para outros lugares, mudar de ambiente. Não era para menos que perambulava por aí. Aquele hospital, aquele quarto, aquelas paredes e aqueles corredores eram tudo o que havia, exatamente como ele havia dito.

Pelo menos as criancinhas tinham uma brinquedoteca. Tinham até uma recriadora que as deixava fazer bagunça com brinquedos, tintas e argila. Tinham dedoches e fantasias. Se você fosse pequeno, podia fingir ser médico ou enfermeira e espetar agulhas nas bonecas.

Siobhan contara que aquilo as ajudava a se sentir normais, a parar de pensar em coisas ruins, preparava-as para fazer todos aqueles exames. Se elas tivessem pelo menos alguma ideia de como as coisas funcionavam, não teriam tanto medo.

– Pra vocês que são mais velhos, não tem problema – dissera. – Vocês entendem o que está acontecendo. Mas, para os pequenos, os aparelhos de radioterapia parecem um monstro gigante. Dura só alguns minutos, mas é uma eternidade pra eles.

Não era preciso ser criança para sentir o tempo se arrastar. Estar preso ali era uma eternidade. Cansada demais para se mexer, sem energia para desenhar, sentindo-se arrasada até para mandar uma mensagem de texto para as amigas. Não que Megan tivesse vontade. O que poderia contar? Elas estavam na escola, fazendo coisas de verdade. Ela estava lá, sem fazer nada, só ouvindo o Jack se meter em encrenca.

As amigas não entenderiam.

Megan mal conseguia lembrar do que estaria fazendo se estivesse na escola. Não conseguia nem imaginar. Aquilo tudo estava do lado de fora do muro, e ela estava do lado de dentro. Era como estar presa num daqueles globos de neve, só que sem a neve.

A garota piscou e abriu os olhos. Não tinha exatamente dormido, mas era mais fácil ficar deitada de olhos fechados do que mantê-los abertos. Tinha conseguido fazer uns rabiscos inúteis, mas parecia que a quimioterapia impedia seu cérebro de funcionar direito, e ela não conseguia desenhar nada de bom. Tentou ler o livro que tinha trazido. Um ótimo livro. Pelo menos era quando começou a lê-lo, em casa. Também poderia fazer algum trabalho escolar. A escola mandara alguns pela mãe, que os tinha trazido e guardado no armário. Ela deve ter percebido o olhar de nem-pense-que-eu-vou-fazer-lição-de-casa que a filha tinha disparado, então nem tocou no assunto. Além disso, podia pendurar na parede atrás da cama os cartões que recebera. A mãe lera todos os nomes e todas as mensagens, uma por uma, fazendo girar as palavras em sua cabeça.

Foi um alívio quando a mãe decidiu que precisava colocar um pacote para o pai no correio. Assim que ela saiu, apesar do corre-corre da ala, havia paz no quarto de Megan.

Pelo menos por algum tempo.

Logo alguém estava à sua porta.

A menina se virou e viu um *alien* parado. Ou quem sabe era uma princesa. Não tinha muita certeza. Uma cabeça lisa como um ovo. Grandes olhos azuis. Sem sobrancelhas. E magra como um palito. O vestido rosa de babados emoldurava seus ombros e caía como um saco de renda à sua volta. Tinha um caninho bem fino saindo do nariz, preso com esparadrapo na bochecha. A pulseira de

identificação parecia dois números maior. Era a coisa mais bonita que Megan já havia visto.

– Oi... você é... a Kipper? – o *alien* fez que *sim* com a cabeça. Megan se esforçou para ficar meio sentada, e o livro caiu no chão. – Tá procurando o Jack?

Um sinal de *não*.

– Conversei com a sua mãe outra noite – tinha sido na noite anterior? Ou dois dias atrás? Não conseguia lembrar. Não que tivesse alguma importância. A garotinha não disse nada.

– Tá tudo bem? Quer que eu chame uma enfermeira? – Kipper balançava a cabeça em negativa a cada pergunta. Megan estava cansada. – Bom, você quer entrar, então?

Algum interesse. Até que enfim.

– O Jack nunca se dá o trabalho de pedir pra entrar. Você também não precisa – Megan sorriu, mas a menina não sorriu de volta nem deu sinais de que faria algum movimento tão cedo. Ficou parada como um peso de porta.

– E aí, quanto tempo faz que você está aqui?

Kipper encolheu os ombros. Olhava para Megan com um quê de expectativa. O que ela queria? Por que estava ali?

– Você pode tomar suco ou alguma outra coisa? Pode comer doce? Tenho um montão.

Será que Megan queria lhe oferecer alguma coisa ou ia deixá-la beber do seu copo? Tarde demais.

Sem resposta.

Kipper começou a passar os olhos pelo quarto, como se estivesse checando se estava tudo em seu devido lugar ou tentando lembrar de algo. Talvez já tivesse estado ali e quisesse dar uma olhada, agora que outra pessoa o ocupava.

– Você gosta daqui? – perguntou Megan. – Provavelmente não. Estar em casa é bem melhor, né?

Kipper a olhava fixamente, escutando o que dizia, talvez, mas sem mostrar nenhum sinal de entendimento.

– Mas, já que a gente precisa estar aqui, as enfermeiras são legais, né? Eu gosto da Siobhan. Ela é engraçada. E os médicos até que são bacanas. Só que eles fazem muitas perguntas – Megan tentou rir, mas a garota a olhava de um jeito que parecia sugar toda a sua energia.

– Faz tempo que você está internada? Eu cheguei faz pouco, mas já estou de saco cheio. Você fica entediada? Acho que, se eles me dessem uma lição de matemática pra fazer, eu faria, de tão entediada... – Megan sorriu de orelha a orelha. Ela se sentia um palhaço, com um sorriso pintado especialmente para fazer rir crianças pequenas rir. – E essa quimioterapia faz a gente se sentir um lixo, né?

Kipper a olhou como se achasse que Megan tinha ficado meio maluca e que sorrisos de palhaço fossem coisa para bebês.

– Então você tem quase sete anos?

Ela fez que sim com a cabeça, deu uma olhada final no quarto e foi se afastando.

– Então tchau – disse Megan para o vazio que a menina tinha deixado.

Disseram que ela poderia se sentir mal depois de um ou dois dias, mas Megan não podia imaginar o quanto se sentiria cansada. Nada fazia aquilo passar. Recostar-se nos travesseiros não ajudava, virar de lado não adiantava nada. Tinha acabado de fechar os olhos de tanto sofrimento quando ouviu Jack perto da porta do quarto. Os chinelos dele davam uma raspadinha de leve no chão quando ele andava.

Que maravilha!

O garoto bateu com o suporte do soro na perna da cadeira.

– Ops, desculpa. Eu vivo batendo nas coisas com esse negócio. Posso entrar? Estou me escondendo da Bruxa.

Não, queria gritar Megan. Eu não quero companhia, quero vomitar! E vomitou numa bacia.

– Que beleza! – Jack estava encostado na parede, sorrindo. – Você ficou verde – Megan desabou nos travesseiros e limpou a boca com as costas da mão. – Eu não fico verde quando passo mal – e deu um sorriso largo, os dentes brancos contrastando com a pele negra. – Fico mais pro cinza.

A menina fechou os olhos, querendo que ele fosse embora. Mas então algo lhe ocorreu. Jack estava sem fôlego, como se tivesse acabado de correr. Fez um esforço para abrir os olhos mais uma vez e virou-se para ele. Estava sentado reto na cadeira ao lado da cama. Não parecia confortável. Ela viu o peito de Jack subir e descer, os ombros acompanhando o movimento, viu o suor brilhar na pele dele.

– Você tá bem?

Jack sorriu.

– Fui até a sala de raio X e voltei, só isso. É longe.

Demorou até o garoto recuperar o fôlego, mas por fim ele relaxou na cadeira, esticou as pernas e voltou a ser o mesmo Jack de sempre.

– Este é o meu bisavô Dawes – disse, apontando para a camiseta, comprida e larga. Tinha uma foto de um velho de chapéu, tocando trompete.

– Jack T. Dawes. Recebi o nome dele porque quando nasci cantei e dancei em vez de chorar.

– É. E ainda não parou.

Ele começou a rir. Era a primeira vez que Megan ouvia sua risada, surpreendentemente grave, profunda e rouca, que vinha direto do estômago e fazia seus ombros chacoalharem. Pela risada, parecia

muito mais velho do que era. A menina riu ao ouvi-la, apesar de estar muito cansada.

– E aí? Quer que eu penteie o seu cabelo?

Megan respirou fundo. Uma nova onda de enjoo tomava conta dela.

– Para de zoar, Jack. Ele provavelmente vai cair de qualquer jeito. É melhor eu raspar de uma vez – e respirou fundo de novo, tentando evitar que o estômago se revirasse. Não queria ficar enjoada, não queria que a fizessem lembrar de seu cabelo. – Ui, isso é tão nojento.

– É mesmo. Mas melhora. Sério. O que você tem? Nunca me contou... – Voando de assunto em assunto, de flor em flor, como um inseto, uma abelha, uma borboleta. Ela virou o rosto, recusando-se a responder. O garoto continuou.

– O meu é tão raro que nem nome tem. Estão escrevendo livros sobre ele. Aposto que o seu tem nome.

Megan fechou os olhos mais uma vez.

– Medulablasto... blergh... alguma coisa. Sei lá – e olhou de novo para ele. – Você vai embora logo? Por favor, diz que sim.

Jack encolheu os ombros, sorriu novamente, depois segurou com força os braços da cadeira, tentando levantar o corpo, como se tudo fosse muito longe, muito difícil. Megan olhou para os músculos dos braços dele, os tendões que transpareciam na pele, as minúsculas pérolas de suor.

– Tá precisando de alguma coisa? – perguntou o menino.

– Jack... – a enfermeira Brewster estava parada na porta, carregando uma tigela com formato de rim e um prontuário. Pousou as duas coisas na mesinha ao lado da cama.

Megan suspirou. O que iam fazer com ela agora?

– Ela *está precisando* que você saia – disse a enfermeira. – Logo. Já.

– Tá bom, tá bom. A gente só está se conhecendo melhor – retrucou, empurrando o suporte do soro para a frente. – Você que mandou, lembra?

A enfermeira Brewster levantou as sobrancelhas e fez um sinal com a cabeça em direção à porta. O canto da boca se contraía um pouquinho, como se estivesse tentando não rir, esforçando-se para fazer uma cara séria.

Megan teria rido, se não fosse por uma coisa.

– Oooh... – gemeu, tateando para encontrar a bacia à sua frente. Com uma mão, tirou o cabelo do caminho, com a outra, segurou a bacia de vômito embaixo do queixo. Bem na hora.

– Sensacional – disse Jack.

Seis

Kipper estava sentada no meio da cama de Megan. O vestido de renda espalhado à sua volta parecia um merengue rosa. Megan tentou não parecer surpresa quando saiu do banheiro. Apenas pendurou a toalha e guardou a *nécessaire*. A menininha estava sentada sem se mexer, parecendo uma estátua ou uma fada sem asas, daquelas de enfeite. Megan não sabia se ela podia ficar na cama de outra pessoa. Não sabia se deveria avisar a alguma enfermeira que a criança estava ali. Podiam pensar que ela estava andando pelo hospital, dando uma de Jack.

– Oooooi... Estava tentando tomar banho, mas não é nada fácil com essa droga – e deu um chute de leve no suporte do soro. – Você já jantou?

Uma sacudidinha na cabeça.

– Eu também não. Está cheirando a...

– Meia suada – disse Kipper.

Megan passou manteiga de cacau nos lábios e deslizou a latinha para debaixo do travesseiro.

– Exatamente. E, pra mim, tudo tem gosto de papelão. Chega um pouquinho pra lá. Estou acabada – a menina foi para o lado. – Preciso dar uma dormida ou pelos menos ficar deitada. Esse negócio me deixa tão cansada! Você já tomou isso?

Kipper fez que sim com a cabeça.

– E se sentiu cansada?

Um olhar. Nada mais.

– Bom, eu fiquei um caco.

Um barulho do lado de fora fez a garotinha ter um leve sobressalto. Era só o copeiro passando. Era fácil reconhecer seus passos. O homem mancava, um pé se arrastava um pouco atrás do outro, mas a maior pista eram as rodinhas do carrinho de jantar. Ele o trazia para a ala às cinco e meia da tarde e o ligava numa tomada para as refeições ficarem aquecidas. Cerca de duas horas depois, levava o carrinho de volta.

– Será que a gente arruma encrenca se não comer? O que você acha? Sou nova por aqui, então não sei direito como as coisas funcionam – outro encolher de ombros. – Acho que o gato comeu sua língua.

Um esboço de sorriso.

– Mister Henry.

Megan concordou com a cabeça.

– A-ha! Bem que eu pensei. Você já viu o danado? – a menina fez que não. – Acho que já ouvi, mas não tenho certeza. O Jack disse que era ele. Mas não sei como pode ser isso. Você sabe? Não aqui em cima. O que um gato faria aqui em cima? Quer dizer, será que um gato consegue subir tão alto? Isso é o que eu queria saber.

– O Brian sobe na árvore da nossa casa – disse Kipper, num tom calmo. – E aí os bombeiros precisam tirar ele de lá.

Megan riu, mas logo parou. O rosto da criança se enrugou todo, lágrimas começaram a se amontoar em seus olhos, como se o mundo inteiro tivesse desmoronado ao seu redor e ela estivesse perdida no meio de uma catástrofe.

– Oh, o que aconteceu? Vem cá – então abraçou a menina, que foi se aproximando devagar. As mãos dela estavam geladas, os dedos eram leves como plumas, pareciam os de uma criança mais nova ou de um passarinho. Megan puxou as cobertas e as ajeitou em volta da garota. – Melhor assim?

Kipper concordou com a cabeça.

– Brian é o seu gato?

– Ele é um filhotinho.

– Quem é que cuida dele enquanto você está aqui?

A menina fungou e chegou mais perto. Megan pôde sentir cada ângulo de seu corpo, a cabeça lisa e careca acomodada debaixo de seu queixo. Parecia incrivelmente quente e nem tão careca assim. Tinha uma espécie de penugem, como os bebês.

– A vovó e o vovô cuidam dele.

– Ah, que bom, né?

Kipper não respondeu. Apenas se enroscou em Megan, braços e pernas a prendendo em um abraço forte, e começou a chorar tanto que seu corpo chacoalhava. Parecia que uma mão invisível a confundira com um pano e a sacudia para tirar a poeira.

Megan acordou com um sobressalto, sem ideia de que horas eram ou de onde estava. Tudo parecia embolado numa maçaroca úmida e suada, e ela não fazia ideia do porquê. Quando tentou se mexer, descobriu o motivo, agarrado nela, dormindo profundamente. Kipper deu um suspiro longo, tremendo, como se resistisse a ser acordada, mesmo sem ter despertado. Apenas trocou de posição, se esticou e se acomodou de novo, sem tomar conhecimento de coisa alguma.

Seu rosto parecia bem relaxado, como se tivesse esquecido de todas as inquietações, como se nada passasse por sua cabeça. Um sono profundo, sem sonhos ou preocupações.

Preocupações.

Como é que Kipper, tão nova, podia ter preocupações?

A menina se mexeu de leve, como se soubesse que estava sendo analisada. Seus pés apareceram, de chinelos. Cor-de-rosa. Cintilantes. Que som fariam? Um chape-chape ou um som mais

arrastado? Pareciam levemente grandes para ela. Talvez escorregassem um pouco, depois se arrastassem pelo chão.

Não, se arrastar, não. Os chinelos eram bonitos demais para serem arrastados. E a garota, leve demais, delicada demais.

Megan a observou com cuidado. Ainda estava meio encolhida, a roupa de cama formava um casulo. Uma bochecha era pálida, da cor do leite, mas a outra, que ficara grudada em sua clavícula e agora aparecia apenas pela metade, tinha marcas de um cor-de-rosa vivo. Uma orelha de duende, com curvas e saliências que pareciam quase transparentes e delicadas como uma flor, fez Megan lembrar de uma garotinha de quem ela costumava cuidar. A filha do sr. e da sra. Baker, do número 19. Tinha só dois anos e meio. Será que as orelhas crescem no mesmo ritmo que o resto do corpo?

Kipper tinha quase sete anos.

– Oh – Megan falou sozinha, tomando consciência de que seu braço estava enrolado na garota. – O que eu vou fazer com você?

Quase em resposta à pergunta, Jack apareceu na porta, deu uma olhada e sorriu.

– Você a sequestrou ou foi ela que sequestrou você?

Megan fez que não com a cabeça.

– Não sei muito bem.

O garoto sentou na ponta da cama e se inclinou na direção de Kipper.

– Ela não vai acordar tão cedo. Com certeza. Você está presa aqui. Pra sempre, provavelmente.

– Tá, mas meu braço dormiu.

– Oh-oh, vamos ter que mudá-la de posição.

Jack tirou as cobertas da criança e deu um jeito de afastá-la de Megan, que sentiu frio imediatamente. Ela puxou o robe que estava na cabeceira da cama e o enrolou em volta da garotinha, que agora dormia entre os dois.

O sangue voltou a fluir no braço de Megan. Ela flexionou os dedos e mexeu a cabeça de um lado para o outro, percebendo o quanto seu pescoço doía.

– Que horas são? – perguntou.

– O pessoal do turno do dia vai embora logo, logo.

Então ela não tinha dormido por muito tempo. Mas parecia ter sido por horas e horas.

Siobhan entrou no quarto.

– Ah! Aqui está ela! A mãe vai até o café descansar um minuto e, na volta, encontra uma cama vazia.

– Acho que ela está com saudade do gatinho. Está preocupada com ele – explicou Megan.

– É mesmo?

– E eu não sabia o que fazer. Se ela tem permissão pra isso, sei lá. Quer dizer, ficar no meu quarto. Mas ela estava triste demais pra eu mandar embora. Aí pegou no sono.

– Pobre bichinho. Vou levá-la de volta pro quarto.

Megan ficou olhando Siobhan levantar a menina num movimento tão rápido e, ao mesmo tempo, tão delicado, com tanto cuidado. Parecia que Kipper era algo frágil ou precioso, feito de vidro cor-de-rosa fininho, algo que pudesse se espatifar até se você respirasse do jeito errado.

Mas ela ainda dormia profundamente e se aninhou no corpo da enfermeira, como se acreditasse que esse tipo de desastre não pudesse acontecer consigo.

Eram mais de onze horas da noite. Megan deveria estar dormindo, mas sua cabeça não parava de funcionar. Tentou ler de novo, tentou desenhar, tentou ficar tão quieta quanto possível, esperando que o sono viesse, mas ele não veio. Por fim, levantou da cama e saiu andando pelo corredor.

A sala de espera para os visitantes estava escura, exceto por um brilho prateado meio apagado que vinha do lado de fora e por uma réstia de luz dourada que uma luminária projetava na mesinha do canto. Megan acabou entrando, abandonando seu plano inicial de dar uma caminhada. Parecia ser tão confortável ali, tão sossegado.

Tentando fazer o suporte do soro entrar em acordo com as cadeiras e com a mesa de centro, conseguiu chegar até a janela e olhou para o rio, as ruas, os prédios, tão agitados à luz do dia, tão diferentes à noite. Tudo se esparramava dos portões do hospital pra lá, como se fosse um cobertor reluzente que envolvia aquele outro mundo, aquele onde sua mãe vivia, do qual lhe trazia pequenos fragmentos de informação – sobre o cachorro do vizinho, as telhas de metal da igreja que foram arrancadas, o supermercado novo que finalmente tinha sido inaugurado e no qual não pôde deixar de dar uma passada. A mãe poderia até estar falando de uma viagem para Marte. Megan ouvia e tentava parecer interessada, mas só queria que a mãe fosse embora. E isso a fazia se sentir mal, ingrata. Mesmo agora.

Apagou a luz para que a sala ficasse quase na escuridão. De algum modo, aquilo a fazia se sentir melhor, a fazia esquecer da mãe, fazia tudo o que estava do lado de fora do hospital brilhar ainda mais.

A cidade estava bem acordada. Fios de ruas bem iluminadas se estendiam em todas as direções, parecendo uma plantação estranha num campo negro. Chegavam bem longe. Carros se movimentavam de forma intermitente. Quem era toda essa gente que estava dirigindo? Para onde iam a essa hora da noite?

Uma brancura esfumaçada transbordava dos postes de luz da redondeza, lembrando uma rede que capturava sombras estranhas: uma pessoa aqui, um animal ali. Mister Henry, quem sabe. Se é que ele existia. Devia estar vagando pela cidade, naquele exato momento, procurando ratos.

Um trem atravessou a ponte sobre o rio e desapareceu. Megan sentiu vontade de estar nele. Um ônibus passou pela rua que ladeava o hospital. Também servia, se fosse levá-la para casa.

Um avião rugia por cima do hospital. Se estava aterrissando ou decolando, ela não soube distinguir. Ninguém naquele avião, ninguém naquele mundo debaixo dela, naqueles carros, nem o trem, os ônibus ou as sombras sabiam nada sobre ela. Era insignificante como uma formiga, apenas alguém olhando pela janela. Alguém que não tinha recebido a visita das amigas.

Dois dias inteiros.

“Era por causa da escola”, disse Gemma, numa mensagem de texto. “Era por causa da lição de casa”, falaram as Gêmeas. Era por causa de todas as coisas que elas faziam quando não estavam na escola. E o hospital era tão longe. Prometeram que, quando ela voltasse para casa, a visitariam todos os dias. Não ia demorar muito. ☺ ☺ ☺ ☺ ☺

Jack tinha razão. Megan quis odiá-lo por isso, mas não conseguiu. O garoto tentou alertá-la, mas ela não dera ouvidos. E sentia saudade das amigas do mesmo jeito que Kipper sentia falta de seu gatinho. Tanta que chegava a doer.

A lua apareceu de repente na janela, saindo de trás de uma nuvem. Parecia uma bola de gelo, iluminando a sala, tornando as paredes anêmicas ainda mais exangues, mais sem cor, os contornos das cadeiras azuis ainda mais sombrios. De alguma maneira, suas bordas gastas, acabadas, lembravam feridas abertas. Megan enxugou os olhos. Era ridículo chorar, mas não tinha conseguido evitar.

Um movimento na escuridão a fez soltar um gritinho.

– Shhhhhhhh! – disse Jack.

– Para de assustar os outros!

– Não estou assustando ninguém! Este esconderijo é *meu*, sabia?

– Hoje não – foi o que a garota conseguiu dizer. – E eu não estou me escondendo.

Jack chegou bem perto dela.

– Pelo menos dá pra você dividir o lugar comigo?

Megan não conseguia mais falar, não queria chorar na frente dele, não queria ser tão fraca, tão ridícula, mas também não conseguia evitar nenhuma dessas coisas. E, de uma hora para outra, tinha voltado a pensar em Kipper. Pobre princesinha alienígena. Por que continuava aparecendo em seu quarto? E a mudança de nome? O que significava aquilo? Claro, por que não? Talvez mudar de nome fizesse você se sentir melhor por estar doente, presa numa ala de hospital. Dava para fingir que aquilo estava acontecendo com outra pessoa, e não com você.

Se ao menos Megan pudesse mudar o *seu* nome. Ser outra pessoa.

– Estou fazendo você se sentir pior? – disse Jack, num tom suave. – Quer que eu vá embora?

Megan teve de levantar a cabeça para vê-lo. Sentia-se uma anã perto dele, de tão alto que ele era. Mal batia em seu ombro. Havia algo em sua altura que lhe conferia força e firmeza. Era sólido como uma rocha, algo que nunca iria ruir ou falhar com alguém.

Não, não queria que ele fosse embora.

– Tudo bem – disse.

– E então... O que tá acontecendo?

– Sei lá.

Megan queria tanto encostar a cabeça no braço dele, deixá-la ali, só por um ou dois segundos. Sabia, sim. Tudo estava acontecendo. Esse jeito dele, que conseguia estar tão feliz e animado o tempo todo, enquanto ela estava tão brava e chateada. Não acreditar no que havia dito sobre suas amigas. Mas ele sempre teve razão. Não queria que o garoto ficasse perto dela. Mas, na verdade, precisava dele mais do que tudo. Especialmente agora.

– Ei – Jack se aproximou. Os suportes de soro bateram um no outro, fazendo um ruído surdo. – Não se preocupe, seja lá o que for.

Então passou o braço pelos ombros dela, quente como um suéter, puxando-a para tão perto que ela se derreteu e tomou a forma dele. Tão perto que a clareza da luz da lua, o brilho excitante da cidade e os fios de ruas iluminadas, tudo se tornou apenas um borrão. Megan não conseguia ver onde ela terminava e ele começava, mas isso não tinha a menor importância. Nada tinha a menor importância.

– Obrigada – disse Megan, depois de um tempo. Seus olhos estavam inchados e doloridos de tanto chorar.

– Pelo quê?

– Não sei. Por estar aqui, eu acho...

Mas era por mais do que aquilo. Era por tudo o mais.

Era por Jack fazê-la sentir que tudo bem se ela chorasse. Era por ele fazer tudo parecer só aquele tantinho mais simples, menos complicado. Era por Jack fazê-la se sentir segura, ali, na frente da janela, na escuridão do céu que a envolvia.

Por fim, Megan se afastou, tirando o braço dele com uma leve sacudida dos ombros.

– A gente devia voltar, eu acho. Antes que nos encontrem.

– Deixe que nos encontrarem. O que vão fazer? Nos expulsar? Mandar a gente de volta pra casa? – Seu rosto brilhava ao luar. Ele sorria.

Era um sorriso sincero que, para variar, não ria dela. Megan sabia que Jack estava tentando ser seu amigo, tentando ajudar, já que Gemma não estava lá para conversar, as Gêmeas não estavam lá para fazer piadas bobas sobre tudo, como se soubessem o que é estar num hospital, o que é ter câncer.

Então deu um sorriso choroso para o garoto.

Ele realmente era tudo o que tinha. Precisava ser legal com ele, precisava parar de tratá-lo como se ele sempre estivesse atrapalhando. O garoto se inclinou em sua direção, como se soubesse de tudo aquilo. Megan podia sentir o hálito dele em seu rosto, um hálito de limpeza, de creme dental.

– Vamos ficar aqui – sussurrou ele, como se isso fosse resolver tudo.

Mas como poderia resolver?

– Onde mais a gente pode ir? – perguntou Megan, surpreendendo-se com a amargura que começou a sentir de uma hora para outra. – Só tem essa droga de ala, essa droga de lugar – as palavras saíram em pequenas explosões, como se Jack tivesse culpa de tudo, o que ele claramente não tinha.

Mas a menina não conseguia se controlar.

A raiva não passava. *Ficar ali* significava que ela não tinha saída, tinha sido sugada por aquele hospital, pelo mundo de Jack, e acabaria como ele, sempre se metendo em encrenca, ou como Kipper, triste por causa de um gato.

Megan não queria se meter em encrenca, não queria ficar triste. Queria ser normal, estar longe dali e não ter mais câncer. Era uma droga. Aquilo tudo. E Jack *não podia* ajudar. Ninguém podia, e não fazia sentido *ficar ali*.

Foi aí que ele inclinou o rosto e a beijou com o mais suave toque dos lábios. A garota se afastou.

– Para.

Jack ficou bem parado, como se alguém tivesse apertado *pause*. O ar entre eles quase estalava. Megan não sabia dizer se ele estava magoado, achando graça ou com raiva. Seria fácil *despausá-lo*, seria fácil senti-lo perto de novo através do tecido fino do robe, absorver cada respiração dele. Seria fácil beijá-lo também.

Mas não.

Aquilo não estava certo. Nada estava.

O espaço entre eles foi ficando cada vez maior e mais profundo, como um cânion. O ar esfriou.

– Tudo bem. Eu entendo – disse Jack.

– Não! Você não entende. É que... – as palavras não saíam. Ela sentiu um vazio ainda maior por dentro.

Mas não era para se sentir pelo menos um pouquinho feliz por querer beijar alguém?

Megan tentou encontrar o caminho até a porta, só que agora, no escuro, os móveis pareciam maiores, o suporte do soro parecia ter crescido, ter mais rodinhas. Ficou batendo nas coisas.

– Não vá embora – disse Jack. – Fica um pouco mais. Desculpe. Prometo que não vou tentar mais nada.

A voz dele tinha aquele tom debochado de novo, que queria dizer que nada o atingia. Nada nem ninguém, nem mesmo ela, poderia magoá-lo.

Isso fez Megan sorrir, só um pouquinho, como se toda aquela mágoa que ela sentia não passasse de um pesadelo do qual tivesse acordado.

O menino começou a se encolher numa das poltronas perto da parede.

– *O que você está fazendo?* – perguntou Megan.

– Às vezes eu deito aqui pra dormir um pouco – parecia a mãe dela ou alguém ainda mais velho falando.

– *Nestas poltronas?*

– É. Experimente.

Megan foi se batendo até a fileira de poltronas, do outro lado da sala. Que não eram desconfortáveis, não eram mesmo. Ajeitou os pés, enrolando o robe neles como se fosse um cobertor. Poderia facilmente pegar no sono. Será que Jack já tinha feito isso? Dormir

ali a noite toda? Será que alguém já o flagrara fazendo aquilo? Ficou olhando ele se espreguiçar como um gato no cesto.

– Jack – sussurrou.

– Shhhhhh! Estou fazendo planos.

Ela franziu o cenho.

– Que planos?

A resposta não foi mais do que uma risadinha. Ah, não. Ele não podia estar planejando sair da ala naquela noite!

– Você vai fugir de novo?

Sem resposta.

– Você vai acabar enlouquecendo o pessoal do hospital, sabia?

Outra risada, seguida de silêncio. É óbvio que Jack não ligava de incomodar as enfermeiras ou os médicos, não se importava com regras ou códigos de conduta, só em violá-los, nem que fosse para estar fora só por um instante.

Se ao menos ela pudesse fazer a mesma coisa.

Megan queria ter um lugar para ir, igualzinho a Jack, algum lugar que não fosse o seu próprio quarto, que não fosse aquela ala ou a sala de espera das visitas ou o espaço que chamavam de Escola – que não passava de uma mesa, algumas cadeiras e um computador no canto da brinquedoteca.

– Pra onde você vai quando sai daqui da ala? – perguntou.

Jack se levantou, apoiando-se nos cotovelos. Megan podia senti-lo olhando para ela, como se quisesse desvendá-la.

– Bom, o hospital é grande – respondeu. – Centenas de andares, prédios e elevadores. E também tem a parte antiga, com um monte de corredores e coisas sombrias que você não gostaria de encontrar na calada da noite...

– Para, Jack – advertiu. – Guarda essas bobagens pra Becky e pra Laura. Vamos, para com isso.

Ele deu uma risada que saiu do fundo da garganta.

– Tá bom... Bem... Tem a salinha do zelador, o refeitório dos funcionários, a lavanderia, o restaurante dos visitantes, a capela... Então fez uma pausa, como se fosse tomar fôlego ou verificar se ela tinha acompanhado o que dissera até ali.

Megan olhou para Jack, e o imaginou não na capela ou na lavanderia, mas andando com um ar muito casual, muito calmo, saindo pela porta principal, passando pela entrada até desaparecer na rua.

– ...o dormitório dos médicos, a casa das enfermeiras... pelo menos acho que é isso...

– Você não foi a todos esses lugares.

– Fui, sim.

– Por quê?

– Por que não? – o garoto sorriu de orelha a orelha, seus dentes brancos brilhavam à luz da lua. – Só pra eles não esquecerem que eu estou aqui. Vão ficar com saudade quando eu for embora.

– Até parece...

Um relógio bateu as horas, continuou batendo, cada nota ribombando pela cidade. Era meia-noite. Mister Henry devia estar andando por aí, caçando ratos, esgueirando-se pelos telhados, escalando prédios, sentando no parapeito das janelas, bisbilhotando a vida das pessoas, que deveriam estar dormindo.

– Então, além de desenhar – disse Jack, como se falar sobre si mesmo tivesse ficado chato de uma hora para outra –, o que mais você faz?

– Futebol.

O menino cruzou os braços atrás da cabeça.

– Futebol? Você assiste, certo?

– Eu jogo.

– Mas você é menina! Meninas não jogam futebol – caçoou. – Nem sei o que a Becky e a Laura vão dizer a respeito disso. E a

Kipper? Imagine só! Você deveria fazer coisas de menina, tipo... sei lá, roupas, compras, maquiagem.

– Meninas não fazem só isso.

– Não? As meninas que *eu* conheço não jogam futebol.

Megan revirou os olhos.

– Bom, dããã, eu jogo.

Ele precisou de um tempo para digerir a informação.

– E joga bem?

– Sou a única menina no time da escola. A gente estava se saindo bem.

O garoto fez um ruído, que deveria significar que tinha ficado impressionado.

– Você deve ser boa, então.

O ar de provocação a abandonou. Que sentido fazia falar de uma coisa que talvez ela nem fosse mais fazer? Nunca mais seria tão boa, e não a deixariam voltar para o time depois de ter ficado tanto tempo afastada.

– Eu *era*.

– Olha, vai dar tudo certo. Você vai ver só – Jack devia estar lendo seus pensamentos. – Quando nos deixarem ir embora pra valer, vou voltar pra banda, e você vai voltar pro seu time.

Então bocejou e se espreguiçou mais uma vez, as pernas e os braços parecendo ainda mais longos, mais flexíveis, mais musculosos. Deu uma cotovelada no suporte para tirá-lo do caminho e ter mais espaço. – Na verdade, vão me deixar sair. Amanhã.

– Você vai pra casa? – o coração de Megan deu um pulo. Como conseguiria enfrentar aquela semana inteira sem ele? – Pra sempre?

– Nããão. Volto daqui a algumas semanas. – Um instante de silêncio. Megan olhou para Jack. O garoto estava olhando para ela.

– Você vai estar aqui?

– Talvez.

Ele não disse nada, como se não tivesse escutado o que a garota havia dito ou não desse a mínima. Talvez não estivesse mais acordado. Respirava devagar, de um jeito ritmado, roncando de vez em quando. Os joelhos se mexiam de leve, um sobre o outro, como se ele estivesse caindo num sono cada vez mais profundo. Seu braço se contraiu. Megan ficou olhando o peito do menino subir e descer, ficou olhando a lua aparecer de novo e encontrá-lo, pousando sua luz na pele dele.

Jack tinha tirado o chapéu. Os longos dedos se enrolavam na aba, que ele segurava perto da barriga magra. O chapéu respirava junto com seu dono.

Megan bocejou. Os dois deveriam voltar cada um para o seu quarto. Se o pessoal da noite aparecesse, seria encrenca na certa. Dupla encrenca. Mas ela nem ligava. Se Jack não ligava, ela é que não ia ligar.

Enrolou-se até se sentir confortável. Fechou os olhos e viu a si mesma e Jack andando pela cidade, envolvidos em fios de luz. Foram indo cada vez mais longe do hospital até não serem mais do que pequenos pontos na escuridão da noite, andando direto até o dia amanhecer.

Sete

Jack ia para casa. Estava ocupado, arrumando as malas com a mãe. Megan os deixou sozinhos, embora quisesse ficar ali. O que era ridículo. Também iria para casa dentro de alguns dias. Que chorona, ficar triste por causa disso. Sabia se cuidar. Não era criança. Podia dar suas voltinhas sozinha.

Só que talvez andasse apenas pela ala principal, em vez de percorrer todo o hospital. Ainda estava cansada. Não precisava de muito para sentir vontade de deitar e dormir. Não que dormir adiantasse muita coisa. Ainda acordava cansada.

Megan empurrou o suporte do soro pelo corredor, na direção contrária ao quarto de Jack, passou pelas portas de seu quarto e a primeira coisa que viu foi Kipper.

Sua expressão era revoltada, o rosto estava vermelho. Sentada no meio da cama. Siobhan ao seu lado. A mãe dela também estava ali e nem parecia a mulher que tinha conversado com Megan na outra noite. Estava mais para alguém que tinha acabado de sair da cama depois de uma semana sem dormir.

– Não quero – dizia Kipper.

– Mas é só um remedinho pra você se sentir melhor – explicou a mãe. – Siobhan trouxe especialmente pra você. Só pra você.

Kipper fez que não com a cabeça.

A mãe tentou de novo.

Nada feito.

A cena toda era observada por um menino pequeno deitado de lado, agarrado num ursinho de pelúcia que usava um chapéu de enfermeira com uma grande cruz vermelha. Os dedos dele afundaram na barriga do urso, que se dobrou como se estivesse morrendo de dor.

– É só um copinho – disse Siobhan –, e você vai se sentir melhor depois de tomar.

– Não, não vou.

– O Mikey tomou o dele, né, Mikey? – o garotinho do urso fez que sim com a cabeça. – Viu só? E está se sentindo melhor, não está?

Mais um sim com a cabeça. O chapéu do urso escorregou para o lado. Kipper torceu a boca.

O telefone tocou no posto de enfermagem. Um médico, que mexia nuns papéis como se procurasse algo importante, atendeu.

– Enfermeira Brewster, é pra senhora – ficou balançando o fone no ar e continuou sua busca.

– Eu atendo. Ela está ocupada – uma enfermeira apareceu atrás dele, tirou o fone de sua mão e começou a falar.

Enquanto isso, um bebê chorou, e a mãe o acalmou passando a mão em sua cabeça. Um menininho começou a bater no berço com um sorridente trem de brinquedo, aquele do desenho *Thomas e seus amigos*. O trem não parecia se importar: o sorriso não saía de seu rosto.

Uma mulher de túnica branca com um crachá escrito “Fisioterapeuta” estava sentada com outro garoto, fazendo-o inspirar e expirar para ver se o rato de pelúcia em seu peito subia e descia.

– É isso aí. Bem melhor. Respirar bem fundo faz o ratinho mexer. Você é uma cama elástica! – o menino olhou para ela, admirado. – Que garoto esperto! Vamos tentar mais um pouquinho.

E então Megan viu Jack, de pé, no começo da ala.

Sem o soro, de jaqueta e jeans, uma mochila pequena pendurada no ombro, ele parecia normal. Não, normal, não: deslumbrante.

Foi como se a ala inteira parasse no tempo: todos os olhos se voltaram para Jack. Mesmo os ruídos contínuos das máquinas pareceram gaguejar por um segundo, como se o garoto as tivesse pegado de surpresa.

Megan sorriu. Ele tinha ido vê-la antes de ir embora. Sentiu um comichão de felicidade, uma dor de arrependimento. Mas Jack foi caminhando direto em direção a Kipper, que parou de reclamar. O menino do urso de pelúcia ficou olhando para ele. O trem Thomas parou no meio do ar. O rato se mexia para cima e para baixo, mas o menininho ficou espiando por cima do ombro da fisioterapeuta.

– Ooooi, Siobhan, o que você tem aí? – Jack pegou o copinho de remédio da mão dela e passou embaixo do nariz. Fechou os olhos, como se sentisse o cheiro da melhor coisa do mundo. – Hmmm – disse, mexendo a cabeça afirmativamente. – Essência de morango. Um toque de sorvete. Uma pitada de confeitos – abriu os olhos de novo, arregalando-os. Ouviu-se uma risadinha. – Posso tomar, por favor?

Siobhan fez que não.

– Ah, Jack. Você sabe que não é pra você. Me devolva agora mesmo. Você tem o seu pra levar pra casa – disse, encantada.

Jack fez uma careta.

– Você é que vai tomar, né? Não acredito! Uma enfermeira! Roubando o remédio da Kipper! – e segurou o copinho bem alto, fora do alcance de Siobhan.

Kipper observava tudo de boca aberta, os olhos arregalados. A mãe dela estava sentada com um sorriso vago nos lábios e afastava uma mecha de cabelo do rosto.

– Vou devolver isso a quem é de direito – declarou Jack, entornando o remédio na boca de Kipper antes que ela pudesse fechá-la. Então fechou a boca da menina muito suavemente, deixando os dedos pousados embaixo de seu queixo para evitar que ela cuspiasse a medicação.

O remédio desapareceu.

Outra risadinha. O trem Thomas ribombou ao lado do berço. O rato subiu e caiu. O chapéu do urso tombou de vez.

– Até mais, Kipper! E, se essa Siobhan tentar roubar o seu remédio de novo, é só falar comigo ou com a minha amiga Megan.

Então andou até Megan e pousou sua mão no ombro dela. Era uma sensação quente e agradável, parecia a mão de alguém velho, sábio e gentil. Por um momento, ela pensou que o garoto pudesse querer beijá-la de novo. Na frente da ala toda. O que ela faria? Deixaria? Olhou para ele, como se dissesse: *Tudo bem, pode beijar.*

Mas Jack apenas sorriu.

– Até a próxima, quem sabe.

E foi embora.

Megan sentou à mesa onde as crianças brincavam com massinha de modelar, protegendo o gato de Kipper. Por algum motivo, não sabia muito bem qual, estava ali ajudando a fazer uma miniatura de Brian. Branco como a neve, de olhos azuis. Tinham acabado de fazê-lo quando Kipper teve de voltar para a cama: os médicos residentes iam examiná-la. Poderia demorar um tempão, mas ela fez Megan prometer que cuidaria do gato.

No dia seguinte, Megan deveria receber alta. A ideia de ficar sem o soro e o suporte, seus companheiros constantes daquele período que pareceu uma eternidade, saber que poderia fazer coisas normais de novo, tudo era meio estranho.

As coisas normais. Por onde elas andavam?

Olhou em volta. Tinha gente cantando. Uma mãe e uma enfermeira com um aparelho de CD, acompanhando a música. Na frente delas, sentado em cima de um cobertor, um menininho imitava seus gestos. *Franze o nariz*, cantavam. E o menino franzia o nariz. *Passa as mãos no cabelo*. E ele passava as mãos na

cabecinha careca. *E agora requebra, requebra, requebra.* A criança sacudia os braços, dançava e ria, depois batia palmas, porque era muito esperta.

Sua pele era de um amarelo pálido, e ele tinha pequenas úlceras em volta da boca, mas isso não parecia incomodá-lo. Quando a música acabou, com um som de fanfarra, os adultos aplaudiram, e ele apenas gritou pedindo mais.

O *play* foi apertado de novo, e a música e a dancinha recomeçaram.

Cansada de esperar por Kipper e de observar o bebezinho dançar sentado, Megan começou a fazer um lugar legal para Brian morar. Um jardim, com árvores de rolos de massinha, copas de círculos verdes, maçãs de bolinhas vermelhas, que desabrochava perto de uma cerca branca, com vista para um lago azul da cor do céu com um pato no meio.

A garota se concentrou na textura de cada peça do cenário, colocando veios nas folhas, cascas nas árvores, raminhos verdes nos lírios do lago e nas maçãs, para que tudo parecesse vivo, vibrante e o mais colorido possível.

A recreadora demonstrou sua aprovação balançando a cabeça, uma criança saiu da cama, afastando-se da mãe, para ver o jardim que florescia. Um menino arrastou consigo o cobertor, colocou uma ponta na boca e ficou sentado, sugando e observando. O dono do trem Thomas foi para o canto do berço e ficou espiando pelas grades. O bebê que dançava logo foi levado até lá pela mãe, e essa nova distração o fez sorrir novamente.

Se Jack estivesse ali, teria inventado uma história com todas as peças daquele cenário de cores vibrantes. Na ausência dele, Megan fez o que pôde.

O Brian veio aqui depois de tirar um cochilo.

O Brian está procurando peixes no lago.

O Brian está subindo na árvore.

Kipper finalmente voltou, exigindo ver seu gato, checar se estava tudo bem com ele. A mãe dela ficou perto da cama.

Orgulhosa de seu jardim de massinha, Megan levantou e pegou a menina pela mão.

– Feche os olhos. – Kipper obedeceu, e Megan a levou até a mesa. – Agora abra.

A claridade fez Kipper piscar, ela deu uma olhada na casa nova de Brian, e seu rosto se transformou em algo muito feio. Soltou um gritinho, correu até o jardim e, batendo com o punho fechado nas árvores, achatou uma por uma.

– Não! – gritava a cada batida. – Não. Não. Não.

Levou apenas alguns segundos para transformar o jardim colorido de Brian em uma maçaroca marrom.

Seis pares de olhos piscaram, olhando com curiosidade para a bagunça da mesa e a destruição do jardim. A mãe de Kipper se aproximou devagar, como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo.

Atordoada, Megan conseguiu salvar o gato por uma fração de segundo.

– O que aconteceu? Achei que você fosse gostar. O Brian não gosta? – ela sacudiu o gato na frente do rosto da menina, que tinha grandes manchas vermelhas de raiva.

– Não. Ele odeia – arrancou o gato de massinha das mãos de Megan e o jogou no chão. Com seus chinelos cor-de-rosa perfeitos e seus dedinhos dos pés cintilantes, pisoteou o bicho até ele ficar com a espessura de uma folha.

Megan sentou, boquiaberta, sem a menor ideia do que havia acontecido de errado. Enfermeiras vieram correndo. A recreadora começou a arrumar a bagunça.

– Ora, meu amor – disse a mãe de Kipper. – A Megan passou um tempão fazendo esse jardim. Especialmente pra você. Isso não é jeito de se comportar.

– Não quero. É bobo.

– Tudo bem – disse Megan. – Eu estava entediada. Só estava brincando. Nem ficou tão bom assim.

Kipper ficou parada, olhando para a bagunça, e começou a chorar.

A mãe a pegou pela mão.

– Vamos, meu amor. Acho que está na hora de você descansar.

Quando a menina finalmente foi persuadida a voltar para a cama, enrolou-se, ainda chorando, como se o mundo inteiro, mais uma vez, tivesse desmoronado à sua volta e estivesse tão achatado e bagunçado como o jardim de Brian.

Mais tarde, a mãe de Kipper bateu na porta de Megan.

– Só vim pedir desculpas.

– Não tem problema. Sério.

– Não sei o que acontece com ela. Num minuto tá bem e no outro... Ela acha que pode fazer o que lhe der na telha. Fico tão brava...

Megan sorriu.

– É porque ela está aqui. O tratamento e tudo o mais. Tenho vontade de fazer a mesma coisa quase o tempo todo. E talvez ela tenha achado que eu pus muitas árvores no jardim. Quer dizer, o Brian podia subir em alguma e se perder. E não havia bombeiros para salvá-lo.

A mãe da garotinha sacudiu a cabeça, mas deu uma meia risada.

– Você é doidinha. É sim. Igualzinha ao Jack. Mas obrigada, viu? Ela gosta de você, do mesmo jeito que gosta dele. Vai sentir sua falta quando você voltar pra casa – uma sombra tomou conta de seu rosto naquele momento, como se a palavra “casa” lhe trouxesse mais uma preocupação. – Melhor eu voltar pro lado dela. Só Deus sabe o que ela está aprontando.

– Ela vai embora logo?

A mulher apertou os lábios e pareceu ter de pensar para responder.

– Precisam tentar mais algumas coisas. O sangue dela está uma bagunça e, bom, sei lá. Até mais, meu amor. Se cuida.

Na manhã seguinte, Megan ficou sentada com a mala na sala de espera dos visitantes, aguardando a mãe falar com a enfermeira Brewster. Tinham tirado os lençóis de sua cama, o armário estava vazio, tinham apagado até o menor indício de que ela tinha passado quase cento e vinte horas naquele quarto. Parecia que um aspirador de pó gigante entrara ali e sugara tudo.

Cento e vinte horas.

E levava só meia hora para deixar tudo limpo para o próximo paciente.

A sua casa.

Gemma e as Gêmeas, agora que sabiam que ela estava a caminho, estavam mandando mensagens de texto como se tivessem acabado de descobrir que elas existiam. As Gêmeas disseram que estavam *morrendo de vontade* de vê-la. Que expressão mais estranha. Dadas as circunstâncias. Queriam saber dos médicos. Os médicos homens, mais precisamente. Ela tinha gostado de algum? Era bem a cara delas.

Gemma mandou ☺ ☺ ☺ ☺ ☺ ☺, o que era bem a cara dela.

– Bem, Megan... – a enfermeira Brewster estava parada perto da porta. Parecia ainda mais alta. Talvez fosse o fato de as poltronas da sala serem baixas. – Seu retorno já está agendado. Vamos estar te esperando. Alguma pergunta?

– O Jack vai estar aqui quando eu voltar?

“*Por favor*, permita que ele esteja aqui da próxima vez.” Se ela não morresse de câncer, morreria de tédio.

A enfermeira pensou por um momento.

– Sabe que eu não sei? – Megan deve ter deixado sua decepção transparecer. – Sei que esse lugar não é o mesmo quando ele não está aqui. Funciona melhor, com certeza, mas não se preocupe, você ainda vai vê-lo! Ele entra e sai o tempo todo – entrelaçou as mãos. Chega de Jack. – Então você vai pra casa. Está animada?

– Vai ser demais dormir na minha própria cama de novo.

Megan tentou lembrar de seu quarto e não conseguiu. Parecia que tinha passado anos – e não dias – longe de casa.

Não conseguia lembrar da cor das paredes nem do edredom. Nem das cortinas nem dos quadros. Estava tudo preso em algum lugar remoto de sua cabeça e não saía de jeito nenhum.

Talvez isso fosse efeito do tumor.

Ficar com a cabeça enevoada.

A mãe sorriu.

– Mal posso esperar para tê-la de volta. E a casa vai estar cheia de visitas!

Megan olhou para a mãe.

– Como assim?

– Segredo – respondeu, sorrindo.

Uma pequena comoção fora do quarto fez as três se virarem para a porta. Era Kipper. Estava usando um chapéu de lã vermelho vivo. A mãe empurrava sua cadeira de rodas azul.

– A Megan vai embora?

– Vou, sim – e foi caminhando em direção à porta. A menina parecia muito pequena, sua pele estava tão pálida que mal parecia existir. – Eu estava mesmo indo te ver. Dizer tchau. Aonde é que você está indo?

– Ela está indo para...

– Mãe! A Megan é *minha* amiga – disse Kipper, com um tom decidido. A mãe olhou para o outro lado, suas bochechas ficando vermelhas. – Preciso ir fazer um raio X.

Então pelo menos elas ainda eram amigas... Megan tinha sido perdoada por ter feito um jardim com árvores demais para Brian subir. Se é que era isso que tinha acontecido. Tinha sido absolvida do crime de tentar animar uma menininha e fracassar completamente.

– Raio X? A gente sabe que isso é tipo... – disse Megan.

– Chato.

A enfermeira Brewster sorriu.

– Bom, a Megan precisa ir para casa agora, Kipper. Vá fazer o seu raio X.

A menina acenou e pediu que a mãe empurrasse sua cadeira pelo corredor.

Oito

Balões estavam pendurados na porta. Três balões de um amarelo vivo, com as palavras “Seja”, “Bem-vinda” e “Megan” escritas neles. A mãe ficou parada sorrindo para Megan, mas chegou para o lado, dando uma piscadinha.

– Os balões não foram ideia minha, viu?

– Então quem...? Foi o papai? Ele voltou?

– Ele pôde tirar uma licença e vai estar aqui em um ou dois dias, mas não. Não foi ideia dele. Você vai ter que esperar. Vamos pôr tudo pra dentro. Vá entrando. E eu quero que você deite no sofá. Tá parecendo cansada.

– Eu estou bem.

– Não discuta. Vou pegar sua mala no carro.

Megan abriu a porta e foi tomada pelo cheiro conhecido de casa. O amaciante de lavanda que a mãe usava nas roupas, o lustra-móveis que passava na mobília. A casa estava um brinco, parecia que um convidado especial estava prestes a chegar.

Será que tudo aquilo era para ela? Só porque ela tinha voltado?

Megan olhou para o sofá. Um travesseiro e um cobertor já estavam lá. Na mesa do centro, seus DVDs da série *Friends*. Um saco de suas balas preferidas. Tudo pronto, esperando por ela. Parecia que tinha fugido de casa e voltado, e tudo precisava estar perfeito para que ela não fugisse de novo.

Ah, mãe!

Estava desconcertada. Cadê todo mundo? A casa não estava cheia de visitas coisa nenhuma. Do que a mãe estava falando lá no hospital?

– Vou pegar algo pra beber – disse a mãe. – Quer um chá? Um chocolate quente?

– Não, obrigada.

– Um suco?

– Estou bem, mãe.

Megan ficou parada no meio da sala, escutando os barulhos da casa. Consequia ouvir crianças brincando na rua, seus gritinhos e berros, umas brigando com as outras. Podia ouvir uma bola de futebol sendo chutada. Foi até a janela e olhou para fora. As três crianças da casa do lado estavam brincando com as duas do número 5. Trotavam pra cima e pra baixo até que gritaram um aviso e se espalharam como uma nuvem de moscas. O carro dos Baker estava vindo, virando perto do número 19.

Ela tinha acabado de começar a trabalhar de babá para os Baker quando a tontura a obrigou a parar. A filha deles tinha dois anos e meio e a chamava de Megancia. Quando fazia isso, Megan não conseguia parar de pensar em melancias: grandes, verdes e vermelhas e cheias de sementes. Ela as odiava.

Os Baker tinham mandado um cartão que a filha tinha feito. A frente era cheia de papel amassado colado, e a parte de dentro tinha um grande garrancho feito com giz de cera. Ela o pendurara na parede atrás da cama, com os outros cartões. Usara uma massinha adesiva e, quando tirou os cartões, no último dia, restos de massinha ficaram grudados por todos os lados. Não fazia ideia do que os faxineiros achariam daquilo.

Contou as crianças que estavam do lado de fora. Eram dez. Ficou imaginando quantas acabariam indo para o hospital com câncer ou se ela seria a única naquelas redondezas.

Uni. Colocou o dedo na janela e apontou para o garoto loiro de cabelos cacheados. Du. A garotinha ruiva. Ni. A de cabelo escuro com longas tranças. Tê. O carro do 7 estava dando ré na garagem. Alguém gritou um aviso, e as crianças se espalharam de novo, como um monte de folhas ao vento. Sa. “Eu”, pensou Megan.

Foi Gemma quem abriu a porta. Foi Gemma quem abriu um grande sorriso e se jogou em cima de Megan.

– Oiê – disse, como se as duas nunca tivessem se separado, como se não tivesse *deixado* de visitar Megan no hospital. Como se a menina não tivesse passado cento e vinte horas sem amiga nenhuma.

As Gêmeas estavam retraídas, pareciam dois cervos desconfiados.

Então aquilo era *a casa cheia de visitas*.

– Oi, Megan. Como é que você está se sentindo? – perguntou Frieda.

– Bem? Ou mal? Está se sentindo mal? Você parece bem – completou Stacey.

As irmãs estavam fazendo careta, como se dizer aquelas poucas palavras fosse muito difícil, como se não estivessem acostumadas a falar.

As Gêmeas?

Não estavam acostumadas a falar?

– Estou bem. Vocês não vão entrar?

As meninas entraram na sala devagar. Eram tão idênticas que até seus movimentos e suas emoções pareciam sincronizados. As duas pareciam apavoradas e olhavam para Megan como se ela fosse uma bomba prestes a explodir ou tivesse uma doença mortal e contagiosa.

Gemma tocou o braço dela daquele seu jeito suave.

– Foi horrível?

– Não, não muito... Foi...

– Desculpa por a gente não ter ido tipo te visitar, mas, bom... A gente trouxe os balões. Você gostou? – Stacey olhou para os balões como se aquilo tivesse sido uma péssima ideia.

Megan tentou responder.

– Quando é que você vai voltar pra escola? – Frieda entrou em ação. – Você perdeu *um monte* de trabalhos. Tinha que fazer lições lá? Vai pra aula *amanhã*? – e se jogou numa cadeira.

Houve um momento de silêncio. Megan teve vontade de que ele durasse mais. Tinha vontade de que elas simplesmente fossem embora.

– Ela não vai pra aula amanhã, tonta, acabou de sair do hospital! – Stacey se jogou em outra cadeira.

– Eu sei, mas amanhã tem aula de educação física – Frieda sacudiu a cabeça, como se todas as irmãs fossem tontas. – E você sabe como é que a Megan fica quando tem aula de educação física. Futebol...

As irmãs ficaram sentadas, com olhar de expectativa. Gemma não falou nada, ficou só girando o brinco na orelha.

– Acho que não posso jogar. Ainda estou com o negócio do soro – disse Megan.

As Gêmeas piscaram.

– Onde?

Ela deu uma batidinha na clavícula.

– Bem aqui. Preciso ficar com ele até terminar o tratamento. E não posso molhar.

– Ugh! – as Gêmeas trocaram olhares. – Mas... não acabou ainda? – perguntou Frieda.

– Não deram um fim no negócio? – completou Stacey.

– Tsc, tsc, tsc – fez Gemma. – Foi a primeira sessão do tratamento. Explicaram isso pra gente na escola, lembram?

– É mesmo? – perguntou Megan.

Então lembrou que a mãe tinha contado sua visita ao coordenador. Mas só de pensar em voltar para a escola com todo mundo sabendo...

– A senhora Delaney teve câncer e disse que precisou fazer várias sessões. Talvez você também precise. Foi isso que ela falou – Gemma olhou para Megan de relance. – Só pra gente, viu, pra nossa classe.

– O cabelo dela caiu – disse Frieda, voltando o olhar para Megan.

– Mas nunca se sabe – completou Stacey. – Eu nunca notei. O cabelo da senhora Delaney sempre foi péssimo – e olhou de lado para Megan.

Até Gemma parecia curiosa.

– Ele ainda está todo aqui – falou Megan, dando um puxão no cabelo.

As Gêmeas deram um suspiro de alívio. – Que bom – disseram. As duas ficaram de pé. – Mas a gente tem que ir agora. A mamãe falou que não era pra gente ficar muito tempo... – então procuraram o presente que haviam comprado, fazendo um grande alarde. Era uma caixa de bombons. – Vai que a gente te fez se sentir pior.

Megan teve que sorrir.

– E aí, quando é que você volta? – perguntaram as Gêmeas.

– Sei lá. Talvez na semana que vem. Tenho que fazer os trabalhos que me mandaram.

– Se você precisar de mais, eu posso trazer – ofereceu-se Gemma. – A qualquer hora.

As Gêmeas já estavam na porta.

– Você nem contou dos médicos. Tinha algum bonitinho?

Ela lembrou da equipe médica. Dos desenhos que tinha feito. O sapo oncologista, o médico magrelo e comprido do cabelo espetado que parecia uma vassoura.

– Ah, tinha. Vários – respondeu. – Tão lindos que dava vontade de arrancar o próprio braço com os dentes.

Houve um momento delicioso de silêncio quando a porta da frente se fechou – com um estrondo – atrás das Gêmeas. Pareceu que a casa inteira tinha respirado fundo e suspirado. Em seguida, deu para voltar a ouvir, pouco a pouco, os ruídos normais. A mãe na cozinha. O relógio em cima da lareira.

Megan se enrolou no sofá com Gemma e assistiu a alguns episódios de *Friends*. As duas riram nas partes que sempre riam e, mesmo assim, aquilo não parecia tão engraçado. Não mais. Eles tinham problemas tão bestas. Pareciam um problema ambulante. Nada daquilo era real.

– Você está cansada? – perguntou Gemma. – Posso ficar. Ou ir embora.

Megan desligou a TV.

– Sei lá. Parece que eu fui atropelada por alguma coisa muito grande a toda velocidade.

Gemma deu uma risadinha.

– Acho que foram as Gêmeas.

Megan sorriu, mas estava cansada. Fechou os olhos e pensou no que ia fazer no resto do dia, no resto da semana, e em todas as semanas que faltavam para ela voltar ao hospital e ver Jack de novo.

Tudo estava confuso. Não queria voltar para o hospital de jeito nenhum, mas onde mais poderia encontrá-lo? Era como ver uma grande nuvem negra se aproximando aos poucos, querendo que a chuva caísse direto em sua cabeça, porque aí conseguiria sentir a chuva, conseguiria senti-la caindo em sua pele e em seus cabelos, e isso, sim, seria real.

– Acho que não consigo voltar pra escola. Ainda não. Ia ser tipo aturar uma classe cheia de Gêmeas.

Gemma estava de cenho franzido.

– Você tá bem? Quer que eu chame a sua mãe?

Não. A mãe, não. Ela queria era o Jack.

– Estou legal. Mas acho que preciso dormir um pouco. Tudo bem?

– Claro que sim. Vou indo. Te ligo mais tarde? – Gemma lhe deu um abraço apertado. Pareceu apertado demais, como se ela tivesse que fazer um esforço.

– Eu te ligo. É capaz de eu dormir direto até amanhã. Estou tão acabada...

Talvez dormisse direto até voltar para o hospital. Até poder ver Jack de novo.

Nove

Mas Megan só viu Jack de novo na terceira sessão de quimioterapia. Quando descobriu que ele estava na ala, no mesmo quarto de antes, como se nunca tivesse saído dali, teve que se controlar para não sorrir. Aquilo sim estava certo. Aquele sentimento. Só de vê-lo de novo.

Na última vez que estivera no hospital, nada parecia estar certo sem ele por ali. Ir para casa depois também não, nem voltar para a escola, onde tinha que ficar escutando as Gêmeas tagarelarem sobre coisas idiotas tipo roupas e fazer *piercing* no umbigo e que o professor novo de matemática era *simplesmente um gato*. E Gemma fazendo coro, como se só pensasse nisso também. Aquilo era uma droga. Tudo era.

Pelo menos agora ela estava ali, tentando persuadir Jack a deixá-la fazer um desenho dele.

– Já desenhei quase todo mundo. Quer ver?

O garoto não demonstrou nenhum interesse. Simplesmente ficou deitado na cama, de olhos fechados. E não pareceu nem um pouco feliz de vê-la.

Pela primeira vez, Megan se perguntou se ele teria uma namorada, se teria saído com alguém enquanto estava em casa, alguém linda e saudável e que não tinha câncer.

Talvez ter câncer fizesse as pessoas imaginar que as outras gostavam mais delas do que realmente gostavam. Megan tentou

não pensar nisso.

– Bom, posso te desenhar?

– Eu preciso me mexer?

Ela deu uma risadinha.

– Não.

– Então tudo bem.

O avô andava perguntando sobre os desenhos dela. Tinha dito que, enquanto não pudesse jogar futebol, deveria desenhar o máximo possível. Podia ser uma artista de verdade se praticasse. E ele queria ver os desenhos – a neta tinha que lhe enviar alguns. Poderia mandar este que fez de Jack.

– Ah, você está aqui – a enfermeira Brewster espiou dentro do quarto. – Bom ter você de volta, Megan. O que você está aprontando? – e sorriu para os dois.

A garota apontou para o bloco de desenho.

– O Jack é uma droga de modelo.

A enfermeira não pareceu surpresa.

– Fico feliz que vocês estejam juntos porque, se desta vez você estiver planejando alguma das suas saidinhas, Jack...

– É – disse o menino, sem abrir os olhos. – O quê?

– Seria muito bom se você nos desse uma pista. Sei que as coisas andaram fáceis para a gente nessas últimas semanas, que você estava em casa, preferimos que seja assim. E a Megan bem podia ir junto. Quem sabe ela consegue evitar que você se meta em encrenca.

Houve uma pausa. Um olhar significativo.

Megan franziu o cenho. Por que a enfermeira Brewster estava falando aquilo?

– Então, o que você me diz? Combinado?

Jack não reagiu. Ou ele não queria que a enfermeira ficasse no seu pé ou não queria que ninguém o acompanhasse em suas andanças, para não atrasá-lo ou dificultar as coisas.

Por um momento, Megan pensou que ele fosse se recusar a responder. E lhe deu um cutucão.

– Tudo bem – disse Jack, revirando os olhos, sem se dar o trabalho de mostrar o habitual sorriso, que sempre tinha na manga para contornar problemas. – Então a gente vai mais tarde até... a parte antiga. A Megan ainda não foi lá.

– Certo, mas não demorem muito. Lembrem, que não temos tempo nem pessoal para ir atrás de vocês... – e saiu.

– Sai fora, Bruxa – ele resmungou.

Parecia que Megan tinha caído de paraquedas em uma conversa completamente diferente.

– O que é que você tem?

O garoto sacudiu a cabeça, mas não disse nada. Ficou só olhando para o teto.

– Ela só te pediu um favor, só isso.

Nada de resposta.

– Aconteceu alguma coisa?

– Nada. Não aconteceu *nada*.

Silêncio.

Megan passou os dedos na lateral do bloco de desenho, que tinha muitas folhas. Parecia sólido, confiável, algo do qual se pudesse esperar que cumprisse sua função. Como uma árvore. Ou uma rocha.

Qual era o problema de Jack?

– A última vez que estive aqui – disse ela, consciente de que estava quase falando demais – não tinha ninguém. Ninguém pra conversar. A Siobhan estava de férias. E eles arrumaram umas enfermeiras novas. Pacientes novos. Tudo novo. Eu poderia ter conversado com a Becky e com a Laura, mas elas também não estavam, porque o irmão da Becky foi pra casa. E a Kipper também foi, mas voltou. Eu acho.

Parecia que Jack não estava ouvindo, mas ele virou o rosto para Megan.

– E aí, você já voltou pras aulas?

– Mais ou menos. Depois da segunda sessão. Será que a gente se acostuma com a quimioterapia? Não me senti tão cansada da última vez. – Não houve resposta. – Bom, fiquei só meio período.

Megan odiou. Cada segundo. A mãe a levou no primeiro dia, e ela quase entrou em pânico. Ficou simplesmente congelada no banco do carro.

E as coisas não melhoravam.

– Essa minha amiga, a Gemma – continuou – ela é demais, mas a gente não tem sempre as mesmas aulas. E aí tem a Stacey e a Frieda – e sacudiu a cabeça. – Elas são bem legais, mas me tratam como se eu fosse... sei lá... como se eu fosse um bicho do zoológico. E todo mundo faz a mesma coisa. Ficam tipo esperando meu cabelo cair ou eu ficar verde.

Jack assentiu com a cabeça, como se soubesse bem do que ela estava falando.

– Fiquei feliz de voltar pra cá. Sei que parece ridículo, mas eu fiquei – ali na ala deles, a aparência não importava, também não importava se você estivesse se sentindo um lixo. Todo mundo era igual. – Você foi pra aula?

– Mais ou menos – respondeu o garoto. – Estou sempre entrando e saindo da escola. Já tá todo mundo acostumado. E eu quase não faço lição. Ninguém me obriga. Ter câncer até que tem as suas vantagens.

Megan esperou um daqueles seus sorrisos largos. Que não apareceu. Sentiu um tremor bem no fundo da alma. Qual era o problema dele? Por que estava neste mau humor?

– Teve gente que me perguntou se eu estava grávida – disse, na esperança de ganhar um sorriso –, de tanta aula a que eu faltei.

Mais silêncio. Megan olhou para Jack. O menino estava entediado, óbvio, não queria que ela estivesse ali. Não queria que estivesse com ele em lugar nenhum.

Pegou suas coisas e levantou para ir embora, tentando não lembrar que um dia ele a havia beijado como se gostasse dela, tentando não ficar magoada.

– Você passa pra me buscar? Mais tarde? Se tiver melhor?

Ficou esperando perto da porta. O que ela iria fazer se ele dissesse não?

Jack finalmente olhou para cima.

– Tá. Eu passo.

Na parte antiga do hospital, só havia um monte de corredores de azulejo verde. Era um labirinto. As paredes tinham janelões com parapeitos tão grandes que era até possível sentar neles, as vidraças eram divididas em outras menores e davam para prédios de tijolinho vermelho de todos os tamanhos e formas. A luz pálida da tarde custava a entrar ali.

Megan e Jack andaram por passagens escuras, com entradas em arco, que pareciam túneis. O corredor se arrastava devagar até o seu destino. Placas marcavam as áreas de Reumatologia, Endocrinologia, Patologia, Hematologia.

O garoto estava quieto. Buscara Megan como prometido, disse que estava indo dar uma volta e esperou por ela. Ela perdoou o seu mau humor e ficou contente, mas o passeio não foi nada divertido. Jack realmente não queria a sua companhia, só estava fazendo aquilo porque a enfermeira Brewster tinha pedido. Era óbvio.

– Aonde é mesmo que a gente tá indo? – perguntou Megan.

– Sei lá. Nunca cheguei até o fim deste corredor.

Já fazia um tempo que os dois estavam caminhando, empurrando os suportes do soro.

Um médico passou por eles, com o estetoscópio pendurado no pescoço. Parecia estar num mundinho só seu. Cinco minutos

depois, uma mulher de bengala apareceu do nada, andando com dificuldade. Era baixinha e corpulenta, tinha bigode, e o cabelo branco parecia um ninho de rato. Pela cara, estava completamente atordoadada.

– Sabe onde fica o Departamento dos Olhos, meu bem? – perguntou, ofegante. – Acho que fui para o lado errado – Megan lançou um olhar para Jack, que sacudiu a cabeça e encolheu os ombros. – Quero ir na Oftalgia – continuou a mulher, mostrando um cartão de consulta.

– Of-tal-mo-lo-gia – leu Megan.

– Isso mesmo, bem. Oftalgia.

– Aqui diz que é no Pavilhão Spencer... Onde é que é isso, Jack?

O garoto estava começando a se afastar, como se só se importasse em chegar ao fim daquele corredor que não conhecia.

Uma mulher elegante passou por eles. Tinha o cabelo trançado, formando uma corda grossa e prateada. No casaco, estava preso um crachá oficial. Ela sabia exatamente onde era o Pavilhão Spencer.

– É essa senhora a que quer saber – explicou Megan. – A gente sabe aonde tá indo.

– Mas a ala pediátrica é do outro lado do hospital, não é? – aquilo soou mais como uma afirmação do que como uma pergunta, sugerindo que aquela mulher de crachá achava que os dois estavam aprontando alguma. – O que vocês estão fazendo por aqui? – Lançou um olhar duro para Jack. – Você não é aquele garoto que...

Megan fez uma careta. Aquele garoto que o quê?

A senhora que estava procurando a Oftalmologia deu mais um sorriso confuso.

– Você vai me mostrar aonde eu tenho que ir? – suplicou. – Estou tão atrasada.

Por um momento, a mulher ficou com uma expressão de que tinha muito mais a dizer. Mas agora não era hora. E dirigiu o olhar para a senhorinha.

– Claro que vou, querida.

As duas foram embora. Mas, antes, a mulher da trança prateada teve de lançar um olhar muito receoso para Megan e Jack.

– Mas *essa aí* é enxerida – disse Megan, depois que elas saíram.

– De pastinha e tudo. Deve ser tipo secretária de alguém.

– Ou deve ser a encarregada de limpar o chão.

Megan olhou para Jack. Ele finalmente estava sorrindo. E até bastante.

– Ou os banheiros – disse ela.

À medida que foram andando pelo corredor, baixaram a mulher de posto até ela não passar de uma barata. E pararam por aí.

Aquela caminhada sem objetivo era cansativa. Megan notou gotas prateadas de suor na pele de Jack e foi andando bem devagar.

– Você está bem?

– Tratamento novo – respondeu ele, como se isso explicasse tudo.

Megan deu graças a Deus quando viu duas cadeiras do lado de fora da lavanderia.

– A gente andou demais. – Começou a ficar preocupada com a volta. A ideia de estar segura na ala deles era tão convidativa que desejou poder pegar carona num daqueles carrinhos que os zeladores dirigiam.

– Do que aquela mulher estava falando?

– Que mulher?

– Aquela da trança. Você não é aquele garoto que... Que o quê? Você andou se metendo em encrenca? – Jack sacudiu a cabeça, sua expressão ficou dura de repente. – Tá bom, tá bom. Nem quero saber. Não é da minha conta.

Em seguida, enquanto ainda estavam sentados, Jack ficou mudando de humor, daquele jeito que só ele conseguia fazer. Jack, a borboleta. Finalmente estava animado e ficou contando para Megan sobre como seu avô tocava trompete. Então parou no meio de uma frase e tirou o *famoso* chapéu da cabeça para examiná-lo.

– O que foi?

– Nada. Mas esse chapéu é legal, né? – era velho, meio acabado, nada legal. – Quando eu uso o chapéu, é como se ele estivesse aqui comigo, entende? Como se a música dele ainda estivesse aqui.

– No chapéu? – Megan o arrancou das mãos dele para olhar o lado de dentro, procurando música.

O garoto o pegou de volta.

– Como se ele nunca tivesse ido. Como se ainda estivesse aqui.

– Tipo um fantasma?

Pausa.

– É, tipo.

Megan mexeu os dedos na frente do rosto dele.

– Uuuuuuuuuuuuh! Conta uma história de terror pra gente, Jack – disse, imitando uma menina de nove anos.

Jack deu uma olhada como se ela realmente estivesse se comportando como uma criancinha.

– Então, quantos anos você disse que o seu avô tinha?

O menino estava se mexendo de novo. De flor em flor. Sem nunca ficar parado.

– Ele não tem tipo cem anos?

– Quase. Vai fazer noventa e seis.

– Uau! Que *ancião*. O meu bisavô teria cem anos agora, se não tivesse morrido.

Nunca tinha ocorrido a Megan que seu avô fosse um ancião. Velho, sim, mais velho que o avô de todo mundo, mas e daí? Para ela, ele era só o Vovô.

– Não consigo entender. Ele tem quase cem anos e você tem o quê, quinze?

– Catorze. Quase catorze – respondeu Megan, feliz por ele ter pensado que era mais velha.

Jack olhou para o teto, balançando a cabeça como se estivesse contando ou cantando para si mesmo. Ele fazia muito isso, parecia que sempre estava tocando música na cabeça dele.

– E a sua mãe, tem quantos anos?

Megan fez a conta de cabeça.

– Quase quarenta e sete. Ela diz que o vovô casou tarde.

– Fino.

– O quê? Casar tarde?

O garoto lançou para ela um olhar muito sério.

– Você não ia mentir, ia? – Megan fez que não com a cabeça, imaginando aonde é que aquilo ia chegar. – Então ele ainda mandava bem quando estava *perto dos cinquenta*.

A menina pensou por um ou dois segundos e se deu conta do que ele estava falando.

– Jack!

Ele deu um grande sorriso e socou o ar.

– É assim que se faz!

– Para! Deixa ele em paz! – Megan afundou o rosto nas mãos, seu cabelo se espalhava em volta delas. – É do meu avô que você tá falando! – E aí começou a rir, apesar de tudo. Era horrível aquela conversa sobre o avô fazendo AQUILO, mas ela não conseguia parar. Seu corpo doía nos lados, o rosto queimava, os olhos lacrimejavam, mas era tão bom ter o velho Jack de volta.

Finalmente conseguiu olhar para ele sem rir. O menino a encarava com os olhos meio fechados, um sorriso no rosto, como se entendesse tudo do assunto, como se estivesse pensando naquilo naquele exato momento.

Ela passou uma mão pelo cabelo, tirando-o da bochecha de um modo desajeitado. Talvez Jack fosse passar o braço pelo seu ombro de novo, ali, no meio do corredor, onde aparecia gente do nada. Seu olhar cruzou o dele. Megan não se importaria nem um pouco, mesmo que o hospital inteiro aparecesse. Se Jack quisesse. Ela não o impediria.

O garoto ainda estava sorrindo, como se soubesse o tempo todo que era isso que ela faria.

Megan franziu o cenho, seu coração deu um pulo de leve. Tinha alguma coisa estranha. Ficou olhando para a própria mão por um bom tempo, sem saber muito bem o que tinha acontecido. Uma mecha de cabelo estava enrolada nos dedos, do tipo que sai quando se limpa a escova.

Por um segundo, tentou adivinhar de quem seria aquele cabelo, como é que tinha ido parar ali.

Então entendeu.

– Jack? – sussurrou, tremendo. Ficou com a mão levantada e viu o sorriso morrer nos lábios dele.

– Chega – disse Jack. – Vamos voltar pra nossa ala – e a puxou da cadeira, segurando sua mão com força.

A menina olhou para aqueles dedos negros enroscados nos seus. Sua mão parecia pálida e minúscula perto da dele. Parecia fraca. Não era mais sua. Era dele agora, não dela. Nada mais era dela.

Tudo tinha sido sugado dela. Sentia-se bamba, tudo estava frouxo, dos joelhos ao estômago, passando pelo coração. Até a respiração saía truncada.

– Vai ficar tudo bem – disse Jack, com uma voz calma, segura. E apertou sua mão. – A quimioterapia faz isso.

Um grupo de médicos jovens apareceu, rindo como se fosse um bando de gaivotas. Todos pareciam ter um monte de cabelo, grosso, brilhante, de todas as cores. Do tipo que não cai quando se passa a mão. Firme. Verdadeiro. Saudável.

Não havia nenhum careca entre eles.

Suas camisas pareciam novinhas em folha, como se fossem recém-compradas. Estavam colocadas direitinho por dentro das calças, sem nada aparecendo, sem nada desarrumado. Os estetoscópios brilhantes estavam enrolados em volta do pescoço deles, os bolsos, cheios de caderninhos.

Tudo neles era novo e lustroso. Sem uso. Pareciam aqueles carros da concessionária, que todo mundo tinha vontade de comprar.

Megan se sentiu cheia de amassados e arranhões. Um carro que ninguém teria vontade de comprar. Como é que tinham coragem de rir se o cabelo dela estava caindo? Não enxergavam que ela tinha câncer? Não entendiam o que estava acontecendo? Que tipo de médico eram eles, que não se ligavam em nada?

– Residentes – declarou Jack, seguindo-os com os olhos à medida que fizeram a curva do corredor e sumiram de vista. – Sempre andam em bando.

– Vamos embora – pediu Megan, ainda segurando a mão dele com força. Queria voltar para a segurança da ala deles, para o conforto de seu quarto. Queria se esconder embaixo das cobertas e não sair nunca mais. – Por favor, Jack. Vamos embora agora.

Deu um jeito de não chorar no caminho. Conseguiu, de alguma maneira, colocar um pé na frente do outro e não pensar em nada. De algum jeito, conseguiu inspirar e expirar. Aquilo era pior do que fazer prova. Pior do que ir ao dentista.

Eles voltaram para a ala sem dizer muita coisa.

Megan ficou quase contente quando viu as unhas cor-de-rosa do elefante, ficou quase feliz quando ouviu um bebê gritando e um telefone tocando.

E lá estava Siobhan.

– Então, vocês dois... – a enfermeira ficou em silêncio por um instante e olhou para as mãos dadas de Megan e Jack.

Megan tentou tirar seus dedos das mãos do garoto, mas ele apertou ainda mais sua mão. Olhou para o rosto dele e viu um ar desafiador, no jeito de sua boca, na maneira como olhava para Siobhan.

– Até que enfim vocês voltaram, hein? Acho que a enfermeira Brewster estava esperando vocês *um pouco* mais cedo... – Jack ia dizer algo, mas Siobhan o impediu. – Nem me falem por onde vocês andaram. Senão vou ter que contar. E da próxima vez... não demorem tanto – ficaram em silêncio, olhando-se sem saber o que dizer. Siobhan finalmente sorriu para eles. – Deixa pra lá. Está na hora da troca de turno. Até mais.

Megan precisava sair dali, precisava pensar no que estava acontecendo com seu cabelo, precisava chorar. Desesperadamente. Soltou a mão de Jack. O vazio doía em seus dedos.

– Quero dormir – disse.

Jack olhou o corredor de uma ponta a outra e pareceu satisfeito.

– Não. Ainda não. Vou dar um jeito.

– Não entendi.

– Não se preocupe – então passou o braço pelos ombros dela, foi andando em direção ao quarto de Megan e a empurrou delicadamente para dentro.

No quarto, tudo parecia tão conhecido, tudo estava no lugar. O armário perto da cama, o outro na parede de trás, a campainha. A porta do banheiro levemente aberta, do jeito que ela havia deixado. As cortinas ainda penduradas no trilho, esvoaçando tão suavemente, cutucadas pela brisa que vinha do lado de fora.

Nada tinha mudado desde que saíra para passear com Jack.

Então por que *e/a* tinha mudado? Nem todo mundo perdia o cabelo. Tinha lido isso em algum lugar. Não tinha? Então por que ela não podia ser uma dessas pessoas que não passavam por isso?

Não queria perder o cabelo, mas a prova ainda estava lá, enroscada entre seus dedos. Os fios estavam caindo.

Talvez não devesse ter ido a lugar nenhum, quem sabe, se ela não ficasse perambulando por corredores antigos, isso não teria acontecido. Mas a enfermeira Brewster tinha dito para ela ir, para evitar que Jack se metesse em encrenca. Então como é que aquilo tinha ocorrido?

O menino não demorou a voltar.

– Então... tá todo mundo ocupado... Vamos raspar tudo – e sacudiu um barbeador no ar, daqueles que o pai dela usava no rosto. Cheio de lâminas.

– Meu cabelo?

Jack fez que sim com a cabeça, como se estivesse falando com alguém imbecil, e ficou esperando. Parecia não ter pressa nenhuma.

– Minha mãe vai ficar louca – disse Megan, tomada pela terrível inevitabilidade daquilo tudo. – E, aliás – completou, olhando com suspeita para o barbeador –, onde é que você conseguiu isso?

– Deixa pra lá! Você vai começar a ficar com cara de capacho velho. Vamos dar um jeito antes que isso aconteça. Sua mãe vai gostar, você vai ver. E aí, o que vai ser? Um *look* limpo, descolado, ou capacho mofado? – então parou. – Tesoura. Ah, e você precisa sentar numa dessas cadeiras.

E lá se foi ele de novo.

Megan se sentou numa das duas cadeiras do quarto. O sol se esgueirava pela janela. Ela sentia seu calor na pele, mas não conseguia evitar o arrepio que começou a tomar conta de sua espinha.

Queria o pai e a mãe, queria o avô, queria Gemma, Stacey e Frieda, queria qualquer um que pudesse impedir que aquilo acontecesse, que pudesse levá-la embora para um esconderijo. Mas todos estavam em algum outro lugar, em alguma outra bolha, flutuando em algum outro céu, e não havia como fazer contato com eles.

– Pronta? – Jack tinha voltado com a tesoura.

– Não muito. Vai em frente.

Que importância aquilo tinha? Que importância qualquer outra coisa podia ter?

– Você vai ficar ótima – disse Jack, puxando outra cadeira. Sentou-se atrás dela, suas longas pernas a ladeavam, parecendo encostos do braço de uma cadeira. – Sério. Vai mesmo.

Megan sacudiu cabeça. Não. Ela ia ficar horrível.

– Deixa eu dar uma olhada em você – e passou os dedos pelo cabelo dela, como se fosse um cabeleireiro, avaliando. – Dá pra vender esse cabelo, sabia?

– Ah, tá. Quem é que ia querer o cabelo de uma pessoa com câncer?

Ela se sentiu suja. Contaminada. Encolheu os ombros numa espécie de vergonha.

– Ah, vamos – Jack passava os dedos pelo seu couro cabeludo. Estavam frios. Eram relaxantes. Massageava a pele dela com movimentos lentos e circulares, em volta das orelhas, passando pelas curvas e protuberâncias do crânio, por cima do lugar onde o tumor deveria estar, subindo até as têmporas, incutindo nela algo parecido com sono. Uma tontura deliciosa tomou conta da menina, que se sentiu quase caindo. Grudou as mãos nas coxas dele, que a apertaram como se o garoto soubesse que ela ia cair, envolvendo-a, absorvendo-a até não sobrar mais nada dela, como se a estivessem protegendo de algum mal.

Megan fechou os olhos, descansando a cabeça nas mãos dele, permitindo que a puxasse em sua direção. Deixou a cabeça ficar pousada no peito do menino, e o sentiu em sua pele, sentiu cada osso seu, o esterno, as saliências das costelas... E o coração, que batia forte por trás daquilo tudo, ao passo que o dela parecia bem morto.

Então deixou escapar um grande soluço, algo que tomou força dentro dela, como um grito abafado.

– Vai logo, Jack.

– Tá tudo bem. Shhhhh.

E começou a cortar.

Ela pegou as primeiras mechas que caíram em seu colo e se permitiu examiná-las com atenção. Como eram macias, quase tão macias quanto cabelo de bebê, e tinham tantos tons... Achava que o seu cabelo era castanho, um castanho homogêneo e comum, mas cada mecha parecia diferente agora que tinha saído de sua cabeça, agora que estava na palma de sua mão. Era como se cada uma tivesse sido tingida por uma cor diferente, vermelho, dourado e castanho também.

E Megan só tinha percebido isso agora.

Mais fios de cabelo caíram aos montes, amputados de sua cabeça, alguns se espalhando pelo chão. Jack cantava enquanto cortava, cortava, cortava tudo.

Chega de se preocupar com o cabelo. Chega de elásticos. E de frufus. Chega de xampu e de condicionador. Chega de fios arrepiados e de chapinha.

Megan se firmou de novo, segurando nas pernas dele com força.

Outro punhado foi arrancado de sua cabeça, as lâminas da tesoura começaram a mastigar os fios, como se a tarefa fosse muito difícil para elas, como se o cabelo fosse muito grosso.

A garganta de Megan começou a doer, e ela não conseguiu engolir. Os olhos ficaram embaçados, e tudo ao seu redor se esvaiu em uma névoa lacrimosa. Nada mais parecia real.

A tesoura abria e fechava, abria e fechava, sem parar, mastigando o cabelo. O que diriam quando a vissem? A mãe, o pai, o avô, as amigas. Eles olhariam e veriam... algo que não era ela. Ela não era mais a Megan.

Jack, como se só tivesse consciência da tarefa que precisava cumprir, pegou outro punhado de cabelo e passou a tesoura. Megan observava tudo que possuía, tudo que a definia, escorregar por seus

ombros e desabar como uma cascata no chão, como folhas que caem quando alguém sacode uma árvore que vai morrer.

Dez

– O que você pensa que está fazendo? – a enfermeira Brewster apareceu na porta. Jack só dera uma única raspada com o barbeador, mas não tinha sido nada agradável. Megan ficou em dúvida se ele sabia mesmo o que estava fazendo. – Me dá isso agora!

A brincadeira tinha acabado.

– Eu estava só deixando ela apresentável – declarou Jack, dando o seu sorriso mais triunfante. A enfermeira Brewster não ia sair perdendo. Estendeu a mão, esperando pelo barbeador. – Tem um protetor, ela não vai se machucar – disse o garoto, num tom emburrado, e entregou o aparelho. O sorriso tinha desaparecido.

A enfermeira sacudiu a cabeça.

– Megan, achei que você tivesse mais juízo. Não pensei que fosse deixá-lo chegar perto de você com isso!

E brandiu o barbeador na cara dos dois, furiosa. Ficou falando das regras de segurança, dos perigos das lâminas afiadas. Tinha bebês e crianças pequenas naquela ala, pelo amor de Deus, o que podia acontecer se... E onde é que tinha ido parar o bom senso deles?

Megan olhou fixamente para as mãos da enfermeira sem dizer nada, o coração aos pulos. Fechou os olhos porque não acreditou que Jack tinha começado a falar alto, num tom tenso, obstinado.

– Ela deixa os médicos mexerem nela. O que tem de bom senso nisso?

– Como é que é? – a enfermeira Brewster o encarou.

– Para, Jack. Tá tudo certo.

O garoto girou o corpo para ficar de frente para Megan, sua expressão era de fúria.

– Não, não está tudo certo. *Eles* podem, por que eu não posso? Pelo menos *eu* estava fazendo uma coisa boa.

A menina gemeu. Sabia que eles tinham perdido, que não valia a pena prolongar aquela agonia.

– Jack... – a enfermeira Brewster ficou olhando para o menino com aqueles seus olhos enormes, a boca sem expressão. Ele deveria ter lido o sinal de perigo no rosto dela.

– O seu cabelo nunca caiu, né? Nunca fincaram agulhas em você. Não como fincaram na gente. E o que *e/as* fazem de bom, hein?

Alguma coisa na voz de Jack fez Megan olhar para cima. O rosto dele estava duro como pedra, apesar de os nervos das bochechas se contraírem de raiva.

A enfermeira permaneceu calma.

– É tudo muito importante, como você bem sabe. Não fincamos agulhas nos outros sem motivo. Não fazemos isso por diversão.

– Mas que bem isso faz? Me fala! – ele encarava a enfermeira Brewster com uma expressão de quem odiava o que via.

O que é que ele estava fazendo?

Por que não podia parar?

– Pode fazer muito bem, Jack – o tom de voz da enfermeira mudou de leve, tinha um toque de bondade. – Pode sim. Você sabe disso.

– Do jeito que está fazendo bem pra Kipper? – ele quase gritou o nome da menina.

– Não vamos *discutir o caso dela* agora, Jack.

– Por que não? Você não ligou de discutir o caso dela quando eu a levei para dar uma volta... e você mandou um exército inteiro atrás da gente.

Megan engoliu em seco. Do que ele estava falando? O que queria dizer sobre Kipper?

– Acho que está na hora de você ir para o seu quarto, Jack. Não tem mais nada para você fazer aqui – a enfermeira endireitou as costas. Isso a fez parecer ainda mais alta. Em seguida, ficou segurando a porta aberta.

Foi Siobhan que resolveu a situação de Megan. Siobhan, com seus longos cabelos negros enrolados no alto da cabeça, os cachinhos emoldurando o rosto. A pele bem branca, os olhos verdes.

“Ah, aquela *Shi-vo-an* é tão doce”, dissera o vovô certa vez, “ela tem voz de anjo”.

Megan a vira certa vez chegando à ala deles. O turno ainda não tinha começado, e ela usava roupas normais. O cabelo escorria solto pelas costas, fazendo-a parecer uma daquelas princesas dos livros. Tinha um grande anel de diamante, de noivado, no dedo. Por algum motivo, Megan não esperava aquilo. Siobhan era deles, seu lugar era na ala pediátrica. Parecia estranho que ela pudesse ter outra vida fora do hospital.

– Vocês dois! – disse Siobhan, cortando o pouco que sobrava do cabelo de Megan. – Já ouviram falar de um livro chamado *Os gêmeos terríveis*? É isso que vocês são. Não façam mais esse tipo de brincadeira. A enfermeira Brewster está espumando de raiva.

– Ele só tava tentando ajudar – disse Megan, com a voz trêmula. A mulher virou o rosto para ela, as mãos nos quadris.

– Da próxima vez que o Jackson tentar ajudar, aperta esta campainha que eu dou um jeito nele.

O cabelo foi varrido e colocado num saco de papel.

Siobhan estava olhando para ela com uma expressão muito severa, mas, ainda assim, tinha um quê de bondade em seu rosto, uma suavidade em sua voz.

– Sabe de uma coisa? – perguntou. Megan sacudiu a cabeça em negativa. Tudo o que sabia era que tinha sido uma idiota, ela e o Jack. – Tenho uma coisa que você pode gostar. Quer que eu vá lá pegar?

Tudo era tão estranho... O cabelo dela assim, num saco, um saco de lixo hospitalar, pronto para ser jogado na lixeira. O ar parecia muito mais frio, sua cabeça, mais leve, como se não fosse sua.

– Sim, por favor – respondeu Megan, sentindo-se menor do que antes, mais nova, mais idiota.

– Agora, não vai se olhar no espelho antes de eu voltar. Promete?

– Siobhan estava perto da porta. – Você não está exatamente careca, mas seu cabelo não tá lá grande coisa. Mas é o melhor que dá pra fazer por enquanto.

A palavra “careca” foi um choque completo e absoluto para Megan, mas era isso que Jack queria, não era? A menina sentiu uma vontade de chorar desesperadamente, mas passou as mãos nos olhos, impedindo as lágrimas.

– Tá bom.

Siobhan logo voltou com um boné vermelho-vivo.

– Experimente. Dá para ajustar – Megan o colocou na cabeça e se sentiu imediatamente melhor. – Mas, quando você for para casa, vá ao cabeleireiro. Alguém que corte seu cabelo direito – e ficou em silêncio por um momento. – Quer que eu fique aqui pra você se olhar no espelho? Vai ser um choque se ver sem aquele cabelo todo.

A voz dela era tão doce que Megan quis, sim, que ela ficasse, quis ser abraçada e colocada no colo até que aquele pesadelo – porque, de uma hora para outra, aquilo tinha virado um pesadelo –

acabasse. Mas, mesmo assim, era algo que precisava fazer sozinha. Era sua culpa. Ela dissera que Jack podia cortar seu cabelo. E fez que não com a cabeça.

– Bom, você sabe onde me encontrar.

– Sei, sim. Obrigada.

A enfermeira saiu do quarto dando mais um sorriso.

Megan pegou o saco, abriu e ficou olhando para a maçaroca que estava no fundo. Enfiou os dedos nele, deixou os cabelos passarem entre seus dedos, escorregarem por eles como se fossem pequenos fios de seda. Então o fechou, levou até a lixeira perto da pia e o jogou fora. A tampa desceu com uma batida surda, que pareceu o de uma cela de prisão sendo fechada.

Foi Kipper quem contou a história. Foi Kipper quem fez a mãe a empurrar até o quarto de Megan e ir embora. Foi Kipper quem pediu para passar a mão na cabeça de Megan, os olhos parecendo ainda maiores, mais determinados, de um jeito que ninguém poderia recusar o que ela pedisse.

– A enfermeira Brewster ficou brava com o Jack? – perguntou, passando os dedos nos tufo de cabelo de Megan. Eles eram leves ao toque, como papel. E faziam cócegas.

– Com nós dois. E, quando eu voltar para casa, minha mãe provavelmente vai ficar brava também – Megan revirou os olhos, como se aquilo não tivesse nenhuma importância. Era só cabelo.

– O Jack vive se metendo em encrenca. Ele é muito danado – disse Kipper, com um tom de orgulho na voz. E alisou a cabeça de Megan. – Você vai ficar careca e comprar uma peruca? Eu tenho uma rosa, mas coça.

Megan supôs que teria que raspar tudo, de tão ruim que estava. Iria direto ao cabeleireiro da mãe ver o que dava para fazer.

– Não sei ainda.

A criança se recostou na cadeira e soltou um suspiro, como se de repente tivesse ficado chato tocar na cabeça de Megan ou como se não saber que tipo de peruca comprar fosse um sinal de fracasso.

Megan colocou o boné vermelho de volta, sentiu seu calor envolvê-la. Então olhou para Kipper. Era estranho vê-la numa cadeira de rodas, uma de verdade, não daquelas que usavam para levar os pacientes até a sala de raio X.

– Quer voltar pra sua cama?

A menina encolheu os ombros.

– Só a mamãe, ou alguma enfermeira, tem permissão para me empurrar.

– Oh-oh. É por causa do Jack? Acho que aí tem coisa...

A resposta foi um grande sorriso. Kipper começou a contar, sorrindo enquanto falava, o rosto quase brilhando de tanta empolgação.

Jack andava falando do Mister Henry para algumas das crianças, e elas queriam vê-lo. Então disse que podiam fazer uma expedição e procurar o gato ali pela ala, e quem tivesse permissão podia ir com ele.

– E quantas crianças eram?

Kipper ficou com a expressão confusa e teve que pensar bem.

– Três. Eram três. E olharam embaixo de todas as camas e em todos os banheiros – disse –, mas ele não estava lá. E olharam no armário da roupa de cama e também não encontraram. E o Jack estava guiando todo mundo...

– Parece a história do Flautista de Hamelin – disse Megan, imaginando a situação. – Aquela dos ratos – explicou, quando a garotinha lhe lançou um olhar perplexo. – E você também foi?

– Eu só fiquei olhando. Minhas pernas pararam de funcionar, e eu caí e me machuquei toda. E o Jack disse que ia me levar para procurar de verdade. Não só em volta das camas com as crianças pequenas. Pelo hospital todo.

Aquela memória ainda estava muito viva em sua cabeça. Sair daquela ala com Jack, ficar longe de todas aquelas máquinas e dos bebês chorando e vomitando em bacias, todos aqueles médicos e aqueles jantares que tinham cheiro de meia suada e gosto de papelão, todas aquelas pessoas que diziam oi e sorriam pra ela, dizendo que ela era boazinha, o que era mentira, porque Kipper sempre era malcriada.

– E onde a sua mãe estava?

É claro que aquilo virou encrenca.

– No cabeleireiro. A gente andou por todo o corredor até a porta da frente, onde o porteiro mora, e viu as ambulâncias chegarem e fazer aquele barulho e piscar as luzes e tudo o mais, e a gente saiu e olhou a grama e viu os passarinhos. Depois alguém encontrou a gente e fez a gente voltar.

– Você viu o Mister Henry?

Kipper fez que não com a cabeça.

– Ele estava dormindo.

Claro que estaria, pensou Megan. Um gato fantasma acordado durante o dia, um gato fantasma que só devia existir nas histórias de Jack.

– Você se divertiu, então?

– Sim – a menininha deu um enorme sorriso, que foi se apagando à medida que lembrava do resto da história. – A enfermeira Brewster ficou brava de novo. Todo mundo estava procurando a gente.

– Aposto que sim – Megan franziu o cenho, notando que Kipper estava muito mais pálida, parecia que aquela conversa toda tinha sugado a energia dela, fazendo-a afundar ainda mais na cadeira.

Uma centelha de dúvida. O coração de Megan começou a bater mais forte. Ela podia sentir em suas orelhas.

– Você tá cansada? Quer que eu chame a Siobhan? Kipper? Você precisa voltar pro seu quarto agora? – e esticou o braço para pegar

a campainha.

– Eu levo ela – era Jack.

Megan sacudiu a cabeça.

– Você não pode. Já tá encrencado demais. Vou chamar uma enfermeira.

– Eu disse que levo ela.

Os olhos de Kipper brilharam por uma fração de segundo quando viram Jack, mas havia um tom de urgência em sua voz.

– Quero ver o Brian. Você diz pra eles que eu quero ver o Brian?

– Digo, sim – respondeu Jack.

– Você diz que precisa ser agora? Que eu quero ir agora?

Mas como Kipper podia ir para casa? Ela não tinha que fazer mais tratamentos? Não tinha uma coisa nova que queriam experimentar? Não era isso que a mãe dela tinha dito? “O sangue dela estava uma bagunça”, dissera. Talvez estivesse melhor agora. Mas e se não estivesse? Como poderia ver Brian? Ele estava em casa. Ela estava aqui.

Será que Jack não entendia nada?

Será que ele não via que só ia arranjar mais encrenca?

E mesmo assim...

Kipper estava sorrindo, pensando que veria o gatinho. Megan conseguia imaginá-la tão facilmente longe dali, na casa dela, sentada no sofá, quem sabe, fazendo carinho em Brian. Estaria beijando o nariz dele, que miaria e afundaria as garras nela só um pouquinho, só para dizer que estava feliz por ela ter voltado pra casa, e que não subiria mais em árvores nem precisaria mais ser resgatado porque ela estava ali, com ele no colo. E não haveria mais máquinas fazendo clique, nem bipes, nem enfermeiras, nem soros, nem agulhas, só a mãe, o pai e o seu bichinho de estimação.

Alguma coisa naquela imagem era tão perfeita, tão certinha, que fez Megan se afastar em vez de tentar impedir Jack.

– Até mais, Kipper – disse, quando os dois saíram.

Será que era possível cansar dos tratamentos? Será que era possível ficar tão farto de estar no hospital que só dava vontade de ir pra casa de qualquer jeito? Será que era possível saber, mesmo se você nem tivesse sete anos ainda, que não estava dando certo? O tratamento todo. Será que essa era a razão do gênio difícil de Kipper? Adorável num minuto e gritalhona no seguinte? Era por isso que a menina era tão prepotente com a mãe? Megan lembrou de um poema, de Henry Wadsworth Longfellow.

Era uma vez uma menina que tinha um cachinho bem no meio da testa.

Quando ela era boa, era muito, muito boa, e quando ela era má, era horrível.

Olhou pela janela e viu um pássaro solitário vagando pelas nuvens, que formavam pregas brancas desajeitadas, como se tivessem sido sopradas pelo vento e congeladas daquele jeito. Megan resolveu que era uma gaivota e ficou observando o pássaro ser lentamente engolido pelo céu, branco contra o branco, até não sobrar mais nada.

Onze

Megan estava de volta ao hospital para fazer uma cirurgia e, apesar de isso significar o fim do tratamento, quem sabe, morria de medo de que abrissem sua cabeça. O que podia acontecer se encontrassem algo pior dentro dela?

Decidiu não pensar mais nisso e rasgou o plástico que envolvia uma das revistas novas que Gemma e as Gêmeas tinham lhe dado. Foi direto para a última página, aquela em que as pessoas pedem soluções para os seus problemas. Era tudo sempre tão igual, mas tão igual, que chegou à conclusão de que nada daquilo era real. Deviam pagar alguém para inventar aquelas coisas.

Será que o meu namorado gosta da minha melhor amiga?

Minha mãe tem um namorado novo que me odeia.

Acho que estou grávida.

A mesma coisa de sempre.

Essas pessoas não faziam ideia do que era ter problemas de verdade. Deviam visitar aquela ala pra receber uma dose de realidade. *Eles vão abrir minha cabeça – o que eu posso fazer?*

– Isso aí tá colado? Ou sai? – Jackson apareceu perto da porta. – Posso entrar? – ficou parado ali como se nunca tivesse entrado no quarto dela sem ser convidado. – Tá feliz em me ver?

Megan sorriu de orelha a orelha.

– Não. Sim. Sim. Claro que estou.

E era verdade, mas... Percebeu que as pernas dele estavam mais finas, cada um dos ossos mais acentuado do que antes. Pareciam lâminas pressionando sua pele. Os olhos eram duas cavernas escuras debaixo da sombra que o chapéu projetava. A pele estava opaca. Talvez estivessem tentando mais um novo tratamento.

Imaginou como seria ter algo tão raro que ninguém conseguisse resolver, ter que fazer todo tipo de tratamento e ter coisas escritas a seu respeito. Não era pra ficar cheio de tudo? Para querer simplesmente sumir e não voltar nunca mais?

Afastou esses pensamentos da cabeça e sorriu para ele.

– Você tem permissão para entrar e me distrair. Não vou gostar nada dessa próxima fase da minha vida.

– Até parece que o resto foi uma grande festa. A peruca ficou boa.

Megan sacudiu a cabeça, jogando a peruca prateada para o lado, num movimento que tentara demonstrar para as amigas. Até tinha comprado uma cor-de-rosa, como Kipper sugerira.

– Tenho um monte. Se eu quiser, posso ser alguém diferente todos os dias – subiu na cama para dar a cadeira para Jack, mas ele não se sentou: se atirou no batente da porta. – Quer ver a vermelha? Minha mãe disse que eu fico parecendo um pirulito.

– Megan Bright, Megan Silver – disse ele, meio cantando, fazendo um trocadilho com o significado do sobrenome dela, que quer dizer “brilhante”, e a cor da peruca que a garota estava usando. – Não, pra mim essa aí é a melhor. A sua mãe já me perdoou por eu tentar te escalar?

– *Ela* perdoou. Mas a enfermeira Brewster... não sei, não.

– Já cumpri minha pena por esse crime. Mas demorou, viu? Preciso fazer outra coisa muito ruim pra ver o que acontece.

Megan apertou os olhos.

– O quê? Você já fez tudo de ruim que podia fazer. Se é que eu acredito no que você me conta. E, metade do tempo, eu não acredito.

Jack fez uma cara magoada.

– Na-na-não. Tem que ter alguma coisa...

– Você tá no hospital, lembra?

– E você acha que isso vai me impedir...?

Ela teve que concordar que, provavelmente, não impediria. Jack a encarava e sorria.

– Que foi?

– Bom – disse, sentando na cama. – Chega pra lá, Garota da Peruca, às vezes, eu só preciso dar uma deitadinha...

– Não, aqui não – Megan lançou um olhar para a porta.

Jack estava se espichando na cama de Megan, como se fosse dele. O garoto era tão alto que fazia a cama pequena parecer menor ainda. Chutou os chinelos, encostou a cabeça no travesseiro e cobriu o rosto com o chapéu.

– Por que não?

– Porque... – Megan puxou o chapéu para poder vê-lo. – Porque...

– Ele sorria. O chapéu caiu de volta em seu rosto. – Ah, deixa quieto.

E ela chegou mais para lá.

A cama era uma ilha. Os dois estavam cercados de tubarões e outros bichos que mastigavam ossos. Tempestades desabavam, e o calor secava tudo, fazendo a pele deles cair em grandes placas. Não havia nada para beber. Pelo menos foi isso que Jack disse.

– Gosto daqui – completou. – Muito melhor do que a nossa ala. Acho que vou ficar aqui pra sempre. É um lugar cheio de histórias.

Passos se aproximavam, depois passaram pela porta. Megan tentou adivinhar de quem eram, mas não conseguiu. Não tinha importância.

– Quer ouvir uma? – perguntou o menino.

– Tenho cara de criança de nove anos?

– Vai ser boa, prometo. E eu preciso treinar com você – Jack se virou para o lado e arremessou o chapéu na cadeira. O rosto perto do dela. Olhava diretamente para Megan, como se estivesse lembrando daquela vez, na escuridão da sala de espera, e quisesse beijá-la de novo.

A garota engoliu em seco.

– Então conta logo.

Ele voltou a se encostar no travesseiro. Fez silêncio por alguns segundos, como se estivesse se preparando, olhava para o infinito como se ali houvesse outro mundo.

– Grande escassez de alimentos naquela terra – começou, devagar, baixando a voz, fazendo-a parecer muito, muito mais velha, mais profunda, e ainda assim cadenciada, como a melodia de uma canção que Megan jamais escutara. – Há meses não chovia. – Levantou os olhos como se procurasse nuvens, rezasse para a chuva cair.

De onde ele tirava aquela voz? Parecia que ele era tão diferente – alguém de outro lugar, de outra época. Não era o garoto que Megan conhecia. Era um homem velho de algum outro lugar na história. Como é que ele fazia aquilo?

– Dia após dia, sol ardia, céu sem nuvens – levantou as mãos para o teto, fazendo um sol. – Grama seca, como fruto de café.

Fruto de café? O que era aquilo? Tipo um daqueles grãos que moíam nas cafeterias?

– Árvores também secas, marrons, do mesmo jeito. Plantas nas árvores começaram a murchar – a mão dele se transformou numa árvore que morria, encarquilhada, sem água. – Grande escassez de alimentos naquela terra.

Megan sorriu para ele.

– Como é que você consegue?

Jack lhe deu um sorriso encabulado.

– Só escuta, presta atenção – respondeu, daquele jeito lento e antigo. Então voltou a usar a voz de sempre. – Estou tentando contar do jeito que contam na Jamaica, em volta do fogo, à noite. Sem TV, sem rádio, só histórias, sob a luz das estrelas – e olhou de novo para o teto como se fosse o céu, deu um grande sorriso, e o encanto se quebrou. – Minha mãe diz que era assim. Devia ser, pelo menos. Se Jackson T. Dawes ainda estivesse vivo, saberia como era de verdade. – Deixou escapar uma risada. Quase melancólica. – Aposto que ele tinha muita história pra contar.

– Você sabe todas de cor, essas histórias que você conta?

– Sei. Ou então invento uns pedaços. Até terminar. Eu conto num café perto de casa. Nas tardes de domingo. Eles acendem velas, preparam toda uma atmosfera. E tem umas crianças que adoram ouvir.

– Você não vai terminar? – Megan queria ouvi-lo de novo, escutar aquele som mágico. Queria se sentir criança.

– Ainda estou aprendendo. É difícil manter o tom até o fim quando a história é longa.

– Já que é assim, você tem que ir embora.

Uma careta.

– Por quê?

– Vai dar confusão se alguém entrar.

O menino ficou com uma expressão animada.

– Que bom! Adoro confusão!

– Mas, se você não vai terminar a história – insistiu –, não tem motivo pra você ficar aqui e se meter em confusão.

Jack suspirou.

– Tem razão. Motivo nenhum, Garota da Peruca – então pegou um punhado de cabelo prateado, puxou em sua direção e sorriu, olhando bem nos olhos dela. Tudo o que Megan conseguia ver era a luz refletida naqueles fios, brilhando sem pressa, só para ela. Ele baixou os olhos, inclinou a cabeça até quase tocar a dela e levou o

cabelo até os lábios. Depois, deixou as mechas reluzentes escaparem devagar entre seus dedos.

– Gosto disso – disse, pegando mais fios –, Megan Silver, Megan Bright.

Estava tão perto que ela podia absorver o cheio dele, o perfume do sabonete, do xampu.

Fora do quarto, a ala continuava funcionando do mesmo jeito de sempre. Máquinas ligavam e desligavam fazendo seus cliques, telefones tocavam e eram atendidos, bebês choravam e eram acalmados, mães deitavam cansadas na cama dos filhos, que ficavam enrolados perto delas porque não queriam deixá-los sozinhos. Tudo estava exatamente igual, as enfermeiras passavam pela porta aberta, ocupadas demais para pensar no que estava acontecendo ali.

– Vai dar confusão – disse ela, finalmente.

– De novo? – Jack suspirou de um jeito dramático, apoiou--se nos cotovelos e levantou. Olhou para Megan mais uma vez. – Mas ninguém está prestando a menor atenção – continuou. – Que sentido faz quebrar todas as regras se ninguém te pega?

A garota se virou para ele, para olhar seu rosto, seus lábios, ficou observando aquela cabeça lisa, a pele viçosa, ficou querendo tocá-lo, mas ao mesmo tempo não queria, para não estragar o sonho.

– Acho que está na hora de fazer algo espetacular. Então... – Jack começou a mexer no fecho da bermuda. – Ah, isso sim vai fazer elas voltarem correndo.

– Que é que você tá fazendo? – gritou Megan, pulando da cama. Aquilo não era um sonho. – Para! Para!

Jack caiu na gargalhada.

– Tudo certo, Garota da Peruca. Não sou tão tonto assim. Nem você.

Ela se atirou na cadeira e riu até quase se sentir fraca. Parou quando percebeu que Jack estava olhando para ela, paralisado

como um coelho que é surpreendido pelos faróis de um carro, suspenso naquele momento, sem passado nem futuro, só esperando, querendo ficar preso para sempre naquele instante.

– Outra hora – disse ele. – Outro lugar. E isso seria perfeito.

Megan desviou o olhar. Sentiu as bochechas queimarem. Sim. Perfeito.

– Tem alguma coisa pra comer? Estou morrendo de fome.

– Quê? – Megan piscou, confusa. Será que ele nunca parava, nunca conseguia ficar quieto? Será que tudo para ele era piada? – Aí, ó.

Jack foi até o armário, mas pareceu fazer um grande esforço. Tropeçou e teve que agarrar no ar o suporte do soro, que batera na perna da cama.

– Cuidado! – gritou ela, achando que o garoto fosse cair.

Jack lançou um olhar que ela nunca tinha visto um olhar que queria dizer *Não enche, tô bem*. E começou a vasculhar as coisas dela.

– Não. Não tem nada aqui. Esquece. Eu nem devia comer nada mesmo.

Megan recuperou o fôlego.

– Quê?

– Não é só você que vai fazer cirurgia. Vou ser operado agora à tarde.

– Para de brincadeira, Jackson – tentou dizer aquilo como se tudo não passasse de mais uma das piadas dele, mas quando viu a expressão em seu rosto, teve certeza. – Vai mesmo? Sério?

– Às duas da tarde.

– E olha que eu ia deixar você comer o que quisesse. Por que você não falou antes? – Ele sorria de orelha a orelha. – Não tem graça.

– Adivinha o que eu fiz hoje de manhã antes de a Bruxa chegar?
– Megan se recusou a lhe dar atenção. Ele falou mais baixo. –
Encontrei o necrotério. Cheio de presuntos. Tudo dentro da
geladeira.

– Você vê televisão demais.

– Como queira – então olhou para a janela e franziu o rosto.

– E agora?

Jack voltou a falar baixo.

– Sol se foi, tempestade se aproxima desta terra – pegou o
chapéu apontando-o para a janela e foi embora.

Megan olhou para o céu. Parecia uma grande pedra cinzenta,
carregada de chuva.

Doze

Parecia ter passado horas desde que Jack fora para a sala de cirurgia. Megan ficou sentada na cama por um tempo, tentando desenhar, mas não saía nada. O celular tocou. Gemma tinha mandado uma linha inteira de ☺, já pelo dia seguinte, e as Gêmeas pediram que ela desse uma conferida no cirurgião. Vai que ele era bonito.

Nenhuma das três sabia de Jack. Megan não havia contado. Não conseguia entender por quê, mas toda vez que pensava em dizer alguma coisa, parecia que as palavras simplesmente sumiam. Naquele momento, ficou feliz com o fato de as amigas não saberem de nada. As Gêmeas mandariam mensagens de texto infinitas, e ela teria que escrever respostas sem fim.

Megan olhou o relógio. Ouviu um pouco de música no iPod. Experimentou todas as perucas e decidiu usar a prata de novo. Mas nada disso fez Jack voltar mais rápido.

A mãe apareceu, trazendo cartões de diversos parentes e amigos. As duas os olharam juntas, mas Megan não conseguia se concentrar, mal viu os nomes, mal leu as mensagens. Pediu que a mãe fosse embora, ignorando o fato de ela não ter ficado ali nem por uma hora, ignorando o fato de que ela pareceu magoada, e foi andando até o quarto de Jack, ficou parada lá pelo que pareceu uma eternidade, torcendo para que ele voltasse.

– Ele vai demorar para voltar, Megan – a enfermeira Brewster aparecera do lado dela de uma hora para outra, falava num tom gentil, mas firme. – Agora vamos.

Seu próprio quarto também não oferecia consolo. Naquele exato momento, ela o odiava, odiava aquele confinamento. Ficou ouvindo a chuva bater com força na esquadria da janela, desabar sobre as vidraças, formar poças cinzentas do tamanho de lagos nos terraços.

Por que estava demorando tanto? Ele já devia ter voltado, não devia?

Mais tarde, Megan andou pelo corredor de uma ponta a outra, vagando sem direção, como um papel solto no ar. Naquele dia, a ala estava uma correria só, crianças novas chegando, aflitas e desorientadas, os pais andando de um lado pro outro, meio perdidos, meio chocados. Alguém novo ocupava a cama de Kipper.

Ela precisava fugir daquilo.

– Posso ir até a lojinha? Preciso comprar uma revista – disse quando chegou pisando firme ao Posto de Enfermagem, que estava uma confusão de gente.

A enfermeira Brewster levantou os olhos do computador.

– Claro que sim, Megan. Só não vá andar por aí e ir a lugares que não pode. A sala de cirurgia está fora de cogitação, você bem sabe, e a sala de recuperação também. É lá que o Jack está agora. – E sorriu para ela como se estivesse revelando um segredo.

Os olhos de Megan se encheram de lágrimas, mas o coração deu um pulo de alegria.

– A cirurgia dele acabou?

– Sim – respondeu a enfermeira –, mas ele ainda precisa ficar por lá um tempo. Agora vai.

A lojinha ficava no térreo, não muito longe da entrada principal do Hospital São Peregrino. Era um espaço pequeno, com duas ou três

mesas redondas. Uma mãe e duas crianças se encolhiam ao redor de uma delas. A mulher olhava fixamente para sua caneca, o cabelo solto na altura dos ombros, as unhas completamente roídas. As crianças, dois meninos gêmeos, tomavam suco na mamadeira e faziam uma espécie de batalha embaixo da mesa, chutando-se e trocando olhares travessos.

– Parem com isso agora – censurou a mãe. – Ou então não vão ganhar doce nenhum.

Uma terceira criança choramingava num carrinho, ao lado da mesa, empurrado pela mãe. Estava chupando um boneco enorme, que parecia a Maggie Simpson, de olhos fechados e nariz sujo. De quando em quando, levantava o punho e esfregava no rosto, que se deformava, lembrando uma máscara feia.

Quando Megan passou, os dois meninos pararam e ficaram olhando para ela, de olhos arregalados. A mãe se virou para ver o que era. A menina sorriu para ela e sacudiu a cabeça. A peruca prateada esvoaçou à sua volta.

– Não fiquem encarando – ordenou a mãe. As palavras pareciam balas de revólver. – Tomem o suco.

A funcionária atrás do balcão sorriu para Megan, os olhos enrugados atrás de óculos de lentes grossas. Usava um colar de pérolas no pescoço que a deixava parecida com a rainha Elizabeth.

– Aaaaah, adorei o prata. Você parece uma fadinha. Cadê o seu amigo? – perguntou. – Ele não apareceu por aqui hoje.

– Está fazendo uma cirurgia.

A feição da funcionária desabou.

– Ai, eu não sabia – as bochechas ficaram ruborizadas. – Tadinho. A gente sentiu muita falta dele. Vem sempre na mesma hora, parece um relógio.

– Ele já saiu – Megan foi logo dizendo, para tranquilizá-la. – Tá na sala de recuperação. Já, já sobe para o quarto.

O sorriso reapareceu.

– Que bom. Ele vai se recuperar logo, logo. Diz que a gente perguntou por ele.

Um homem se aproximou do balcão. Segurava um saco grande de balas *toffee* e um jornal. A funcionária estendeu a mão para pegar o dinheiro dele.

– Posso cobrar pra você, bem? Que dia terrível, não é mesmo? Essa chuva toda. – Havia um tom de alívio na voz dela. Parecia que as condições terríveis do tempo eram um assunto muito mais leve do que Jack estar na sala de recuperação.

Megan passou pelo estande giratório de cartões, pela geladeira cheia de frutas e *milkshakes* e chegou à parede dos fundos, onde ficavam os quadrinhos, as revistas e os jornais. De vez em quando, olhava pelos janelões que davam para o corredor, já que Jack podia estar voltando lá para cima. Ele poderia passar pela lojinha. Mas não passou. Decepcionada, voltou para o balcão e pagou pela revista.

– Ele não voltou ainda? – Megan podia ver que Jack não havia voltado, que o quarto dele estava vazio, mas por algum motivo não conseguia não perguntar. Talvez o tivessem colocado em outro lugar.

Siobhan deu um sorrisinho.

– Megan, que praga que você é. Que tanta pergunta?!

– Então ele não voltou.

– Prometo que você vai ser a primeira a saber. Mas por enquanto vai ter que esperar.

O celular de Megan zumbiu. Ela o levou para o quarto.

– Vovô?

– Só queria te dar um alô, saber como é que vão as coisas aí nessa sua ala.

A voz dele era metálica como de costume. A voz de um homem frágil, de alguém que mal saía da cama de tão fraco. Só que o avô não era nem um pouco assim. Ia até o porto todos os dias para conversar com os pescadores, ver as gaivotas, fazer suas listas de pássaros num caderninho preto. Ninguém acreditava que tinha mais de noventa anos. Mas hoje ele parecia ser um tanto mais velho.

– A senhora Lemon está aí? – perguntou Megan.

– Ela foi fazer compras. E disse que não era para eu me meter em confusão enquanto ela estivesse fora. Daí eu te liguei. Amanhã é o grande dia então, hein?

– O Jack está fazendo uma cirurgia – disse, sem querer falar sobre ter sua cabeça aberta, sem querer preocupar o avô, já que ele estava sozinho. – Faz séculos que ele está lá embaixo.

– Ah... bom... Você vai vê-lo logo. Tenho certeza. Não se preocupe, minha ovelhinha. Ele parece ser um rapaz muito forte. E aquela Shi-vo-an vai cuidar dele, bem direitinho.

A chuva tamborilava na janela, inundando a ala pediátrica com seu ruído. Todas as luzes estavam acesas, apesar de ser pleno dia. A voz do avô estava enterrada nesse som e parecia estar a anos-luz de distância. Megan até podia enxergá-lo agarrando o telefone, como se fosse uma bomba prestes a explodir, sem a senhora Lemon para ajudá-lo. Ela deveria tentar fazê-lo desligar. Mas o avô continuava falando, apesar de sua voz ficar cada vez mais fraca.

– Acho que eu preciso ir, vovô. O Jack deve estar voltando.

– É, vá logo, vá ver o rapaz. Diz oi por mim. E se cuide. Vamos ficar pensando em você... amanhã...

Houve um momento de silêncio, e Megan se deu conta de que o avô estava chorando, que não conseguia falar por causa disso.

– Vou ficar bem, vovô. E, assim que puder, eu te ligo.

– Minha ovelhinha...

– Desliga o telefone, vovô. E coloca a chaleira no fogo pra quando a senhora Lemon voltar. Você sabe que ela gosta de tomar um

chazinho. Diz que eu mandei oi pra ela.

O avô finalmente desligou, mas Megan não conseguia sossegar. Foi mais uma vez ao quarto de Jack e se sentou atrás da porta, onde ninguém podia vê-la. O lugar parecia enorme sem a cama. Só havia sobrado um lenço de papel caído, todo amassado perto do armário. Ela o pegou e jogou na lixeira, porque não pôde suportar a ideia de o menino voltar para um quarto desarrumado.

Megan sentou na cadeira de Jack, na marca deixada pelo corpo dele, que a envolveu, abraçando-a por inteiro. Pousou as mãos nos apoios de braço, onde os dedos dele às vezes tamborilavam uma melodia e, quando viu, estava cutucando a madeira com as unhas. Respirou, devagar e profundamente, o ar que o garoto respirara naquela manhã. Quase podia senti-lo naquele quarto, como se ele tivesse deixado uma parte de si para trás, só para ela.

Um som de sirene cortou o ar. Megan olhou pela janela. Era uma ambulância, chegando ao Pronto-Socorro. Jack tinha contado uma história sobre ter vagado por ali um dia e sobre uma enfermeira o ter arrancado de lá. A menina imaginou o que poderia estar acontecendo naquele momento, imaginou alguém sendo carregado de maca, os médicos e as enfermeiras girando em torno do paciente, fazendo o que costumam fazer para salvar vidas. Soro, monitores cardíacos, transfusões de sangue, desfibriladores. Igualzinho na TV.

Quando finalmente ouviu Jack sendo empurrado pelo corredor, Megan correu para vê-lo. Encostou-se na parede para deixá-lo passar. Ele parecia estar dormindo, mas soltou um gemido baixo quando viravam a cama em direção à porta.

– Outra hora, Megan – alguém disse, naquela correria de colocá-lo de volta no quarto, abrir as duas portas, manobrar coisas. – Agora vá.

Mais tarde, ela ficou observando da porta Siobhan se mover em silêncio em volta da cama de Jack. Temperatura. Pulsação. Pressão arterial. Fluidos corporais. Medicação intravenosa. Ela conhecia tão bem os termos, parecia que tinha aprendido uma nova língua.

– Ele não tá com a cara muito boa – disse, tentando não chorar.

– Ora, ninguém fica com a cara boa depois de uma cirurgia complicada, Megan. Não se preocupe.

Jack estava recebendo uma transfusão de sangue. Havia um ping-ping contínuo de sangue que saía de uma bolsa e entrava na câmara dupla flexível, que era transparente e parecia um balãozinho esticado, sempre metade cheio, metade vazio. “Um acesso intravenoso”, era assim que chamavam. Cada gota que caía na câmara puxava outra da bolsa, que descia pelo tubo transparente e entrava em Jack. Megan ficou olhando uma gota se esvaír e se transformar em uma frutinha vermelha antes de cair.

– Ele vai receber mais? – perguntou para Siobhan, que estava checando o fluxo e fazendo anotações no prontuário.

– Acho que sim – disse a enfermeira, sorrindo. – Mais uma bolsa, imagino. Bom, mocinha, acho que por enquanto chega. Quando ele acordar, você pode aparecer e ficar uns minutinhos, viu?

– Eu tenho que esperar no meu quarto?

– Em qualquer lugar, menos aqui. Não agora. Vamos, ande!

Mas Siobhan estava sorrindo, e Megan sabia que não tinha se metido em confusão, só estava atrapalhando.

Mais tarde, a ala deles sossegou. A família de Jack tinha ido passar a noite em casa, mas ele estava acordado. Siobhan disse:

– Você tem cinco minutos. Só isso. Ele ainda está grogue.

– Cinco minutos – prometeu Megan, indo rápido até o quarto de Jack, sem querer desperdiçar nem um segundo. Parou na porta, sem ter certeza se ele já não tinha caído no sono. A única luz acesa no quarto era a de cima da cama, que fazia uma auréola dourada em seu rosto.

– Oi – a voz de Jack tinha um tom irritado, mas ele conseguiu dar um sorriso fraco.

– Oiê – a atmosfera era tomada pelo piscar de uma tela, pelo clique do soro e pela respiração lenta do garoto. – Você está bem?

– Não... estou ... sentindo... nada.

– Que bom. Isso é bom, não é?

Jack mexeu de leve a cabeça, como se ela fosse muito pesada para fazer que sim ou que não.

– Você está cansado? Amanhã eu volto. Disseram que eu só posso ficar cinco minutos.

– Eu devia ter te contado... uma coisa... – e virou a mão de leve na direção dela, como se não quisesse que fosse embora. Seus dedos eram longos e magros, como os de um músico, a palma da mão clara, lisinha.

– Contar o quê?

– A Kipper... – por um momento, Megan não soube o que fazer. Um segundo de dúvida. Então pousou a mão sobre a dele, com medo de machucá-lo. Seus dedos ficaram em cima do pulso do menino, a palma da mão pressionando a dele de leve. Podia sentir a pulsação dele na própria pele. Jack engoliu em seco. Pareceu dolorido, como se sua garganta estivesse inflamada.

– Que que tem a Kipper?

– ... ela morreu.

Megan fez que sim com a cabeça.

– Eu já imaginava.

Não perguntou como ele ficara sabendo – é claro que ele sabia. Ele, o Flautista de Hamelin, levando todas as crianças numa expedição à procura de Mister Henry. É claro que ele saberia. Nem parou para pensar em como ela quase tinha sentido que aquilo iria acontecer quando Kipper foi para casa ver o gatinho, fazer um carinho nele. E como aquilo parecia ter acontecido há muito tempo, parecia algo de outra época.

– Mas ela ainda vai estar de olho no Brian.

– Sim – os dedos de Jack se enrolaram de um jeito sonolento, preguiçoso, mas não soltaram os dela. – Melhor tomar cuidado, Brian. Nada... de... subir... em árvores.

Megan ficou sentada olhando uma frutinha rubra se formar no soro, ficou seguindo a gota com os olhos até ela afundar no pequeno oceano que circularia devagar no corpo de Jack. Gota a gota, batida a batida. Mantendo-o vivo.

A sonolência fez a mão de Jack relaxar. Megan ficou olhando para o rosto do garoto, que estava caindo no sono. Ficou olhando, olhando, até a respiração dele ficar mais lenta e profunda.

Seus lábios pareciam secos, rachados. Quando ele acordasse, podiam estar doloridos.

Soltou a mão dele com cuidado, encontrou a latinha de manteiga de cacau no bolso, tirou a tampa e afundou o dedo nela. Passou uma fina camada do produto nos lábios de Jack, naquela boca sorridente, contadora de histórias, que agora estava em silêncio, parada, mas se movimentando, como se a sua carne estivesse colada na dela naquele momento. E em todos os momentos.

Teria passado a mão em seu rosto também, por cada pedacinho, teria passado os dedos pela cabeça, pelas juntas do crânio, pelas linhas e saliências que apareciam tanto debaixo de sua pele. As teria seguido até chegar às sobrancelhas, aos olhos fechados, passando pelas maçãs do rosto, tão definidas, tão proeminentes que pareciam ter sido desenhadas por um artista, talhadas por um escultor. Teria deitado na cama ao lado dele se isso fosse impedir que qualquer outra coisa lhe fizesse mal.

Megan se levantou, satisfeita por deixá-lo naquele momento, mas pressionou os dedos nele, uma última vez, beijando-os suavemente.

E por fim se distanciou.

A ponta de seus dedos cintilavam. Olhou para eles sob a luz que vinha de cima da cama de Jack. Era como se não lhe

pertencessem, não fossem dela de jeito nenhum. Levou-os até a boca, pousou-os sobre os lábios e sentiu o gosto dos resíduos de manteiga de cacau, aqueles leves traços de Jack, quase beijos, que ainda estavam em sua pele.

Freze

Megan acreditava em milagres. Às vezes, quando menos se esperava, eles aconteciam, achava ela. De vez em quando rezava para que acontecessem, mesmo que não fosse do jeito que a senhora Lemon fazia, com o terço ou acendendo velas na igreja.

O milagre que ela mais queria, naquele momento, era chegar à sala de cirurgia, e o médico descobrir que o tumor tinha sumido. Mas, se aquilo não era possível, bastava conseguir ver Jack antes de descer.

Mas isso também parecia impossível.

Ele não podia ir vê-la. Ela não tinha permissão para vê-lo. Era muito cedo, o garoto ainda estava dormindo, ainda estava abatido por causa da cirurgia.

Havia motivos demais. Siobhan dissera que Megan podia acenar quando passasse pelo quarto dele. Tudo bem?

Tudo bem nada. Tinha terminado o desenho dele na noite anterior, tinha ficado acordada até tarde para acabar. Queria mostrá-lo antes de ir para a cirurgia.

E, por algum motivo, tinha “ficado num estado”, como disse Siobhan, que tiveram que lhe dar algo para que sossegasse. Tinha ficado toda grogue, toda enevoada, e as palavras saíam coladas.

- Não dá preleviraqui? – Megan implorou mais uma vez.
- Ele precisa ficar na cama. Fez uma operação séria ontem.
- Mas eu quero ver ele.

Siobhan deu uma batidinha em sua mão.

– Eu sei, mas nem tudo... Mais vale um pássaro... – Megan olhou para cima, mesmo sendo difícil. Siobhan estava tão misteriosa, com aquele sorriso no rosto, aquela conversa de pássaros e tudo o mais. – Tem um pássaro bem aqui. Pra te ver. Uma verdadeira visita surpresa – deu um passo para o lado e lá estava ele, bem do lado da cama.

– Pai?

A menina teve que se certificar, teve que focar os olhos para enxergá-lo de verdade. E não é que estava lá mesmo, bronzeado, quase moreno, de camisa branca, sorrindo para ela. Os olhos ainda eram azuis, o cabelo, grisalho e fino, a barriga, ainda redonda e fofa.

Mas ele não devia estar ali.

– Euvomorrer?

De repente, Megan se convenceu de que morreria. Era o que acontecia, às vezes, com quem tinha câncer. Olha o que aconteceu com Kipper. Era por isso que o pai estava ali. Essa *devia* ser a razão para o pai estar ali.

– Claro que não, sua boba – então se inclinou e deu um beijo na testa da filha.

– Cadê a mamãe?

– Aqui atrás de mim, viu?

E ali estava ela, sorrindo como se estivesse numa festa, menos de uma hora antes de abrirem a cabeça da filha.

– Oi, meu amor. Que surpresa boa, né? *Ele* estar aqui.

Megan fez uma careta, depois olhou para o pai.

– Masporquecetaqui? Disspracenãovir.

– Por que você vai fazer uma *cirurgia*. Não trabalhei todas as horas do dia e da noite pra não poder vir para casa neste momento! Já que o vovô não está aqui para garantir que vão fazer tudo direitinho, eu é que vou ter de assumir essa tarefa – e deu uma risadinha. – Era para eu ter vindo ontem à noite, mas o voo atrasou

várias horas – então pendurou o casaco. – Você não se importa de eu estar aqui, né?

Megan tinha feito o pai prometer que não viria, mas agora ele estava ali. Aquilo não estava certo... mas mesmo assim...

– Não vomar?

– Não. Definitivamente não – ele parecia muito seguro.

– Cevaita quando eu voltar?

Ele se sentou perto da cama e cutucou o braço da filha com delicadeza.

– E aí de quem tentar me impedir. Vou esperar o tempo que precisar. Eu e a mamãe.

– Vaidemorar quanto?

Houve um momento de hesitação. Megan olhou para cima e viu o pai coçar os olhos.

A mãe respondeu.

– Algumas horas, quem sabe.

– Mas você... – o pai lhe deu outro cutucão – vai achar que só durou um minuto. Sério. Não vai nem ver nada até acordar.

Megan fechou os olhos. Era mais fácil do que tentar mantê-los abertos, mas de uma hora para outra lágrimas começaram a escorrer, e não havia jeito de fazer aquilo parar. Talvez fosse de alívio por ver o pai, talvez fosse de medo da cirurgia. O fato é que estava desolada.

– Pronto, querida. Não se preocupe.

O pai achou um lenço de papel e secou os olhos de Megan com cuidado, mas ela não conseguia parar de chorar. As lágrimas desciam por suas bochechas e encharcavam o travesseiro, chegando à capa plástica debaixo da fronha. Escorreram por suas orelhas. Parecia uma torneira aberta no máximo.

– Eles sabem onde é o tumor – disse a mãe –, e a cirurgia vai ser um pouco demorada... mas não é supercomplicada... E vão te dar de tudo pra você se sentir bem depois, pra não ficar com dor.

A menina ouviu a voz do pai, suave, persistente.

– Injeções, dadas pelo soro. Provavelmente. É isso que você vai tomar. Não vão deixar você sentir dor.

As palavras não ajudavam, porque chorar daquele jeito estava além do controle de Megan. A mãe apertou sua mão.

– Vai dar tudo certo, meu amor.

– Vamos, dá um abraço na gente – pediu o pai. – E assim que você voltar pra cá, vamos ligar pro vovô. Ele disse que vai estar esperando ao lado do telefone.

Anotações e raios X estavam equilibrados na barriga de Megan. Pareciam pesados, sólidos. Siobhan estava lá. Todo mundo estava de cabeça para baixo. O teto passou por ela. Estavam atravessando um corredor. O homem que empurrava a maca conversava com o pai e a mãe. Disse que era da Polônia. A voz parecia de um jogador de futebol. Quem era aquele? Mexeu a cabeça para ver o polonês, mas ele também estava de cabeça para baixo. Aquilo não podia estar certo.

Quadros. Campos de papoula. Paisagens. Uma criança de grandes olhos inocentes. Um cavalo. Placas de lugares aonde Jack devia ter ido. Tudo passava flutuando devagar por Megan. O pai e a mãe falavam com ela. Dizendo que não ia demorar até ela voltar por aquele corredor. Aí fizeram uma curva e cruzaram uma porta dupla.

– Pai?

– Estou aqui, querida. E a mamãe também. Podemos ficar até você tomar a anestesia.

– É bom.

Estavam numa sala. Cheia de armários de vidro, luzes e pessoas vestidas de verde.

– Oi. Megan, não é? Lembra de mim? Sou a doutora Singh. A anestesista. Fui te ver lá na ala pediátrica, lembra? – Sua voz era

aguda, e parecia guardar muitas risadas, muitos sorrisos. Tinha uma marca vermelha no meio da testa.

– Ssssim – respondeu Megan.

– Agora, querida, vou colocar esta agulha na sua mão e te dar uma coisinha pra você dormir bem rápido.

– Vamos estar lá fora, esperando – disse a mãe, quase num sussurro, como se estivesse contando um segredo só para Megan.

– Bem ali, atrás daquela porta. Quando você dormir, vamos estar ali, eu e o papai, e você vai ver a gente logo, logo.

– Ssssim.

– Agora, querida, vou colocar a agulha. É só uma picadinha. Só uma picadinha. – A menina ouviu um clique, um estalo.

Uma enfermeira veio trazendo uma seringa cheia de algo leitoso. Sorriu para Megan, que piscou, mas não conseguiu fazer a boca se mexer.

– Agora – disse a anestesista –, quero que você conte até dez pra mim. Você pode fazer isso, querida? Conta pra mim agora. Um... dois...

– Três...

Dedos frios em seu pulso, simplesmente pousados nele, suaves. Uma leve pressão.

– Pulsação oitenta e quatro.

Algo em seu braço, um silvo e um chiado, apertando cada vez mais até a mão doer, e o sangue todo parar. E aí voltar devagar, bum, bum, bum. Outro silvo, e o aperto desapareceu.

– Pressão dez por seis.

Acordada. Quase. Dormindo. Quase. Uma coisa intermediária, sonolenta e deliciosa, que a rodeava como uma névoa. Megan não conseguia pegá-la. Nada parecia estar certo. O sono vinha, mas ia

embora. Queria que ficasse, queria ficar de olhos fechados para que parassem de tremer, mas o sono ia embora de novo. Então acordou.

Palavras. À sua volta. Ela as reconhecia, mas não reconhecia as vozes.

Onde estava? Ah, que importava? Era uma sensação boa. Entrar e sair de nuvens e sono e ondas e calor.

Incrível. Incrível.

Meio que abriu os olhos e viu luzes penduradas em tiras acima dela. Muito claro. Olhos fechados de novo. As luzes continuaram ali, como se fossem fotos.

Algo em volta de sua cabeça. Uma faixa. Não conseguia sentir as orelhas. Talvez tivessem sumido, ido para outro lugar. Não, isso não estava certo.

– Megan... Oi, Megan. Hora de acordar. Uma mão quente segurou a dela. Vamos, abra os olhos, Megan.

Tentou, mas eles estavam colados.

– Aperte a minha mão, vamos.

Aperto.

– De novo, vamos.

Aperto de novo.

– Ela está bem, pode levá-la de volta para a ala pediátrica.

Tudo um sonho. Apenas um sonho.

Mas o pai estava lá.

Um milagre.

Catorze

Megan não lembrava de nada do período depois da cirurgia. Era uma lacuna. Ela ficou bem mal, teve febre alta, contaram-lhe depois, mostrando o gráfico da temperatura em seu prontuário. A linha subia como se fosse uma flecha no céu. Sua recuperação era uma incógnita, disseram, uma verdadeira incógnita.

Só começou a se sentir melhor depois que a linha começou a descer aos tropeços, e a lacuna começou a ser preenchida com palavras, que pareciam peças soltas de um quebra-cabeça, estavam todas lá, mas completamente bagunçadas. Demorou uma eternidade para arrumar e, quando o quebra-cabeça ficou pronto, Jack não estava lá. Nem Siobhan nem a enfermeira Brewster. Onde estava todo mundo? As perguntas rolavam por sua cabeça. *Onde eu estou? Estou no lugar certo?*

Ao seu redor só havia enfermeiras desconhecidas, checando seus sinais vitais, a arrumando, limpando e secando, porque ela mal conseguia levantar um dedo sozinha.

Quando finalmente conseguiu se sentar, toda fraca e trêmula, estava em seu antigo quarto e ouviu uma conversa sobre ir para casa, que lá era o melhor lugar, agora que a cirurgia tinha acabado, e ela estava se recuperando. Mas não queria voltar para casa, não se Jack fosse voltar para o hospital.

Tinha que vê-lo.

Os dias se seguiram, incansáveis, até chegar o último, e Jack não havia voltado. Ou talvez tivesse, e não quisessem contar para ela. Era isso. Claro que era. Não queriam que eles ficassem juntos. Alguém devia tê-los visto aquele dia, no quarto dela. Tinham colocado Jack na ala adulta para separar os dois.

Megan vagou, meio bamba, pelo lugar, procurando Jack, mas só encontrou crianças. Tão novinhas. Um menino tinha uma máscara no rosto, ligada à saída de oxigênio atrás da cama. Parecia muito pálido, menos nas bochechas, que brilhavam como duas pequenas maçãs vermelhas.

Pais brincavam com os filhos ou liam para eles. Alguns só ficavam de mãos dadas. Um menino vomitou numa bacia. Olhou para o conteúdo na mais completa surpresa. Sua cabeça era careca como um ovo.

Uma garotinha estava deitada com soro no braço. Dormia profundamente. Talvez tivesse feito uma cirurgia. Talvez estivesse esperando para fazer. Seja o que for, sua mãe parecia muito cansada, inclinada sobre a cama, de olhos fechados. O cabelo, um ninho de rato.

Lá estava o polvo, sentado num canto, lá estavam os golfinhos, nadando pelas paredes. Nas janelas, belas estrelas do mar, conchas, sereias, cavalos marinhos. Como é que ela não tinha visto essas coisas antes? Talvez estivesse muito cheia de tudo para reparar quando chegara, tanto tempo atrás.

Passou pelo antigo quarto de Jack e encontrou outra pessoa deitada em sua cama. Uma menina mais ou menos da mesma idade dele. De algum modo, aquilo foi um choque. A garota virou a cabeça, olhou para Megan. Era pálida, franzina, os braços pareciam gravetos, os olhos eram enormes. Seu corpo mal fazia volume embaixo do lençol.

O Posto de Enfermagem. A enfermeira Brewster estava ali, falando com um dos auxiliares.

– Cadê o Jack? – perguntou Megan, sem querer saber se estava interrompendo.

A enfermeira trocou um olhar com o auxiliar, que pegou alguns prontuários e saiu, apressado.

– Eu estava ocupada, Megan. Dava para perceber.

– Sei, mas onde é que ele tá? – ela se sentia fraca agora, depois de andar tanto, e queria se sentar, mas não ia. Não até descobrir onde Jack estava.

A enfermeira Brewster pegou algumas folhas de papel e as arrumou, como se aquilo fosse de vital importância. Um jovem médico que Megan não reconheceu chegou esbaforido na mesa, pegou um estetoscópio e saiu correndo.

– Esqueci – disse. – Oi, Megan. Tá com a cara boa. Vai pra casa hoje, né?

E saiu correndo pela ala, sem esperar pela resposta.

A menina se virou de novo para a enfermeira, determinada a ficar ali até receber uma resposta. Um bebê gritou uma nota fraca em um quarto ali perto. Alguém o fez parar delicadamente.

– Ele foi para casa, Megan. Você sabe disso. Já perguntou pra todas as enfermeiras, uma por uma – disse, com um suspiro. Havia algo em sua voz, delicadeza, talvez.

– Achei que ele ainda ia fazer outros tratamentos – perseverou Megan. – Ele disse que ia, antes de fazer a cirurgia. – Ficou parada esperando. A enfermeira baixou os olhos e ficou olhando para os papéis por alguns segundos.

– Sim, é isso mesmo, mas... alguns tratamentos podem ser feitos em casa. É o melhor lugar, na verdade. Mais confortável. Sem restrições. A maioria das pessoas prefere, na verdade.

Megan esperava ouvir alguma coisa sobre regras, sobre violá-las, sobre cortes de cabelo, lâminas, necrotérios, ficar acordado até tarde. Nada. A enfermeira Brewster simplesmente segurou os papéis contra o peito.

– E ele vai voltar?

– Não, Megan, não vai.

Então ficou olhando para os próprios chinelos. A mãe os tinha trazido especialmente para ela. Megan odiava chinelos, odiava ter que usá-los. Eles a faziam se sentir um bebê.

– Ele nunca mais vai voltar?

– Não – foi a resposta, gentil, definitiva. – Não vai.

Mas como poderia ser isso? Jack não iria embora sem falar com ela. Teria se despedido.

Megan levantou os olhos para encontrar os da enfermeira Brewster. Ficou encarando, determinada a não ser a primeira a desviar o olhar, determinada a ouvir uma resposta diferente. Ela não ligava se a ala estava uma correria, não ligava se, em algum lugar, muito perto dali, o bebê ainda chorava fraquinho e nada o consolava.

Ela queria uma resposta diferente.

Que não veio.

Quinze

Sonhando. Tudo enevoadado, caindo aos pedaços. Uma marionete sem fios. Muito cedo, muito escuro. Tentando pegar alguma coisa, que sempre escapava.

– Megan, meu amor. Preciso ir logo – tudo sussurrado, como se fosse segredo. – Vamos, meu amor, levanta. Quero pegar a estrada assim que o trânsito diminuir. Vai demorar bem umas duas horas.

O aniversário do avô. Ah, não. A festa a que ela não queria ir. E não sabia como dizer não.

A mão fria da mãe em sua testa.

– Você tá bem?

Como é que ela poderia *estar bem* de novo?

– Claro, mãe. Só esqueci de pôr o alarme.

Fazia muito tempo que não precisava disso.

– Tá se sentindo melhor, né?

Saíra do hospital há três meses. Sorriu para que a mãe soubesse que estava bem. Pensamento positivo. Animação. Para ela saber que está tudo certo. Fácil, facinho.

– Para de se preocupar, mãe.

Na maior parte do tempo, sentia-se melhor, sim. De verdade. Ficava feliz de estar longe daquela ala, das cortinas de elefante, dos pufes de polvo, das criancinhas... e da enfermeira Brewster.

Só que...

Megan passou os dedos embaixo do travesseiro... só para conferir... só para ver se ainda estava tudo ali. E é claro que estava. Nenhum passe de mágica poderia ter feito aquilo sumir. Nada poderia.

A mãe abriu as cortinas, e a claridade inundou o quarto. Usava o roupão do pai. De atalhado azul. Era uma coisa curta, mas que a engolia, se acumulava em volta da sua cintura, fazendo-a parecer gorda. O cabelo ainda estava molhado do banho, as bochechas, rosadas.

Por que ainda estava parada ali se estava com tanta pressa?

– Que foi?

– Estava aqui pensando se você não... mudou de ideia a respeito... do hospital... Eu podia fazer um desvio de rota. O novo pavilhão é especial, e você foi convidada.

Isso de novo não.

– Só pra dar um oi. A enfermeira Brewster disse que adoraria te ver.

– Mãe!

– Mas é a *cerimônia de inauguração*. É importante. Um deputado vai estar lá, alguém de Londres, e aquela mulher daquele programa de TV, como é mesmo o nome dela? Ai, não lembro. Você sabe quem é.

– Mãe...

– E repórteres de jornal e da TV. Vai ser um grande evento – as palavras saíam em uma única e longa frase. – É no meu caminho, e tem um ônibus direto que você pode pegar pra voltar. É uma linha nova.

Será que ela nunca, mas nunca, ia desistir?

– Eu *não quero* ir, mãe. Já te disse. Todas as vezes que você me perguntou. Não ligo que é a droga da cerimônia de inauguração. Ficar falando disso o tempo todo não vai me fazer mudar de ideia.

A mãe parecia frustrada.

E ia ficar ainda mais frustrada quando soubesse que a filha também não iria ao aniversário do avô. Estragaria todo aquele planejamento feito com cuidado – a mãe iria na frente, levando as coisas de todo mundo, e Megan ficaria esperando o pai chegar para ir com ele.

Mas... uma decepção de cada vez.

– Tá bom. Se é isso que você quer – a mãe suspirou, sacudindo a cabeça.

– É sim. Você sabe que é.

Megan se recusou a olhar para ela, se recusou até a olhar em sua direção, pelo menos até ouvir a porta abrir, depois fechar, e saber que a mãe estava do outro lado.

Mas ela não tinha ido embora.

– Sabe, meu amor, se você quiser conversar, eu estou aqui...

Megan não respondeu, não tentou contar para a mãe que estava adiando algo. Apenas esperou ouvir o ruído da porta fechando e dos passos se afastando.

Embaixo do travesseiro, estavam o desenho – que ela adorava – e a carta – que ela odiava. Dobrada em quadradinhos. Tudo a seu respeito estava espremido ali. A Megan que ela havia sido lá no hospital. Tentava não pensar nisso. Mas era como uma dor que nada conseguia fazer melhorar, nada podia fazer passar.

– O que é que eu vou fazer com você? – a voz da mãe parecia prestes a arrebentar, como um fio esticado demais. – Me fala, porque eu não sei – estava de pé, perto da torradeira. Um fiapo de fumaça saiu do aparelho, torradas queimadas saltaram. – Olha só o que aconteceu. E acabou o pão.

Até parece que era culpa *de/la*. Tudo que acontecia de errado na face da Terra. Megan ficou esperando a mãe superar o incidente, parar de culpá-la pelas torradas queimadas e obrigá-la a sair. Ela

agora tinha catorze anos, idade suficiente para cuidar de si mesma. Tentou parecer arrependida por causar tanto problema. Tentou demonstrar que sabia como tudo tinha sido difícil para a mãe, o câncer, o hospital, a preocupação e tudo o mais.

Mas não conseguiu.

– Eu só não quero ir. Sei que eu deveria ter falado antes.

A mãe raspava a torrada com movimentos rápidos e enérgicos. Migalhas esvoaçaram pelo ar, depois se precipitaram na pia. Manchinhas pretas pintaram o esmalte branco.

– Sim, isso teria *ajudado* – agora ela sapecava camadas de manteiga. Mais manteiga do que pão. – Aonde exatamente você não quer ir? À festa do vovô? Ou ao novo pavilhão do hospital? Seja o que for, as pessoas vão ficar decepcionadas. Magoadas até. É isso que você quer? Magoar os outros depois de tudo que fizeram por você?

Meu Deus, mãe.

– Só não quero ir pra festa. Pra festa nenhuma. Nem se for do vovô.

– Mas é o aniversário de *noventa e seis anos*! Pode ser que ele *não faça* o próximo – a mãe mordeu a torrada, o pão explodiu em diversos pedaços que saíram voando. – Ah, faça-me o favor!

A menina respirou fundo e catou os pedaços que caíram na mesa.

Todo ano era a mesma coisa. O avô não faria outro aniversário.

Sim, era verdade. Este poderia ser o último. As pessoas não duram pra sempre.

Algumas quase não duram.

– Eu nunca deveria ter dito que você podia esperar seu pai voltar – a mãe ficou para lá e para cá, pegando as últimas coisas que levaria. – Eu devia estar louca.

– A Gemma vai ficar aqui comigo – disse Megan, tentando parecer convincente.

– Seu pai é que decide. Ele não vai querer deixar duas meninas de catorze anos sozinhas. Não por uma semana inteira. A notícia se espalha. Vai todo mundo bater na porta querendo festa, achando que vocês vão fazer uma *rave* – jogou a pasta no porta-malas. Não faltava carregar mais nada. – Isso deve até ser ilegal.

Entrou de novo em casa para ver se não tinha esquecido nada e transformou isso em um drama. Mala. Chaves. Bolsa. Aquela blusa azul. Não, já estava na mala. E as sandálias prateadas para combinar com o vestido. Presente. Flores para a senhora Lemon. Ela podia esperar uns dez minutos para Megan arrumar a mala, assim não precisaria se preocupar em levar nada no trem... As coisas do pai já estavam no carro...

Ficou falando, falando. Megan não disse nada.

– Não sei nem o que eu vou dizer pro vovô. Você foi a todas as festas dele. Desde que nasceu – a mãe olhava para a filha completamente desconcertada.

Se pelo menos Megan conseguisse explicar direito. Não tinha vontade de fazer festa, mas não era só isso. Baixou os olhos para os próprios pés, para os dedos que se enrolavam no carpete, para o esmalte verde que tinha passado na noite anterior. Estava borrado no dedinho de um pé. Estava tosco.

– Ele vai entender, não vai? Eu estava doente. Ele vive ligando e dizendo pra eu ir com calma. Diz que eu ainda não melhorei.

A mãe lançou para ela um olhar fulminante.

– Você melhorou, sim. É o que disseram no hospital – foi andando com passos firmes até a sala, até o vestibulo perto da chaminé, puxou uma caixa e ficou sacudindo na cara da filha. A caixa onde antes ficavam as gazes, os curativos, o esparadrapo, a toalha, tudo o que era preciso para manter o acesso limpo e higienizado

enquanto ela estava em casa. A caixa que sempre a lembravam de que tivera câncer.

– Olha. Tá vendo? Tá vazia. Joguei tudo fora. E agora vou amassar isso aqui e pôr no lixo reciclável!

Socou a caixa até ela desmontar, voltou e a atirou na cozinha, onde ricocheteou como uma bala. Jogou o papelão amassado na caixa onde todo material reciclável ficava até o dia da coleta. Virou-se e encarou Megan: a expressão era de fúria. Aquela raiva súbita e fora do normal fez a garota se encolher num canto.

– Você melhorou, sim – continuou. – Então, de uma hora para outra, o incêndio passou. Ela se atirou na cadeira ao lado do telefone, o rosto vermelho de raiva. – Ai, meu Deus! Estou agindo que nem uma louca.

Megan sentiu um aperto no estômago.

– Sinto muito. Sinto mesmo. É que...

Por que ela não conseguia explicar? Por que a mãe não conseguia enxergar? E como conseguiria, se nem a própria Megan sabia o que era?

– Sim, sim. Eu sei que você sente muito – a mãe fechou os olhos e bufou. – Eu também sinto.

Apenas o tique-taque do relógio da cozinha cortava o silêncio. O som era alto. O ponteiro maior tremia quando se mexia, parecia que o tempo era uma coisa muito pesada de empurrar, parecia que sabia que, se parasse, aconteceria todo tipo de confusão, que todo mundo ficaria perdido, preso entre os segundos.

Megan não sabia o que fazer ou o que dizer, nem queria que a mãe dirigisse naquele estado... Mais uma coisa que era culpa dela. Poderia bater o carro, sei lá.

– Quer tomar um chá? Antes de ir?

A mãe suspirou e ficou de pé, endireitou a roupa como se toda aquela função e todo aquele surto a tivessem amassado.

– Não. Valeu. Estou bem agora. Tomo um café no meio do caminho.

Estendeu os braços meio que pedindo desculpas, como se fosse tudo culpa dela, essa explosão, essa perda inesperada de controle. Megan caminhou em sua direção e se deixou puxar.

Ela estava de saída, finalmente. A menina prometeu cuidar bem do pai quando ele chegasse, no dia seguinte, e que o obrigaria a ter uma boa noite de sono antes de pegar o trem até a casa do avô. Não adiantava ele ir para a festa se estivesse todo prejudicado pelo *jetleg*.

– E se você mudar de ideia... Bom, sua passagem está aqui. Não dá para pedir reembolso. Vai ser um desperdício não usar, sério.

Megan ignorou da maneira mais gentil que pôde e disse que ia ligar para Gemma e combinar a hora em que ela viria. Tinha um monte de comida no *freezer*. Iam ficar bem. Não precisava se preocupar.

A mãe teve que se satisfazer com isso e saiu com o carro, abanando e sacudindo a cabeça, o que queria dizer *Adolescentes... Por que é que eles são tão difíceis?* Ela não podia ficar sabendo que Gemma iria a um show com as Gêmeas e não dormiria em casa com a filha. Não podia mesmo ficar sabendo. Sério, Megan não queria que Gemma viesse, não tinha nem convidado. Que sentido fazia aquilo?

Ela só queria uma pessoa.

O pai teria algo a dizer. Sempre tinha quando a mãe o obrigava.

Mas ele era mole. Como gelatina. A mãe, por outro lado, era dura como pedra. Ele se derreteria, tudo ia dar certo. Megan o mandaria ir para a casa do avô sem ela.

E aí conseguiria ficar sozinha.

Sem ninguém pra incomodar nem dizer o que devia fazer, agora que tinha melhorado. Pensar no presente. Pensar no futuro. Entrar nos eixos. Era isso que todo mundo dizia. Mas de que jeito faria isso? Como, se o presente era um grande buraco negro dentro dela? Se o futuro estava tão distante que ela mal podia ver? Se os eixos tinham se partido em mil pedaços?

Tudo estava diferente. Não havia lugar para Gemma nem para as Gêmeas. Nem para o avô. Para mais ninguém. Nem para a mãe nem para o pai. Parecia que ela estava presa entre dois mundos, sem saber como voltar, sem saber qual escolher. Sem querer escolher.

Gemma ligara para saber se Megan queria ir ao show. Não era uma grande banda nem nada, mas tinha alguns meninos da escola – que elas conheciam, que elas gostavam e tudo o mais.

Megan meio que fez um comentário vago sobre o aniversário do avô.

– Ah, a festa. Tinha esquecido – Gemma sabia de tudo sobre as festas do avô e tinha finalmente o conhecido quando ele veio visitar a neta entre duas sessões de quimioterapia. Ele havia convidado Gemma e as Gêmeas para o próximo aniversário. – Manda parabéns por mim.

Mais tarde, Megan ficou se olhando no espelho para ver se mentir tanto mudava a aparência da pessoa. Não mudava. Passou os dedos por seu cabelo castanho espetado. A cicatriz ainda estava lá. Mesmo tendo passado tanto tempo, encolheu-se toda quando seus dedos a encontraram, aquela leve saliência, aquela curva. Não doía. Na verdade, fazia séculos que não doía mais. Mas só de pensar que ela estava ali... O motivo por trás de sua presença... Era isso que lhe dava calafrios.

Na gaveta embaixo do espelho havia um tubo de gel. Megan passou um pouco no cabelo para ver o que acontecia. Fez uma careta. Uma vassoura de piaçava, era isso que parecia. Toda

espetada em cima e fina embaixo: seu corpo parecia o cabo da vassoura.

Não era um visual bonito. Não aqui, fora do hospital, longe da ala pediátrica.

Abriu as duas torneiras da banheira. Cascatas jorravam com estrondo ao cair no fundo de plástico verde e voltavam fazendo nuvens de minúsculas gotas de água. O barulho era tão alto que Megan nem conseguiria ouvir o telefone: tinha trancado a porta, ligado o exaustor e o rádio do banheiro, que tocava mais estática do que música, em alto volume. A caixa postal é que ia ter que ouvir o avô, se ele ligasse, a mãe ou até o pai, que podia querer começar a discutir o assunto de algum aeroporto no meio do nada.

Ele que tente. Ele que discuta com a própria voz dizendo *Não podemos atender agora, deixe uma mensagem que ligamos assim que possível*. Ele que fique esperando.

Ela não iria ao aniversário.

Megan não costumava tomar banho de banheira. Isso era coisa da mãe, quando queria relaxar e afogar os problemas do dia, como as pessoas fazem nos comerciais de TV. Ela tinha um frasco de uma coisa azul para esses momentos. A garota derramou um pouco daquele líquido. Depois um pouco mais. Bolhas começaram a florescer nas cascatas, pareciam galáxias de estrelas. Ficaram tão grossas que abafaram o som das torneiras abertas. O vapor subiu até o teto e se espalhou, formando nuvens pelo banheiro. Começou a embaçar os azulejos espelhados acima das torneiras.

Ela entrou e se afundou até ver apenas uma echarpe de bolhas ao redor do pescoço, uma barba ao redor do queixo e pingentes de espuma nas orelhas. A banheira brilhava com a espuma cintilante, e logo seu reflexo desapareceu no vapor.

A mãe e a senhora Lemon deviam estar conversando sobre a festa. Quem ia, quem não ia. Não que soubessem de alguma coisa antes da hora. As pessoas da casa de repouso da cidade iriam. O

avô tinha feito uma visita especial para lembrá-las, e todo mundo devia estar limpinho e arrumado quando o dia chegasse. A festa do avô era quase como o Natal.

Ele chamava as pessoas da casa de repouso de Pobres Almas e dizia coisas como *Mas, se Deus me ajudar...* ou algo assim. Quando era pequena, Megan achava que ele estava falando *Mas, se Deus a uva dá...* e não entendia muito bem o que ele queria dizer – a não ser que ir para a casa de repouso não era uma coisa boa. O avô nunca gostou de uvas. As sementes ficavam presas entre os dentes. Naquela época, ele ainda tinha os próprios dentes. O que devia ser uma coisa boa na idade dele.

O avô achava que, assim que completasse um século de vida e recebesse o telegrama que a rainha da Inglaterra costumava mandar, ia parar de dar festas e fazer só uma coisinha simples na sala, só com uns cálices de conhaque e um bolinho, como as Pobres Almas faziam.

Até lá, dizia, acabaria se sentindo como uma delas. Mas jamais iria para uma casa de repouso. Se algum dia ficasse com um parafuso a menos ou não pudesse ir até o porto, teriam que sacrificá-lo, como fazem com os cavalos. Ele não iria parar “num desses lugares”. Dizia que preferia fazer aquela tal de equinácia. Era uma das piadas dele. Queria dizer eutanásia. Queria dizer que, se não fosse para a vida valer a pena, ele não queria viver.

Megan estourou as bolhas ao redor dos dedos dos pés. Muita gente não tinha essa escolha. Muita gente não tinha a oportunidade de viver metade do tempo do avô, nem um quarto.

Talvez menos.

Ela fechou em um décimo.

A espuma escorregadia se afastava como um lento cardume de peixes cintilantes, depois voltava, como se fosse atraída por sua pele. A água estava esfriando. Não tinha espaço na banheira para pôr mais. Já estava batendo na grade que controlava o excesso.

Sentou-se na banheira, encontrou o sabonete e o esfregou nas mãos, formando espuma. As bolhas ao seu redor começaram a estourar, faixas inteiras desaparecendo numa efervescência de pequenas explosões, como se ela estivesse sacudindo uma varinha mágica e não uma barra de sabonete amarelo. As últimas resistiram por algum tempo, mas não muito. Também desapareceram. Suas curtas vidas chegaram ao fim. Assim, de uma hora para outra.

Dezesseis

O telefone tocou, e Megan sabia que devia ser a mãe. Estava na hora da novela. A senhora Lemon devia estar assistindo. A mãe odiava. O avô também.

– Só liguei pra saber se tá tudo bem – pela voz, não parecia mais brava, nem irritada, apenas resignada. – Eu contei pra eles, mas a senhora Lemon disse que sem você não vai ser uma festa de verdade, então tente se sentir melhor logo e vem pra cá – Megan pôde ouvir uma risadinha. – E tem mais alguém que quer falar com você... Aqui tá ela, pai.

Houve um momento de silêncio, e Megan imaginou a mãe passando o telefone para o avô, e ele tentando encontrar o melhor jeito de segurá-lo. Nunca tinha se acostumado com o aparelho, mesmo depois de tanto tempo.

– Oi, minha ovelhinha – disse, enfim, daquele jeito cantado e metálico dele. Ouvir a voz de ancião do avô era como tomar um prato da sopa caseira da senhora Lemon, aquela com lentilha e presunto. Fazia ela sentir fome. Fazia ela sentir o grande buraco negro dentro dela crescer. Fazia os olhos pinicar.

– Sinto muito por não ter ido, vovô.

– Acho que você sente mesmo, tem tanta coisa pra fazer, mas tudo bem.

– Mesmo?

O avô deu uma de suas gargalhadas.

– Claro, ovelhinha. Se você não está a fim de festa, quem sou eu pra te obrigar? Sempre teremos Paris.

Ele jamais esteve em Paris, jamais tinha saído da cidade dele, por causa da perna ruim, que o tinha impedido de ir para a Guerra. Nunca fez nada da vida – dissera, certa vez. Mas ele gostava muito deste filme, *Casablanca*.

– Sempre – disse Megan.

– Você pode vir depois da festa, passar um ou dois dias comigo.

Será que a mãe estava mandando ele dizer aquilo? Será que ela estava do lado dele, incentivando?

– Mas as minhas aulas vão começar logo, vovô, no começo de setembro. Só falta uma semana e meia.

Mais um momento de silêncio, parecia que ele estava tentando solucionar algum problema.

– É, claro. Tinha esquecido – ele se animou. Pareceu sincero, não fingido. Aquilo fez Megan morder os lábios. O avô estava se esforçando tanto para ser positivo, esforçando-se tanto para não ficar magoado nem preocupado. – Você vai ver todas as suas amigas de novo, vai voltar pro futebol e tudo o mais. Claro! Tudo do jeito que era antes. Vai ser ótimo, não vai?

Ela sentiu um aperto na garganta. Pelo tom, quase parecia que nada poderia deixá-lo chateado por muito tempo, e que ele esperava que fosse assim com todo mundo. Mas de que jeito podia saber como ela se sentia? Não podia. Jamais poderia. Podia ter quase noventa e seis anos, mas não sabia.

Noventa e seis anos. Como é que alguém podia viver tanto?

– Você ainda tá aí, minha ovelhinha?

– Estou, vovô. Ainda tô aqui.

Era difícil encontrar as palavras certas. Ela não queria falar com alguém daquela idade, não naquele momento. Não queria comemorar o fato de que algumas pessoas podiam viver quase cem anos e ainda falar como se fossem durar para sempre.

Gemma ligou no dia seguinte, e sua voz não parecia normal.

– Achei que você fosse viajar. Mas a minha mãe disse que te viu entrar no mercado hoje de manhã. Você está bem?

Ela nunca tinha falado tanto de uma vez só. O que só podia significar uma coisa.

Megan ficou em silêncio. Mais mentiras pra contar.

– Pensei em esperar o meu pai voltar. Ir com ele – o relógio começou a badalar. – Ele deve estar chegando. A gente vai amanhã.

– Ah, você não me contou. Achei que fosse contar quando eu liguei.

– É que eu decidi ontem.

– Você poderia ter ido ao show com a gente, então. Dormido aqui em casa. Minha mãe não ia ligar. Ela ia adorar te ver. Quer vir aqui agora?

E fazer o quê, exatamente? As mesmas coisas que faziam antes? Como se nada tivesse acontecido? Como se tudo continuasse igual? Trocar roupas? Passar chapinha? Experimentar maquiagem? Ler a seção da revista onde as perguntas das adolescentes são respondidas? Falar de meninos? Nada ia ser igual de novo, nunca mais.

– Não posso. Meu pai tá pra chegar.

– Quer que eu vá aí, então? Fique até ele chegar?

Gemma estava magoada. Era isso. Ela não batia o pé nem chorava como faziam as Gêmeas quando ficavam chateadas. Só ficava quieta, como sempre, e não acusava nem julgava ninguém e era justa e entendia o problema de todo mundo porque sabia ouvir. Mas dava para perceber pela sua expressão. Geralmente pelos olhos e pela boca. E agora Megan se dava conta de que também podia perceber pelo tom da voz, pela quantidade de palavras que ela tinha dito.

– Ele não vai demorar. Preciso ir.

Gemma se recusou a desligar.

– A gente não é mais amiga?

Pronto. Só um leve tremor, que quem não a conhecia não conseguiria notar. Eram amigas desde o ensino fundamental. Desde os oito anos, quando Gemma entrou na escola e não conhecia ninguém.

– Claro que é – Megan suspirou. Cai fora. Me deixa em paz. Meu pai vai chegar a qualquer momento e não vai estar muito feliz comigo e eu só consigo lidar com um problema de cada vez.

– Bom, não parece. Parece que você não quer saber nem de mim nem das Gêmeas – um momento de silêncio. – Sei que você estava doente, que foi horrível e tudo o mais. E que eu não posso imaginar como é. Mas eu tenho saudade. E você nunca me liga. Nem manda mensagem. Sou sempre eu que mando. E desculpa não ter ido te visitar, mas...

– Mas você estava ocupada... Não tem importância. E, de qualquer modo, o hospital fica muito longe. Eu sei.

– É, sim, tudo isso. E as aulas e tudo. Mas não importa... E eu morri de medo – Gemma estava chorando. – E não sabia o que dizer. Ou fazer. Ou perguntar. Comprei um livro sobre isso, mas nem consegui ler. E procurei na internet e tinha um monte de coisa, fotos de criança e tal, morrendo e tudo e...

Dá pra comprar um livro que fala da sua amiga que tem câncer? Talvez Megan devesse lê-lo e descobrir como é que acham que isso pode funcionar.

– Bom, eu ainda estou aqui – disse Megan, embora essa parecesse a maior mentira de todas. Ela estava e não estava ali.

Um carro se aproximou na rua. Podia ser um táxi. Ela ouviu vozes. Podia ser qualquer um.

– Tá tudo certo, Gemma. É sério. Tenho que ir. Meu pai chegou. Talvez fosse mentira. Talvez não.

Dezessete

O pai ficou sentado bocejando e se espreguiçando. Parecia um gato grande, jogado na poltrona. Tomara banho e fizera a barba assim que chegara, o que o fez ficar parecendo de madeira, todo escuro e brilhante, porque ele estava muito bronzeado. Precisava era dormir, mas não podia subir para o quarto até pelo menos as dez horas, para se livrar do *jetleg*. Ordens da mãe de Megan.

– Meu Deus, mas que durona você é! – disse, bocejando de novo.
– Igualzinho à sua mãe. Aliás, a gente precisa mandar entregar toda a correspondência na casa do vovô, mesmo que só fique fora uma semana. Manda entregar pelo menos uma ou duas contas. Você sabe que ela adora se preocupar com as contas.

Megan se sentou no chão com um monte de coisas que tinham chegado faz tempo, mais a correspondência do dia anterior.

– Tá tudo aqui. Chegou uma pilha hoje de manhã – começou a organizar a papelada, imaginando se o pai já sabia que ela não queria ir com ele.

Os jornais eram do pai, ficavam numa pilha esperando para serem lidos. Ele gostava de dar uma olhada neles para se atualizar sobre o que estava acontecendo no mundo, sentado em sua própria poltrona, em sua própria casa. Mas não estava lendo nada. Só estava sentado e, depois de um tempo, Megan notou que estava olhando para ela. Pronto. Agora ia tentar convencê-la de que

precisava ir para a casa do avô, e ela teria de convencê-lo do contrário.

– Tá olhando pro meu cabelo? – disse, tentando ganhar tempo.

– Não, não é isso – o pai juntou as mãos. Ia soltar a bomba. Uma conversa séria. Parecia ainda mais cansado, de uma hora para outra. Talvez fosse melhor ir para a cama e dormir direto até a manhã seguinte.

– Ouvi dizer que você recebeu uma carta.

Megan gelou. Seu coração começou a bater mais rápido, dando pulos de pânico.

Diz que eu preciso ir para a festa do vovô.

Me obriga a ir. Não fala da carta.

E eu contei tantas mentiras, não quer que eu fale disso?

E a Gemma me odeia. Vamos falar dela.

– Sua mãe me contou. Ela estava chateada, preocupada com você sabe?

O buraco negro voltou e começou a crescer de novo dentro dela. Do mesmo jeito que crescia a cada lembrança, a cada hora passada no hospital que vinha à sua cabeça. E não ia embora. Nunca foi. Por mais que tentasse. Mas o pai ainda estava olhando para ela, como se esperasse uma resposta, que já tinha, como se quisesse que ela lembrasse daquilo mesmo sabendo que doía.

– É, eu recebi uma carta.

– Eu sinto muito. Sinto mesmo. Queria ter te ligado, mas não sabia o que dizer. Queria te ver cara a cara. Mas continuo sem saber o que dizer.

– Não tem problema. Tô bem.

A menina baixou os olhos em direção à correspondência que estava no chão. A maior parte dos envelopes era branca, mas também havia alguns pardos, com janelinhas transparentes que deixavam à mostra letras pretas. O mesmo nome, o mesmo endereço, tudo igual à carta que já havia chegado.

Estava endereçada à mãe dela, o logotipo do hospital dava uma cara terrivelmente oficial. Megan pensou no mesmo instante que houvera um engano, que não tivessem se livrado do tumor afinal de contas.

Lembrou da mãe sentar e abrir o envelope, que revelou um outro.

– A enfermeira Brewster mandou – disse, abrindo o segundo envelope, uma total perplexidade transparecendo em sua voz.

Megan franziu o cenho, mas ainda assim um fio súbito de esperança ganhou vida, como uma vela que está apagando e recebe um sopro de ar no último instante. Claro! Por que *ela* não havia pensado em pedir para a enfermeira Brewster mandar uma carta? Teria sido tão simples.

– É do Jack, né?

– Não é do Jack – a mãe hesitou enquanto lia. Então a entregou para Megan. – É de uma das irmãs dele. Ai, meu Deus. Sinto muito, meu amor.

E Megan entendeu imediatamente.

Sabia o que estava escrito na carta mesmo antes de ler, sabia desde que a enfermeira Brewster dissera que ele não voltaria mais para o hospital.

Como poderia não saber?

Depois de ler algumas linhas, devolveu a carta para a mãe.

– Por que não falam logo?

A mãe dobrou o papel várias vezes, até virar um quadradinho.

– Falam logo o quê?

– Que ele morreu. Por que simplesmente não falam? Ele não tinha nem dezesseis anos – Megan vomitou as palavras.

A mãe nem se mexeu.

– Ele está em paz agora, meu amor. Está num lugar melhor.

– Como é que você pode dizer isso? – gritou. – Ele devia estar *aqui! Aqui* é o lugar melhor.

– Mas não tinha nada que pudessem fazer por ele. Está escrito na carta, você leu. No fim das contas, era isso que ele queria.

A garota bateu a mão na mesa, fazendo tremer as xícaras. O que *a mãe dela* podia saber sobre Jack? Nada. Absolutamente nada.

– *Não era* isso que ele queria. Não era! – berrou, com a cabeça doendo, as mãos ardendo. – Ele queria ser *músico*, queria *viver*. Era isso que ele queria! – a mãe tentou abraçá-la, mas a filha se esquivou. – Não é justo! Como é que ele pôde fazer isso?

Saiu correndo da cozinha e se recusou a chorar de tanta raiva que tinha de Jack. Estava tão furiosa com ele, com a mãe, com o mundo inteiro, que derrubou todos os livros da estante. Eles fizeram bam! bam! bam!, caindo uns sobre os outros no chão. Uma nuvem de poeira se formou. A mãe subiu as escadas correndo.

– Sai daqui! – gritou Megan, um fogo ardendo em algum lugar profundo dentro dela. – Não quero você por aqui. Cai fora, mãe!

Correu até a porta do quarto e se jogou contra ela. Os passos pararam e voltaram para o andar de baixo. Fechou os olhos, bloqueando a claridade do quarto, a respiração vinha curta e ofegante, como se tivesse acabado de correr. Dentro de sua cabeça, ela gritava, o som era tão ensurdecedor que não conseguia mais pensar.

– Mas, olha, não acredito que você esteja *bem* – disse o pai, trazendo-a de volta. – Acho que você não está nada bem. E a sua mãe está preocupada com você – deu um suspiro. – É difícil pra ela te ajudar... se você não falar... ninguém pode ajudar.

Megan não podia suportar olhar para o pai, porque ele a faria lembrar, e lembrar fazia o fogo dentro dela arder ainda mais. Aquilo era ajuda? Por que ele estava fazendo isso? Era melhor não pensar naquilo *de jeito nenhum*, será que ele não conseguia enxergar? Será que a mãe não conseguia enxergar?

– Só vi o Jack uma vez – continuou o pai, como se quisesse torturá-la, falando o nome de Jack assim, como se ele ainda estivesse vivo, respirando e rindo, segurando a mão dela. – Mas fiquei feliz de conhecer o rapaz de quem você não parava de falar.

Ela ficou olhando para a pilha de cartas, então se deu conta do que o pai tinha acabado de dizer.

– Você conheceu.... o Jack?

O pai franziu o cenho e ficou olhando para os próprios dedos.

– Claro que conheci – disse, com um tom perplexo. – Ele veio se enfiando no seu quarto depois da sua cirurgia, exigindo te ver porque ia para casa – Megan gelou. – Quando eu digo “se enfiando”, quer dizer, não foi bem assim.

– Ele veio? Me ver?

– Sim – o pai olhava para a filha como se ela devesse saber daquilo. – Siobhan o levou. Ele estava de cadeira de rodas, mas aquele rapaz era muito determinado – começou a parecer desconfortável, parecia que algo pavoroso estava tomando conta dele. – Disse que precisava terminar uma história. Não entendi muito bem. Você estava muito mal. Eu não conseguia me concentrar.

Jack tinha ido vê-la?

Isso não podia ser verdade.

A cabeça de Megan girava, com mil pensamentos. Se ele tinha ido, *por que* ninguém falou nada?

O pai continuou falando.

– Acho que o Jack sabia que não ia te ver de novo... por isso ele foi... – parou por um instante – ...se despedir.

Megan olhou para os próprios sapatos. Estavam borrados, fora de foco, parecia que não estavam em seus pés. Sentiu um aperto na garganta.

– Eu não sabia – disse, quase num suspiro. – Ninguém me contou. Por que você não falou nada? – uma coisa enorme

começou a tomar corpo dentro dela.

– Ai, Senhor – o pai fechou os olhos e, por alguns segundos, pareceu que nunca mais falaria. Seu rosto ficou ainda mais enrugado. – Você estava tão mal. A gente... pensou que ia te perder... – disse, com a voz embargada. – Ai, meu Deus, me desculpe. Pensei que a sua mãe tivesse contado.

– Mas eu achei que ele tinha simplesmente ido embora... sem falar nada... Esse tempo todo, fiquei pensando... – Estava prestes a explodir, com toda a força.

O pai saiu da poltrona e sentou no chão com a filha. – Não sei o que dizer, meu amor. Não sei mesmo – Megan não conseguia olhar para ele. – Eu sei que é um choque, mas agora que você ficou sabendo, talvez você consiga...

– Não me diga pra seguir em frente. Não me fale pra celebrar a vida, a vida do Jack – disse Megan, num tom firme, frio. – Não me fale. Todo mundo me diz isso. Só isso.

Concordando devagar com a cabeça, o pai pôs os braços em volta dos ombros da filha, suavemente. Ela pôde sentir sua força, seu calor.

– Não vou falar.

– Ele tá morto – as palavras pareciam pedaços de pedra em seu coração. – Não tenho nada pra celebrar, nenhum motivo para comemorar.

– Tem sim, sabia? – o pai se inclinou em sua direção.

Megan sacudiu a cabeça. De repente, sentia-se completamente infeliz.

– Pra mim, o fato de Jack fazer você se sentir desse jeito significa que ele era um rapaz incrível – ela ficou olhando para os sapatos do pai. Para os furinhos no couro que formavam um desenho, o laço duplo que ele sempre dava, o jeito que brilhavam por estarem engraxados. – Ele te fez feliz, te ajudou a enfrentar aquele momento. E o vovô achava ele o máximo por ter feito isso. – Mas

Jack tinha morrido, era tudo o que Megan sabia. – E era forte o bastante pra lutar o tempo todo – prosseguiu o pai. – E isso é muito legal. É um bom motivo para comemorar, você não acha?

– Não consigo – a garganta de Megan fechou, os olhos se encheram de lágrimas. Ela estava no limite.

O pai a puxou para perto de si.

– Não estou falando de sair por aí segurando balões, gritando e dançando. Não estou falando em dar uma festa como a do vovô – Megan mal podia respirar, mas chorar parecia fácil, e agora era só isso que ela conseguia fazer, semanas de choro represado saindo de uma vez só. – Lembra dos bons momentos que você passou com ele, meu amor. É disso que eu estou falando – a voz do pai saiu entrecortada.

– Não sei – choramingou. – Não consigo.

– Consegue sim. Você vai conseguir – disse o pai, com voz firme.

– Você e ele tiveram bons momentos, não tiveram? – Megan fez que sim com a cabeça, encostada no ombro dele. – Lembre-se desses momentos e sorria. Isso pra mim já é uma comemoração – e afastou a filha de si, segurando os ombros dela com suas mãos quentes. Olhou bem nos olhos de Megan. – Ah, meu amor. Um dia você vai conseguir. Prometo. Um dia você vai conseguir comemorar. – Então a puxou de novo para perto e a abraçou como se nunca mais fosse soltá-la.

Dezoito

– Olha, quem é vivo sempre aparece! – a enfermeira Brewster parecia um gigante perto de Megan, com as mãos na cintura, olhando-a de cima a baixo. Pelo tom de voz, parecia espantada. Pela expressão também. Mas isso só durou um instante. Logo voltou a ser a enfermeira Brewster de sempre. – Você perdeu a cerimônia de inauguração. Do novo pavilhão.

Megan ignorou o que ela disse e entregou o presente que trouxera, ainda sem saber muito bem por que tinha vindo. Mesmo depois de tanto tempo, ainda sentia uma queimação no estômago, suas mãos ainda tremiam. Mas só ia ficar um minutinho, só isso.

– Este é pra você.

– Mmmmm, que delícia. É muita gentileza sua, mas você já nos deu um monte de chocolates quando foi embora, lembra?

– Já devem ter acabado, e as enfermeiras adoram chocolate. Foi a minha mãe que mandou – mais uma mentira, mas ela não ligava.

– Estes aqui são meus – e entregou uma sacola plástica. – Pro espaço novo. Se você quiser. Se puder aceitar – havia meia dúzia de seus próprios CDs e DVDs na sacola. – Não são novos nem nada.

– É muita gentileza, Megan, é mesmo – a enfermeira os tirou da sacola e os examinou. – São ótimos, obrigada – então colocou os CDs e DVDs de lado e juntou as mãos. – Mas a gente queria que

você tivesse vindo para a inauguração. Como nossa convidada especial. Por que você não veio?

Megan engoliu em seco. Você *sabe* o porquê, quis dizer. Mas as palavras não saíam.

A mulher olhou para Megan com aqueles seus olhos enormes, quase a imobilizando, como se tivesse muito mais a dizer, muito mais para ouvir. Mas a ala estava uma correria, ela deveria ter um monte de coisas para fazer. Naquele instante mesmo, um bebê estava chorando, uma criança pequena gritava. Talvez ela tivesse que ir.

– Quer ver o novo pavilhão, já que você está aqui? – quando Megan cruzou seu olhar com o da enfermeira, percebeu algo extremamente afetuoso e gentil, só para ela.

Tentou sorrir.

– Não posso demorar. Meu pai tá em casa. A gente... tem que ir para a casa do meu avô hoje. Ele nem sabe que eu vim. Tá dormindo, por causa do *jetleg*, sabe? Não quis incomodar.

– E isso é um sim ou um não?

– A senhora tem um tempinho?

– Claro que tenho. Espera só um segundo – e saiu, deixando Megan sozinha no Posto de Enfermagem. Ela sentiu um tapinha no ombro.

– Ora, ora. Quem está aqui!

– Siobhan!

As duas deram um abraço bem apertado e ficaram sorrindo.

– Você tá *ótima*. Te falei, não falei? – Siobhan parecia encantada.
– Como é que vão as coisas?

Uma pergunta tão simples, tão poucas palavras, mas a resposta era grande demais para ser dada.

– Meu avô vai fazer noventa e seis anos no domingo. Vai dar uma festa.

A enfermeira sorriu.

– Noventa e seis! Que idade fantástica.

– É mesmo – disse Megan, quase perplexa com o orgulho súbito que sentiu por ter um avô dessa idade.

Siobhan apertou seu braço.

– E a volta às aulas? Vai ser incrível, não vai?

Megan concordou com a cabeça, porque parecia que era isso que Siobhan queria. A enfermeira Brewster apareceu, entregou um molho de chaves e trocou algumas palavras em voz baixa com quem estava na recepção.

– Vai ver o pavilhão novo, hein? – disse Siobhan. – Você vai amar! Preciso ir. Não some!

A enfermeira Brewster caminhou a passos largos em direção às portas da ala e as destrancou. Uma andada rápida pelo corredor principal, uma virada à direita, um outro corredor. Os sapatos pretos da enfermeira chiavam quando ela andava.

– Você precisa ter pelo menos treze anos para chegar perto daqui, sabia? Nada de bebês chorando nem de crianças pequenas irritantes, nada de elefantes nem de polvos e nada de personagens da Disney. *Principalmente* nada de personagens da Disney.

Megan deu um sorrisinho amarelo, envergonhada. Tinha reclamado tanto...

– Tem uma mesa de sinuca. Ali tem uma mesa de pingue-pongue, uma sala de estar, uma sala de música, uma sala de silêncio, salas de tudo o que você quiser. E todo mundo que vier pode fazer comentários para melhorar. Ali tem uma caixa de sugestões – a enfermeira franziu o cenho. Haviam chegado a uma porta dupla. Apertou um botão na parede, e as portas se abriram. – Então, é aqui.

Inacreditável. Aquilo não era uma ala de hospital, era... incrível! Parecia uma cena de filme, quase de ficção científica. O lugar tinha cheiro de novo, de pacote recém-aberto.

A enfermeira Brewster abriu a porta de uma das salas e fez um sinal para Megan entrar.

– TVs de tela plana para todo mundo, para não ter briga pela programação – e fechou a porta de novo. – Tem internet, *laptops*, a gente tem instrumentos musicais, *videogames*...

Megan viu algo se mexendo em um telhado ali perto.

– Um gato!

A enfermeira deu uma olhada para fora antes de prosseguir.

– Ah, aquele velhinho. Faz toda vida que ele anda por aqui. A gente chama de Mister Henry.

Megan seguiu adiante, sorrindo, sem conseguir tirar os olhos do gato.

– Sério? – pensou em Kipper, em Jack, e seu coração se encheu de alegria.

– Tem muito gato vira-lata por aqui. A gente chama todos de Mister Henry. Fica mais fácil. Agora, olha isso – outra porta se abriu, revelando uma cozinha. – Para fazer aqueles hambúrgueres e aquelas coisas que vocês parecem gostar. Pizzas. Aqui... – então passou na frente de Megan – é a parede de grafite. Quando a gente abrir, vai chamar um artista para trabalhar com os pacientes.

– Uau! – tudo estava brilhando, cheio de novidades. Em um canto, tinha um pufe roxo enorme. Megan foi até ele, o cutucou com o dedo. O pufe fez um chiado, um farfalhar. A menina se jogou nele e o moldou com seu corpo. Deixou escapar um suspiro de satisfação. – Isso é... demais, parece um hotel de luxo!

– Não parece? – a enfermeira Brewster sorriu. – Estamos todos muito satisfeitos. É claro que vão aparecer uns probleminhas quando tudo estiver funcionando, mas tenho certeza que a gente consegue resolver.

A menina levantou, arrumou o pufe, socando-o para tirar a caverna que seu corpo tinha feito, aquele eco de si mesma. Em

outro canto, havia um sofá, umas espreguiçadeiras, uma mesinha de centro e...

– Isso aqui é tipo uma *jukebox*?

– Exatamente. Meio chamativa, não acha? Tem um monte de músicas. Até conheço algumas – e deu um sorriso. – Acho que a gente consegue colocar os CDs que você trouxe. Não sei como isso aí funciona. Mas alguém deve saber – e guardou a pilha de CDs e DVDs numa prateleira perto da *jukebox*. – Que ótimo. Obrigada. É um bom começo para a nossa coleção. E aqui... – havia outra sala com pufes e um tapete e prateleiras prontas para serem preenchidas. – Um estúdio tranquilo... ou apenas um lugar para ficar longe de todo mundo. – Juntou as mãos e ficou olhando para Megan com um ar sério. – E então, você gosta? Você acha que as pessoas da sua idade vão gostar?

Megan concordou com a cabeça. Ainda estava admirada, ainda estava olhando em volta.

– É simplesmente incrível.

– A gente acha que os jovens com câncer vão ficar bem num lugar assim. Vão se sentir melhor apesar de estarem num hospital. Você acha que vão?

Era difícil assimilar aquilo tudo, era difícil responder.

– Mas... e o tratamento e tudo o mais? Vão ter que ir pra algum outro lugar para fazer as sessões...

A enfermeira sacudiu a cabeça em negativa.

– Vai ser tudo feito aqui.

Parecia tão simples, tão maravilhoso.

A menina ficou parada no meio do pavilhão, absorvendo tudo. Um pensamento lhe ocorreu.

– Como é que tudo foi feito tão rápido?

– Bom, pavilhões como este custam milhões se forem construídos do zero, mas adaptaram a antiga ala de pacientes externos. Faz

séculos que os pedreiros estão trabalhando. Me admira muito que você não tenha notado... em uma das suas andanças.

Megan sorriu. Como é que ela não tinha visto aquilo?

– Aí a gente recebeu uma doação extra... – e abriu as mãos como se fosse segurar o lugar inteiro. – Você vai descobrir de quem quando a gente sair. Bom, é isso. Vamos receber os primeiros pacientes no mês que vem. Vai vir gente de tudo quanto é canto. Acho que esse lugar nunca mais vai ficar tão tranquilo assim – as duas se foram voltando para a entrada.

– Você vai trabalhar aqui?

– É, vou sim – a enfermeira sorriu. – Lembro de uma vez que tive de cuidar de um casal de adolescentes. Só davam problema. – Megan sentiu que estava ficando corada. – Mas eram duas das pessoas mais gentis que eu já conheci. Os faxineiros ainda falam de uma delas em particular, e os oncologistas e o técnico do necrotério...

Então, no fim das contas, não era tudo invenção. Boa, Jack!

As duas foram voltando em direção às portas, de volta ao mundo real do hospital, longe daquele lugar mágico que era o novo pavilhão para adolescentes. A enfermeira apertou outro botão, e ambas passaram pela porta dupla. Então a mulher parou perto de uma placa na parede. Era feita de madeira com palavras entalhadas, pintada de dourado. Megan leu o que estava escrito, sentiu os olhos pinicarem, sentiu seu corpo todo quase desmoronar.

– E então, o que você acha?

A menina não conseguia dizer nada, estava tão cheia de orgulho, de amor, de anseios.

A enfermeira Brewster colocou o braço em volta dos seus ombros.

– Eu sei – disse. – Também acho.

Dezenove

Megan abriu o portão do jardim. O pai ainda devia estar na cama. Ou no banho. Ele gostava de dar uma boa relaxada, como a mãe, com um monte de bolhas. Dizia que nada era igual quando estava fora. O banho nunca era tão bom quanto o de casa.

Não entrou em casa, sentou no banco que o pai fizera embaixo da árvore grande. Por algum motivo, não conseguia pensar direito. Talvez fosse por causa da visita ao hospital. Talvez fosse por ter visto o novo pavilhão, o pessoal da ala de novo. Sua cabeça parecia cheia de imagens e de sons, de lembranças e de perguntas, tudo voando como se fossem peças de um quebra-cabeça que ela não conseguia montar.

Fechou os olhos contra a luz do sol, tomada por tudo aquilo, tentando entender. Um guincho de borracha no chão. Ela conhecia aquele som. Uma cadeira de rodas. Sim. Estava deitada na cama rodeada de todo tipo de máquinas, que apitavam e chiavam. O quarto parecia estar cheio de gente, as palavras daquelas pessoas se misturavam. Mas, mesmo assim, tinha alguém falando em um tom grave e misterioso.

Grande escassez de alimentos naquela terra. Meses não chovia. Dia após dia, sol ardia, céu sem nuvens, grama seca como fruto de café. Árvores também secas, marrons, do mesmo jeito que...

Murmúrios, movimentos sutis. Silêncios e sussurros. Passos. Da enfermeira Brewster, quem sabe. Ou de Siobhan. Ou será que eram

de alguém diferente? Onde era isso, exatamente? Megan reconheceu os sapatos de salto baixo da mãe, que faziam tec-tec no chão, e os laços do sapato do pai, que rangiam quando ele andava. Uma tossida. Alguém fungando. A voz prosseguiu, aos trancos. Ela conseguia pegar alguns pedaços, outros se perdiam.

...Senhor Anansi acordou, manhã seguinte, vestiu casaco longo, cartola e bolsa preta, e pegou estrada para País dos Peixes. Quando chegou lá, pegou sala, pendurou placa: M. Anansi. Cirurgião...

Megan tentou encontrar Jack. Aquela era a voz dele, mas só havia escuridão. Mas ainda assim ele estava lá, dominando o lugar, falando como um velho de uma terra distante.

...primeiro paciente foi peixe muito grande... Anansi olhou no olho dela de todo ângulo... levou muito muito tempo... de repente ele vai e diz “Seu olho é fraco, mas acho que posso ajudar”...

Megan entrava e saía da história à medida que as palavras caíam à sua volta. Tinha um golpe de mestre e alguém precisava dar dinheiro e, ai, como ela queria guardar todas aquelas palavras, porque era Jack que estava no quarto, bem perto, tão perto que podia tocá-lo.

...e tola, tola, a peixe pagou ele e pegou estrada pra casa... Anansi atravessou o rio rapidamente...

Mais movimentos. O chiado dos sussurros pairava no ar. A voz de Jack começou a sumir à medida que a história chegava ao fim. Ouviu-se o guincho da borracha de novo, as rodas da cadeira dele girando, o som indo cada vez mais longe.

Outra porta. A porta dos fundos de sua própria casa. O pai dava passos largos em sua direção, de óculos escuros, as mangas da camisa dobradas, deixando os braços bronzeados à mostra. Parecia grande e forte.

– Oi. Você tava aí no seu mundinho – sentou-se no banco ao lado dela. – Que foi? Se tem a ver com o vovô, não se preocupa. A gente dá um jeito.

Megan enxugou os olhos.

– Não é isso. É que... eu lembrei da história que o Jack contou. De uns pedaços dela, pelo menos – passou o braço no do pai, que o apertou. – Era a história de um peixe – continuou. – Anansi dá um golpe no peixe pra ficar com o dinheiro dele. Ele se finge de médico. Era isso? Alguma coisa por aí?

O pai franziu o cenho.

– Sabe, acho que era, sim. Quer dizer, ele falava com um sotaque engraçado, era difícil de entender, mas era por aí, sim. Eu acho.

Megan sorriu.

– Eu sabia.

– Bom, eu nunca pensei... que você fosse lembrar disso.

– E onde é que eu tava? Não era no meu quarto. Eu tava em outro lugar?

O pai fez uma pausa, pareceu incomodado. Ficou olhando para o nada.

– Um lugar chamado CTI... – então olhou para a filha, a expressão era carregada, de dor. – Ai, você tava tão mal, meu amor.

Megan se encostou no pai, pousou a cabeça no ombro dele.

– Mas eu estou melhor agora, pai. Você sabe que eu tô – ela tinha vencido aquela batalha, diziam, mas parecia uma vitória insignificante, já que Jack tinha perdido, e Kipper também.

Ele piscava como se o sol o incomodasse.

– É, você tá. Graças a Deus.

Os dois ficaram sentados em silêncio por um tempo.

– E onde você foi hoje de manhã tão cedo? Eu acordei e você não estava em casa. Não queria ficar me intrometendo, já que você estava tão chateada ontem à noite, mas já que você me disse que tá

melhor, resolvi perguntar – ergueu as sobrancelhas e olhou para ela por cima dos óculos escuros.

– Fui até o hospital, ver o pavilhão novo.

O pai fez uma cara de surpresa.

– Sério? Achei que você não quisesse ir lá.

– Eu não queria mesmo. Mas agora tem um ônibus direto, então eu fui – parecia inacreditável, mesmo que só tivesse passado uma hora ou algo assim desde que ela estivera no hospital. – Resolvi ir.

Um suspiro.

– Você foi muito corajosa de ir lá sozinha.

Mais silêncio, apesar de o jardim ao redor deles estar cheio de pássaros.

O pai finalmente olhou para o relógio.

– Tem alguém que precisa ir andando. Tem que ir a uma festa – então se virou para Megan. – Sabe, quando tudo isso passar, e as aulas começarem e tudo mais, você vai ter uma rotina, uma hora pra acordar, uma hora pra dormir. Vai conseguir voltar ao normal, mais ou menos. Ter sua vida de volta. E eu sei que todo mundo diz isso, mas acho que você consegue – disse, como se tivesse esperança de que aquilo realmente acontecesse. – Eu sei que você consegue.

Megan não tinha tanta certeza.

– No pavilhão novo, tem uma placa, com letras douradas e tudo. E o nome do Jack. Eles deram o nome de Pavilhão Jackson Dawes. A enfermeira Brewster me mostrou.

– O hospital recebeu dinheiro da família do Jack. Era dele. Quer dizer, ia ser dele quando fizesse vinte e um anos – virou-se para olhar a filha de frente, os olhos fixos nos dela. – Você acha que ele ia gostar? Que ele aprovaria?

– Sim... Acho que ele ia gostar, mas eu queria...

– O que você queria, meu amor?

Como encontrar as palavras? Querer o impossível era uma perda de tempo tão grande e, mesmo assim...

– Espero que o Jackson tenha morrido feliz – disse logo. – Ele queria fazer tanta coisa e queria viver e tudo, então não sei como podia ficar feliz com isso, mas espero que ele tenha encarado isso numa boa. Espero mesmo.

Era isso. A coisa que ela não sabia e não conseguia entender. Parecia um quebra-cabeça com uma peça faltando. Tinha estado lá o tempo todo, devorando-a por dentro, sabe-se lá desde quando, e só agora tinha conseguido entender, pôr um ponto final.

Se pelo menos pudesse ter certeza de que ele tinha encarado aquilo numa boa.

Ter sobrevivido não seria tão ruim.

E o avô ia dar uma festa no domingo, e todas as Pobres Almas iam dançar e cantar e comer enroladinhos de salsicha. E todo mundo ia dizer que ele estava incrível para a idade dele.

Mas Jack e Kipper é que eram realmente incríveis, certo? E todos os outros que *não* sobreviveram.

O pai colocou as mãos nos bolsos.

– Megan, você leu a carta que a irmã do Jack te mandou? – ela fez que sim com a cabeça, sentindo-se mais melancólica do que um dia de inverno. – Quer dizer, não só a parte em que ela conta que o Jack morreu. Você leu a carta toda? Até o fim?

– Não – Megan gelou, como se ele tivesse lhe jogado algo frio e fosse jogar de novo. – Eu não quero ler... Não *preciso*.

Não fazia sentido.

Nada ia mudar.

A carta tinha sido sua companheira constante desde que havia chegado, mas ela devia ter jogado aquela coisa horrível fora.

O pai ficou parado ali, impassível.

– Onde é que ela está, meu amor? – Megan se recusou a responder, como uma criança birrenta. – Tá no seu quarto? Você jogou fora? – ele ficou esperando como se não tivesse que pegar

um trem, que ir a uma festa, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Finalmente, Megan tirou o quadrado de papel dobrado do bolso e o atirou no pai. Não queria mais aquela coisa. Que sentido fazia carregar aquilo por aí o tempo todo? Parecia uma menininha boba e apaixonada, uma daquelas garotas que escreviam para a revista contando seus problemas, até parecia que aquilo era uma parte dela.

Aquilo não ia trazer Jack de volta.

– Eu *sei* o que está escrito. Sua mãe leu pra mim ao telefone. *Tudinho* – o pai olhou em volta do jardim como se procurasse uma resposta para uma pergunta impossível de ser respondida. – Mas você *não sabe* e nunca deixa sua mãe tocar no assunto e, pra ser sincero, acho que você tem sido meio boba. Meio, não: completamente boba – a pequena veia azul em sua têmpora parecia rígida, os lábios estavam apertados, formando uma linha fina.

Como é que ele ousava ficar bravo? Megan é que tinha tido a cabeça aberta, feito quimioterapia e tudo, e tinha perdido Jack e a vaga no time de futebol e o cabelo e a pobre da Kipper e, ah, a lista era tão longa que podia dar uma volta na Terra. Como é que o pai ousava ficar bravo com ela?

A carta tinha ficado grudada na mão de Megan, ela podia senti-la, quase soldada nos dedos.

O pai relaxou um pouco.

– Olha... Eu só quero que você encare a situação como um todo, só isso, não apenas as partes que doem. Não é só dor. Você não pode transformar tudo em dor.

Megan não disse nada. Doía mesmo. Tudo doía.

– Preciso me arrumar pra sair – o pai suspirou. Parecia que de repente tinha ficado muito difícil suportar aquilo tudo, e ele queria que a mãe de Megan estivesse ali para assumir a situação. – Preciso pegar o trem. Queria que você fosse pra casa do seu avô,

mas... – então tocou de leve a bochecha dela, mesmo que a sua expressão estivesse dura como pedra. – Mas isso não é tão importante assim. Você vai ficar bem com a Gemma. Eu falo com a sua mãe. O importante é você tirar um tempo, já, pra ler esta carta, até a última palavra. Tá ouvindo? Não quero que você entre por aquela porta até ter feito isso.

Então deu as costas para ela e entrou em casa.

Megan ficou olhando, de boca aberta.

O pai nunca tinha mandado nela assim. Ele era o legal, o fofo, que voltava do trabalho trazendo presentes e era alegre e divertido e deixava as coisas como pagar as contas e cozinhar e estabelecer regras para a mãe. Nunca tinha mandado ela sair de perto. Nunca tinha obrigado Megan a fazer o que ela não queria.

Mas agora ele estava ali, mandando a filha fazer algo que ela não conseguia.

Vinte

Ruídos normais, do dia a dia, tomavam conta do jardim. Crianças brincavam em algum ponto da rua, um cachorro corria atrás da bola. Dentro de Megan, nada parecia normal. Ela estava isolada de tudo, uma estranha olhando para dentro. Ou talvez o contrário.

Desdobrou a carta, alisando as marcas profundas que tinham ficado no papel. Parecia um monte de quadradinhos grudados uns nos outros, meio mal-ajambrados.

Que nem eu.

Olhou para trás, para a própria casa, e viu o pai na cozinha. Estava ao telefone. Provavelmente falando com a mãe. A voz dele chegava pela janela, batia papo como se nada tivesse acontecido. Ou tudo.

A carta voava de leve na brisa, parecia querer lembrar Megan de sua presença. Não fazia sentido não lê-la. Não podia doer mais agora do que no dia em que chegara. A menina se encostou na árvore, os galhos estavam cheios de folhas, que já mudavam de cor. Uma ou duas tinham caído no chão. As coisas estavam seguindo em frente. Abriu a carta, alisou-a bem.

Cara senhorita Bright,

Minha mãe pediu que eu lhe escrevesse e contasse que Jackson perdeu sua batalha contra o câncer na semana passada.

Ela achou que você gostaria de saber e pediu: você pode contar para Megan?

O hospital fez tudo o que podia por ele, mas, como diz a minha mãe, Deus tinha outros planos para Jackson, e precisamos aceitar isso. Estamos tentando não ficar tristes. Jackson não ia querer isso, mas temos muita saudade dele, do seu bom humor, do seu sorriso. Você o conheceu, então sabe do que eu estou falando.

É muito difícil para a minha mãe, é claro, mas ela quer que eu lhe transmita esta mensagem:

Jackson falava de Megan o tempo todo. Todos achamos que ela tornou a doença e o fim de sua vida muito mais fácil. Megan estava lá com ele, em sua cabeça e em seu coração, e agradeço a Deus pela alegria que ela lhe proporcionou e por tê-lo ajudado a enfrentar aquela situação. Ela estava lá quando ele precisava, e isso o deixava feliz.

Por favor, diga para ela que somos muito gratos por isso. Esperamos que Megan esteja bem e continue bem.

*Em nome de Elvira Dawes,
Josephine Dawes.*

A letra era perfeita, parecia que Josephine Dawes escrevera com todo o cuidado, como se a senhora Dawes, redonda como uma bola, tivesse ficado atrás da filha, dizendo exatamente o que escrever, que palavras usar e de que maneira. Eram dizeres simples e objetivos. Sem esconder nada, sem querer que nada parecesse melhor do que era. As duas deveriam ter ficado com o coração despedaçado só de fazer isso. Devia ter sido um grande sofrimento ter de mandar essa carta.

Megan ficou olhando para aquelas palavras, para absorvê-las, para sentir o trabalho que dera escrevê-las, o respeito, o amor.

Porque a família de Jack o amava, sim. Em algum momento ela tinha esquecido disso. E eles o perderam. Não era de admirar que o pai estivesse bravo, já que a mãe e a irmã de Jack tiveram que se sentar e escrever aquelas palavras, e a filha se recusava a lê-las.

Por fim, dobrou a carta com muito cuidado, seguindo as marcas que a mãe fizera.

Não era uma carta horrível. De jeito nenhum.

Era uma carta adorável.

Não a odiava, nem um pedacinho dela, nem mesmo as palavras que diziam que Jack estava morto.

Quando a colocou de volta no bolso, Megan encontrou outra coisa. Era o desenho que terminara de fazer na noite da cirurgia dele. Um pouco maior do que uma foto 3 × 4. Recortara-o e o mantinha perto dela desde que a carta chegou, um ritual para lembrar do garoto, regular como escovar os dentes ou lavar o rosto. Mesmo assim, recusava-se a olhar para o desenho, do mesmo modo que se recusava a ler a carta.

Ficou chocada quando se deu conta do quanto ele estava amassado. Se continuasse a andar com ele por aí, o desenho ficaria destruído. E aquilo era tudo o que ela tinha de Jack.

Olhou para o papel sob o sol da tarde. Conseguira capturar um pouco da vida que havia nos olhos dele, a felicidade que irradiava de seu rosto, parecendo que jamais o abandonaria.

– Você era novo demais – sussurrou.

Parecia que Jack não ligava de ser novo nem de ser amassado, nem de ficar no bolso dela. Era como se dissesse:

Beleza.

Não se preocupe comigo.

Eu tô bem.

Tô num lugar onde as abelhas não picam,

e o sol não arde,

e não existe mais encrenca nem dor.

Megan ficou olhando para o desenho, absorvendo as linhas e as curvas do rosto do garoto, até seus olhos e sua cabeça, seu coração e sua pele ficarem tomados por ele, que jamais seria apagado de sua memória, capturando seus ecos, suas lembranças, para que Jack estivesse com ela de novo.

Um movimento na cozinha. Megan se virou e viu o pai olhando para ela pela janela, querendo que tudo estivesse bem. Partiria em algumas horas e queria que a filha pegasse o trem com ele. Parecia tão sozinho parado ali, tão preocupado.

Se ela pudesse dizer que estava bem, pudesse mostrar que era verdade, o pai se sentiria melhor, ele, a mãe, o avô, e todas as pessoas que andavam preocupadas com ela se sentiriam melhor. Só estavam tentando seguir em frente, como se tivessem tido câncer também. Mas não seguiriam em frente, não sem ela. E era assim que as coisas ficariam, assim que seriam, até Megan dar o toque, fazer o sinal.

A decisão estava em suas mãos.

O ar estava parado. Nem uma folha se mexia. Nada de pássaros nem de ruídos. Era como estar dentro de uma bolha de novo, com o mundo ao seu redor implorando para entrar. Ela tinha que deixar o mundo entrar. Tinha que dar o toque, fazer o sinal, assumir o controle de novo.

Não era tão difícil pegar o trem com o pai, ir à festa, comemorar.

Não era tão difícil escrever para a família de Jack, agradecendo por terem se dado ao trabalho de mandar a carta. Talvez pudesse mandar o desenho para eles. Uma cópia.

Poderia fazer tudo aquilo.

O ar à sua volta se mexeu, como se tivesse recebido permissão para isso. Uma brisa leve sacudia as folhas, fazendo-as voltar à vida.

Mas só tinha uma coisa.

Nada daquilo podia acontecer até ela falar com Gemma, contar tudo. Precisava começar por Gemma.

Megan pegou o celular. Foi o primeiro número que apareceu. Sempre foi assim. Sempre seria.

– Gemma?

Houve um instante de silêncio, como um intervalo entre um relâmpago e um trovão, um instante em que você fica esperando o estrondo não ser tão alto, tão assustador. Ficou imaginando se Gemma não ia simplesmente desligar o telefone, recusar-se a atender. Megan não a culparia, não ficaria surpresa. O que merecia além disso?

– Oi – a voz de Gemma saiu baixinha, indiferente. – Então você ainda não foi viajar?

Parecia uma acusação.

– Vou no trem das seis – era verdade. Chega de mentiras. – Preciso fazer as malas e tudo, mas...

Um motor de carro rugiu e, em seguida, uma nuvem de pássaros explodiu na árvore da casa vizinha. Megan nunca tinha visto tantos pássaros voando de uma vez só. Ficou observando-os derreterem no céu como se nunca tivessem existido.

– Você ainda tá aí? Megan?

– Desculpa. Tô sim. Eu queria perguntar... se eu posso ir aí. Bem rapidinho? Quando eu terminar de arrumar minhas coisas.

– Tá... – Gemma não parecia ter muita certeza, como se aquilo pudesse ser uma piada de mau gosto e não confiasse mais em Megan. Logo ela, a sua melhor amiga e tudo o mais.

– É que... eu preciso te contar uma coisa.

Então Megan começou a chorar, porque se deu conta, tão de repente quanto aqueles pássaros saíram voando daquela árvore, de que Gemma teria entendido se ela tivesse contado antes.

Semanas antes.

Meses antes.

Ela saberia o que dizer.

Não tinha nada a ver com ter câncer ou um tumor maligno ou fazer quimioterapia. Aquelas coisas das quais as amigas dela tinham medo. Tinha a ver com um menino, simples assim. E elas poderiam ter rido juntas com a história de Jack, de todas as coisas que ele disse e fez, e de todas as encrencas nas quais ele se metia.

E então teriam chorado juntas.

Ela teria se sentindo melhor.

Mas agora estava ali, sozinha. Chorando.

– Megan? O que que foi? Estou indo aí. Já – Gemma. Magoada e esquecida. Gemma, que não suportava ver ninguém chateado, muito menos sua melhor amiga.

– Não, tá tudo bem... eu preciso... te falar de alguém que eu conheci – disse Megan, enfim, passando a mão devagar sobre os olhos. – Alguém do hospital.

Mais um instante de silêncio. Como se fosse Gemma quem estivesse tentando montar um quebra-cabeça impossível, como Megan fizera, e tivesse encontrado agora a peça que faltava.

– Qual o nome dele? – perguntou Gemma, com um tom gentil. É claro que ela sabia que tinha a ver com um menino, mesmo que ninguém tivesse contado.

O mundo pareceu se mover naquele instante, como se tivesse sido tirado do lugar por algum terremoto ou vulcão terrível. Estava voltando ao lugar onde deveria estar. Mas nunca seria exatamente igual. Como poderia ser? Mas, por algum motivo, aquilo já era o suficiente.

– Jackson – Megan começou a falar, como se tivesse uma longa, longa história para contar. – O nome dele era Jackson Dawes.

*Jackson Dawes, da altura das portas,
parado em pé com aquele chapéu velho e surrado,
cantando aquelas velhas canções,
dedilhando o suporte do soro
como se fosse um contrabaixo.
Badum, dum, dum, dum; badum, dum, dum.
Seus quadris gingham de leve,
a cabeça acompanha,
o sorriso é largo,
do tamanho do sol,
como se aquele fosse um dia qualquer,
como se o mundo não pudesse ficar melhor,
como se o futuro fosse mais brilhante que as estrelas.*

Minha inspiração para Uma canção para Jack

O que me inspirou a escrever este livro? Essa é uma pergunta tão difícil de responder. Não consigo precisar a data ou a época em que a inspiração veio. Não sei se eu estava sentada no ônibus ou no trem ou se simplesmente estava em casa, olhando pela janela. Não sei se vi uma foto, assisti a um filme ou li um livro ou se estava apenas olhando para o nada em vez de trabalhar. Com certeza, não estava sentada numa ala de oncologia pediátrica e tenho quase certeza de que nenhuma luz se acendeu em minha cabeça. Meu cérebro não funciona assim.

Essa história surgiu – e isso é tudo o que eu posso dizer – de uma série de histórias que vagavam dentro de mim. Às vezes, chegava à superfície, mas depois saía nadando, como uma espécie de peixe misterioso. Talvez nunca tivesse sido pescada, talvez a história jamais fosse escrita se não fosse por algumas pessoas muito boas que disseram. *É essa a história que a gente quer. Aquela, do menino e da menina que se conheceram no hospital.*

Ainda bem que essas pessoas existem, porque elas estavam certas. Entendo de hospital, porque já fui enfermeira. Entendo de jovens, porque já fui uma e ainda lembro como isso às vezes pode ser difícil. Entendo de doenças e de como elas podem afetar as pessoas. E escrever sobre aquilo que você entende costuma ser a melhor maneira de começar.

Mas eu não queria que a história se restringisse a dois adolescentes presos numa ala pediátrica. Não podia escrever só sobre Megan e Jackson, porque eles têm mães e pais e amigos que também são afetados pelo fato de eles estarem no hospital. Não podia escrever só sobre como Megan e Jackson se sentiam – muito

mal em certos momentos – sem pensar nem explorar como as famílias e os amigos deles se sentiam – muito mal também.

Todo mundo se sente perdido de vez em quando, como um naufrago que chega a uma ilha sem nenhuma esperança de sair dela. Às vezes, esquecemos que temos pessoas que nos amam e vão tentar fazer tudo o que estiver ao seu alcance para nos ajudar. Às vezes, esquecemos que somos mais fortes do que pensamos. Acho que Megan e Jackson eram muito mais fortes do que pensavam.

Acho que eles foram minha inspiração.

Sim. Acho que essa pode ser a resposta.

Celia Bryce

Agradecimentos

Sou muito grata: à Sam Smith, consultora de enfermagem do Fundo para o Câncer na Adolescência (da Fundação Christie NHS, em Manchester), que leu diversas passagens do livro e me deu consultoria sobre procedimentos médicos e de enfermagem. À Sandra Barlow, enfermeira-chefe (da Unidade de Adolescentes com Câncer da Royal Victoria Infirmary, em New Castle), que me mostrou o maravilhoso pavilhão em Tyneside. À doutora Kate Hodges, ao doutor Steve Hodges e ao enfermeiro Paul Heslop, que me ajudaram dando diversos detalhes sobre o funcionamento de um hospital. Aos meus grandes amigos de escrita: Sonia Royal, Dorothy Brownlee e Michael Doolan, que leram meu texto original e me deram suas valiosas opiniões e análises críticas. Aos meus jovens amigos e conhecidos: Sara Bradshaw, Amy Brown, Kate Hudson, Lucy Hudson e Kate Walmsley, que se deram o trabalho, ao longo dos anos que levei para escrever este livro, de ler uma ou mais de suas muitas versões e compartilharam comigo suas opiniões sobre a história. Aos integrantes do Grupo de Escritores de Marsden, que acompanharam com paciência cada passo dessa incrível jornada de escrita. A Helen Corner e Kathryn Price, da Consultoria Literária Cornerstones, que me deram excelentes conselhos editoriais quando a história ainda era nova e precisava ser muito reescrita. A James Catchpole, da Agência Literária Celia Catchpole, que pôs fé o bastante na história de Megan e de Jackson para me aceitar e depois trabalhou incessantemente até encontrar uma editora para mim. À Emma Matthewson e à equipe de editores da Bloomsbury, que trabalharam comigo por dezoito meses, polindo e refinando meu original, transformando-o em um livro do qual me orgulho e me convertendo

em uma escritora muito, muito feliz. Ao meu marido, Colin, e às minhas filhas, Lucy e Kate, que me deram seu apoio incondicional e que, eu sei, sempre vão compartilhar comigo o meu sonho de escrever. E por fim, um agradecimento muito especial, de coração, às famílias de Deanna e Vaila, que gentilmente permitiram que eu dedicasse esse livro a elas.



Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para
opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

Conheça-nos melhor em

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr